



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Daniela Capri

**A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e o bibliotecário
escolar: uma proposição de parceria**

Florianópolis

2023

Daniela Capri

**A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e o bibliotecário
escolar: uma proposição de parceria**

Dissertação submetida ao Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre na Área de concentração Organização representação e mediação da informação e do conhecimento, eixo temático Profissionais da informação, competência em informação e publicação científica, a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.^a Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho Dra.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Capri, Daniela

A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e o bibliotecário escolar : uma proposição de parceria / Daniela Capri ; orientadora, Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, 2023.
175 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. saúde na escola. 3. biblioteca escolar. 4. promoção da saúde. 5. bibliotecário. I. Jacintho, Eliana Maria dos Santos Bahia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

Daniela Capri

A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e o bibliotecário escolar:
uma proposição de parceria

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em XXX de dezembro de 2023,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, Dra.
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Gisela Eggert Steindel , Dra.
Instituição Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Prof. Clovis Ricardo Montenegro de Lima, Dr.
Instituição Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado
para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Profa. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2023.

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas
que sofrem, e por falta de informação e acesso
à saúde se perdem ainda mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha orientadora professora Eliana Maria dos Santos Bahia por estar comigo desde a graduação, por ver meu potencial e me incentivar a entrar no mestrado. Por respeitar meu tempo e não desistir de mim. Por toda a orientação, compreensão e parceria. Sem você este trabalho não existiria.

Ao meu pai Alberto e a minha mãe Rosane por todo amor, apoio, compreensão e as longas conversas, seja por telefone ou pessoalmente. Se vocês não fossem meu suporte e não tivessem me incentivado desde cedo a estudar e trilhar meus próprios caminhos esta dissertação hoje não seria possível.

À minha irmã Andresa, que sempre esteve comigo, em todas as caminhadas da minha vida e que em especial neste trabalho me auxiliou, colocou seu carinho e seu trabalho à disposição e é a responsável pelos mapas que ilustram a pesquisa.

Ao Alex, meu melhor amigo, meu namorado, meu esposo, que sempre topa as minhas loucuras, que me dá todo o apoio, que me deixa mais centrada e focada, que escuta minhas reclamações e me ajuda quando preciso de uma opinião sincera.

A todos os meus amigos que acompanharam a construção deste trabalho e me apoiaram. Um agradecimento especial à Juliana Gulka que leu, contribuiu, tirou dúvidas e se fez sempre presente. Ao Guilherme, que auxiliou no contato com os bibliotecários da RMEF, e que sempre que necessário estava disponível para intermediar e ajudar no que fosse preciso. À Morena e José Paulo os quais sempre que havia uma dúvida ou um anseio me ajudaram e indicaram materiais. À Marchelly que mesmo distante sempre esteve perto e me apoiando.

Agradeço ao professor Clóvis Ricardo Montenegro de Lima, que me apresentou à área da saúde, que contribuiu imensamente para a construção deste trabalho e que está sempre disposto e de braços abertos para ajudar.

À professora Gisela Eggert Steindel, por sua disponibilidade e pelas contribuições para a pesquisa que começaram na disciplina Tópicos Avançados em Gestão da Informação (TAG): Biblioteca Escolar: Prescrições, Diretrizes, Contextos e Práticas e se estenderam à banca de qualificação e defesa.

Agradeço à Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) por permitir que este trabalho fosse realizado e por sempre responderem e retornarem as minhas dúvidas com rapidez e cordialidade.

Aos bibliotecários escolares e diretores que disponibilizaram seu tempo para contribuir com a pesquisa, que confiaram em meu trabalho e que compartilharam seus conhecimentos, seus anseios e suas dúvidas e que principalmente, estão abertos buscando melhorar e expandir sua área de atuação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Sabemos que os bibliotecários escolares e as bibliotecas escolares desempenham um papel importante no apoio à leitura dos jovens e ao seu desempenho acadêmico. Mas as bibliotecas escolares podem desempenhar um papel mais diversificado na vida dos alunos, entre os quais o de apoiar o seu bem-estar.”

(Merga, 2020a, tradução nossa)

RESUMO

O ambiente escolar, por ser um espaço em que os atores estão abertos a aprender, é considerado propício para práticas de promoção e educação em saúde. A biblioteca escolar está inserida neste contexto e tem como premissa a disseminação de informações para diminuir desigualdades e promover cidadania. Para que esta condição venha a ser atingida é necessário que profissionais qualificados trabalhem nestes espaços, e o profissional qualificado neste caso é o bibliotecário escolar. Este trabalho tem como objetivo discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde das comunidades. Para atingir este objetivo foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica a fim de verificar nacional e internacionalmente iniciativas de promoção da saúde desenvolvidas por bibliotecários em escolas; como segunda etapa foi aplicado um questionário com diretores das Escolas Básicas Municipais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) tendo como premissa, identificar iniciativas de atenção primária de saúde desenvolvidas nas escolas municipais de Florianópolis. Na terceira e última etapa foram entrevistados bibliotecários atuantes na RMEF para compreender sua atuação e entendimento sobre o tema saúde e a partir de suas respostas discutir a percepção dos bibliotecários escolares da RMEF sobre seu papel na promoção da saúde da comunidade. A pesquisa bibliográfica resultou em uma lista de ações de promoção da saúde realizadas em âmbito nacional e internacional por bibliotecários em escolas. A partir da pesquisa empírica pode-se concluir que as escolas realizam iniciativas de OS, no entanto os bibliotecários não participam e não estão cientes da maioria delas. Embora não participem das iniciativas desenvolvidas pela escola, os profissionais desenvolvem ações em parceria com professores e percebem que podem vir a ter um papel importante como promotores de saúde, no entanto sentem falta de recursos e não se sentem capacitados para abordar o assunto com os estudantes.

Palavras-chave: saúde na escola; promoção da saúde; biblioteca escolar; bibliotecário.

ABSTRACT

The school environment, as it is a space in which the players are open to learning, is considered conducive to health promotion and education practices. The school library is part of this context and its premise is to disseminate information in order to reduce inequalities and promote citizenship. In order for this condition to be achieved, it is necessary for qualified professionals to work in these spaces, and the qualified professional in this case is the school librarian. The aim of this paper is to discuss the potential for action by municipal school librarians in Florianopolis to promote community health. In order to achieve this objective, a bibliographical survey was initially carried out in order to verify national and international health promotion initiatives developed by librarians in schools; as a second stage, a questionnaire was applied to principals of the Municipal Basic Schools of the Florianopolis Municipal Education Network (RMEF) with the premise of identifying primary health care initiatives developed in the municipal schools of Florianopolis. In the third and final stage, librarians working in the RMEF were interviewed to understand their role and understanding of the subject of health and, based on their responses, to discuss the perception of RMEF school librarians about their role in promoting community health. The bibliographical research resulted in a list of health promotion actions carried out nationally and internationally by school librarians. From the empirical research, it can be concluded that schools carry out health promotion initiatives, but librarians do not take part and are not aware of most of them. Although they don't take part in the initiatives developed by the school, the professionals develop actions in partnership with teachers and realize that they can play an important role as health promoters, however they lack resources and don't feel trained to address the subject with students.

Keywords: health at school; health promotion; school library; librarian.

RESUMEN

Dado que el entorno escolar es un lugar abierto al aprendizaje, se considera favorable para las prácticas de promoción y educación para la salud. La biblioteca escolar forma parte de este contexto y tiene como premisa difundir información para reducir las desigualdades y promover la ciudadanía. Para que esta condición se cumpla, es necesario que profesionales cualificados trabajen en estos espacios, y el profesional cualificado en este caso es el bibliotecario escolar. El objetivo de este trabajo es discutir el potencial de acción de los bibliotecarios escolares municipales de Florianópolis para promover la salud de la comunidad. Para alcanzar este objetivo, inicialmente se realizó un relevamiento bibliográfico con el fin de verificar iniciativas nacionales e internacionales de promoción de la salud desarrolladas por bibliotecarios en las escuelas; como segunda etapa, se aplicó un cuestionario a los directores de las Escuelas Básicas Municipales de la Red Municipal de Educación de Florianópolis (RMEF) con la premisa de identificar iniciativas de atención primaria a la salud desarrolladas en las escuelas municipales de Florianópolis. En la tercera y última etapa, los bibliotecarios que trabajan en la RMEF fueron entrevistados para entender su papel y comprensión del tema de la salud y, a partir de sus respuestas, discutir la percepción de los bibliotecarios escolares de la RMEF sobre su papel en la promoción de la salud de la comunidad. La investigación bibliográfica dio como resultado una lista de acciones de promoción de la salud llevadas a cabo a nivel nacional e internacional por bibliotecarios escolares. A partir de la investigación empírica, se puede concluir que las escuelas llevan a cabo iniciativas de promoción de la salud, pero los bibliotecarios no participan y desconocen la mayoría de ellas. Aunque no participen en las iniciativas desarrolladas por la escuela, los profesionales desarrollan acciones en colaboración con los profesores y se dan cuenta de que pueden desempeñar un papel importante como promotores de la salud, sin embargo, carecen de recursos y no se sienten capacitados para abordar el tema con los alumnos.

Palabras clave: salud en la escuela. promoción de la salud. biblioteca escolar. bibliotecario.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ações de saúde a serem desenvolvidas pelo PSE de acordo com o Decreto 6.286.	34
Figura 2 – Panorama da adesão dos municípios brasileiros por estado ao PSE – ciclo 2021-2022.	36
Figura 3 – Análise das necessidades de informação.....	41
Figura 4 – Caracterização da pesquisa.	48
Figura 5 – Mapa da localização aproximada das unidades educativas selecionadas como amostra da pesquisa e localização do posto de saúde com maior número de atendimento.....	57
Figura 6 – Mapa das unidades de ensino que participaram da pesquisa.	59
Figura 7 – Etapas da análise de conteúdo.....	61
Figura 8 – Listagem dos códigos criados, número de citações, comentários e tema (Group) a que pertencem.....	63
Figura 9 – Listagem dos códigos filtrados por tema (Group).	63
Figura 10 – Seleção de um código e a visualização das citações marcadas com este código..	64
Figura 11 – Categorias utilizadas para análise na pesquisa.....	65
Figura 12 – Ano e país de publicação.	77
Figura 13 – Principais focos das iniciativas mapeadas nos artigos.	80
Figura 14 – Percepção sobre saúde dos bibliotecários entrevistados.	93
Figura 15 – Listagem dos desafios para trabalhar PS na biblioteca.	114
Figura 16 – Trajetória dos bibliotecários antes e dentro da RMEF.....	120
Figura 17 – Percepção dos bibliotecários sobre seu papel dentro da comunidade em que a escola atua.	123
Figura 18 – Percepção sobre a preparação para trabalhar com o tema saúde	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de atuação como bibliotecário na RMEF.....	86
Gráfico 2 – Distância entre o local de moradia e o local de trabalho dos bibliotecários.	86
Gráfico 3 – Ano da graduação em biblioteconomia.	87
Gráfico 4 – Instituições responsáveis pela oferta de capacitações profissionais.....	88
Gráfico 5 – Áreas em que os bibliotecários buscam capacitação.....	89
Gráfico 6 – Motivação para ingressar e seguir carreira como bibliotecário escolar na Rede Municipal de Educação.	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Responsabilidades de GTI do PSE.	38
Quadro 2 – Áreas a serem contempladas pelas ações do PSE (ciclo 2021-2022).....	39
Quadro 3 - Critérios de Inclusão e Exclusão de Artigos.	52
Quadro 4 - Escolas Básicas Municipais de Florianópolis.	54
Quadro 5 – Escolas selecionadas para amostra.	56
Quadro 6 – Atividades realizadas no artigo de Sousa, Veiga e Pimenta (2021).	75
Quadro 7 – Categorias foco de estudo da classe bibliotecária no campo escolar.	78
Quadro 8 – Técnicas aplicadas e foco das iniciativas mapeadas nos artigos.	81
Quadro 9 – Áreas de especialização dos bibliotecários entrevistados.....	87
Quadro 10 – Projetos promovidos e organizados pelas Bibliotecas Escolares.	91
Quadro 11 – Projetos da escola em que a biblioteca participa separados por temática.	92
Quadro 12 – Subcategorias e códigos identificados na categoria Promoção da Saúde (Escola).	97
Quadro 13 – Descrição dos códigos que abordam as ações de Promoção da Saúde desenvolvidas nas escolas.	97
Quadro 14 – Ações de PS desenvolvidas e sugeridas para serem realizadas na biblioteca escolar.	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BE	inserir sigla primeira vez que aparece
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
Brapci	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CEI	Centro de Educação Infantil
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPSH-UFSC	Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Universidade Federal de Santa Catarina
CF	Constituição Federal
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
DEBEC	Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
EBM	Escolas Básicas Municipais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições
GTIs	Grupos de Trabalho Intersetoriais
HSLs	The Health Sciences Library System
IA	Inteligência Artificial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFLA	International Federation of Library Association and Institutions
IFRO	Instituto Federal de Educação de Rondônia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
NEIM	Núcleos de Educação Infantil Municipais

NLM	National Library of Medicine
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan Americana de Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Educadores de Pares
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PL	Projeto de Lei
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PS	Promoção da Saúde
PSE	Programa Saúde na Escola
RMEF	Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
SED	Secretaria de Estado da Educação
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SME	Secretaria Municipal de Educação
SNBE	Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares
SPE	Saúde e Prevenção na Escola
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
WoS	Web of Science
WPSD	Western Pennsylvania School for the Deaf

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
1.1	OBJETIVOS	21
1.1.1.	Objetivo Geral.....	21
1.1.2.	Objetivos Específicos	21
1.2	JUSTIFICATIVAS	22
1.2.1	Justificativa científica	22
1.2.2	Justificativa social.....	23
1.2.3	Justificativa pessoal	25
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
2.1	SAÚDE NA ESCOLA – ORIGENS E DESAFIOS.....	27
2.1.1	O Programa Saúde na Escola	33
2.1.2	O Programa Saúde na Escola em Florianópolis	37
2.2	A INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO	40
2.2.1	A mediação de informação em saúde no contexto escolar	42
2.2.2	Bibliotecário escolar: um possível elo de cuidado e Promoção da Saúde nas escolas	44
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	47
3.1	PRECEITOS ÉTICOS	47
3.2	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	48
3.3	PRIMEIRA ETAPA – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	50
3.4	SEGUNDA ETAPA – A PESQUISA DE CAMPO.....	52
3.4.1	Instrumentos de Coleta de dados	52
3.4.2	Universo e Participantes da Pesquisa	53
3.4.3	Tratamento e análise dos dados.....	59
4	RESULTADOS	67
4.1	BIBLIOTECÁRIOS PROMOVENDO SAÚDE, UMA REALIDADE POSSÍVEL? .	67
4.1.1	Localizando as iniciativas no tempo e no espaço	77
4.1.2	Explorando os assuntos abordados e as técnicas aplicadas	79
4.2	A PROMOÇÃO DA SAÚDE NAS BIBLIOTECAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS E A PARTICIPAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS	83
4.2.1	Ações de promoção da saúde na RMEF na visão dos diretores	83

4.2.2	Perfil dos bibliotecários entrevistados	85
4.2.2.1	Equipe e projetos da biblioteca.....	90
4.2.3	O bibliotecário da RMEF promovendo saúde	92
4.2.3.1	Percepção sobre Saúde	92
4.2.3.2	Escola.....	95
4.2.3.3	Biblioteca.....	103
4.2.3.4	Bibliotecário	120
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	139
	APÊNDICE A.....	151
	APÊNDICE B.....	155
	APÊNDICE C.....	162
	APÊNDICE D.....	163
	APÊNDICE E.....	165
	ANEXO A.....	168
	ANEXO B.....	169

1 INTRODUÇÃO

A saúde é um direito garantido internacionalmente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborada pela Organização das Nações Unidas (DUDH-ONU) em 1948, e no Brasil pela Constituição Federal (CF), promulgada em 05 de outubro 1988. O Sistema Único de Saúde (SUS) é o responsável por oferecer serviços públicos de saúde para a população brasileira e tem como princípios doutrinários a universalização, a integralidade e a equidade. O princípio da integralidade “busca garantir ao indivíduo uma assistência à saúde que transcenda a prática curativa, contemplando o indivíduo em todos os níveis de atenção e considerando o sujeito inserido em um contexto social, familiar e cultural” (Souza *et al.*, 2012, p. 452). Diferentes tipos de ações são ofertadas para atingir a integralidade, como as de promoção da saúde (PS), prevenção de doença, tratamento e reabilitação. Para que este princípio seja garantido é necessária a articulação do setor de saúde com outros setores da sociedade.

Para prosseguir a discussão é necessário compreender o que se entende por saúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) “é um estado de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (OMS, 2006, tradução nossa). Laurel (1982) apresenta a saúde-doença como um processo social, ou seja, as condições de saúde de uma população estão diretamente relacionadas ao meio em que vivem, ao caráter histórico e social. A autora defende que não é possível melhorar a saúde de uma comunidade apenas por meio das práticas médicas, é preciso entender como as pessoas interagem entre si e com o ambiente e atuar de forma coletiva. A partir destes conceitos, entede-se que a saúde visa garantir bem-estar tanto para os indivíduos quanto para a sociedade como um todo. Necessita, portanto, expressar o direito a uma vida plena, sem privações.

Para entendermos melhor, Scliar (2007) apresenta o conceito de campo de saúde formulado por Marc Lalonde em 1974, neste conceito são listados quatro fatores os quais o campo saúde abrange:

- a biologia humana, que compreende a herança genética e os processos biológicos inerentes à vida, incluindo os fatores de envelhecimento;
- o meio ambiente, que inclui o solo, a água, o ar, a moradia, o local de trabalho;
- o estilo de vida, do qual resultam decisões que afetam a saúde: fumar ou deixar de fumar, beber ou não, praticar ou não exercícios;
- a organização da assistência à saúde. A assistência médica, os serviços ambulatoriais e hospitalares e os medicamentos são as primeiras coisas em que muitas pessoas pensam quando se fala em saúde. No entanto, esse é apenas um componente do campo da saúde, e não necessariamente o mais importante; às vezes, é mais benéfico para a saúde ter água potável e alimentos saudáveis do que dispor de medicamentos. É melhor evitar o fumo do que submeter-se a radiografias de pulmão todos os anos (Scliar, 2007, p. 37).

Percebe-se que a saúde é mais ampla do que apenas tratar doenças, é necessário que na busca por uma boa saúde individual e para a sociedade participem não apenas os responsáveis pelo setor da Saúde, mas sim que as ações sejam intersetoriais. Dentre os campos parceiros está a educação, utilizada, de início, em prol de uma cultura higienista e da puericultura, mas que evoluiu em sintonia com o conceito de promoção da saúde (Figueiredo; Machado; Abreu, 2020).

Esta evolução fez com que no início da década de 1990, surgisse no Brasil a Iniciativa Regional de Escolas Promotoras de Saúde, a qual propôs a articulação entre saúde e educação com base nos princípios da Promoção da Saúde. A partir desta iniciativa foram impulsionadas discussões sobre programas para saúde do escolar no Brasil, entre eles, o programa Saúde e Prevenção na Escola (SPE), e em sequência o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído em 2007 pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, um programa intersetorial que busca complementar o cuidado integral visando à prevenção de doenças e a boa saúde do público escolar baseados na promoção da saúde e na educação em saúde (Cruz *et al.*, [2020]; Brasil, 2007).

As escolas, além da sua função de ensino, constituem um espaço¹ de socialização e construção da identidade fora da família, e são encarregadas de criar condições para a produção e acesso ao conhecimento socialmente produzido. Ao analisar que o Brasil possui mais de 99% das crianças de 6 a 14 anos na escola, e que este espaço pode proporcionar circunstâncias favoráveis para a assimilação de certos hábitos, atitudes e informações, o ambiente escolar é considerado um espaço privilegiado para o desenvolvimento de atividades preventivas e promotoras da saúde (IBGE, 2020; Knevez; Béria; Shermann, 2018; Paes, Paixão, 2016; Santos *et al.*, 2011).

O princípio de ações integradas requer que as escolas não realizem ações isoladas. Para que as atividades entre saúde e educação sejam efetivas, é preciso que ocorram de forma intersetorial e fomentem o repasse de informações adequadas e significativas, resultando na

¹ Para este trabalho será utilizado o conceito de lugar e espaço de Michel de Certeau. Para o autor o lugar é “[...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma relação de estabilidade” (Certeau, 2007, p. 201). Já o espaço “é um lugar praticado” (Certeau, 2007, p. 202), ou seja, um lugar vivido. Entende-se que lugar e espaço não são dimensões antagônicas, “ambos podem ser simultaneamente os mesmos do ponto de vista do aspecto físico, entretanto, tendo em vista a vida cotidiana em Certeau (2007), os espaços dão vida aos lugares.” (Machado; Fernandes; Silva, 2016, p. 6). Contextualizando a definição de lugar e espaço no âmbito desta pesquisa, consideramos lugar o espaço físico da escola e da biblioteca, já ao mencionar escola e biblioteca como espaços, buscamos evidenciar as diferentes apropriações e possibilidades de interações dos sujeitos para com estes lugares.

construção do conhecimento coletivo. Esta intersectorialidade precisa ocorrer tanto fora (entre ministérios, secretarias, coordenadorias, entre outros) quanto dentro da escola, sendo necessário que sejam planejadas desde o projeto político pedagógico e envolvam todos os ambientes escolares, para atender de forma ampla e assertiva o público a que se destina.

Ao considerar a escola um ambiente favorável à integração de diferentes disciplinas, as iniciativas de promoção e educação em saúde precisam buscar englobar todos os atores e ambientes da comunidade escolar. Por ser um ambiente promotor de informação, a biblioteca escolar (BE) é um dos espaços que necessita participar destas ações, pois tem como missão promover “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios” (IFLA, 1999, p. 1).

Como resultado da luta em demonstrar a relevância das bibliotecas escolares para a educação, em 24 de maio de 2010 foi promulgada a Lei nº 12.244 que “Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País” (Brasil, 2010). A lei previa que em 10 anos todas as instituições de ensino do Brasil contariam com biblioteca, no entanto a redação da lei é muito sucinta e não apresenta diretrizes e garantias para que a biblioteca seja realmente um setor que auxilie no processo de ensino e aprendizagem. Para preencher estas lacunas, em 2018, as deputadas Laura Carneiro (PMDB/RJ) e Carmen Zanotto (PPS/SC) apresentaram o Projeto de Lei (PL) 9484/2018 que foi aprovado pelo Senado Federal após revisões e adições de emendas e transformou-se no Projeto de Lei nº 5656, de 2019 (Brasil, 2019) o qual “Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE)”.

Este projeto define a biblioteca escolar como equipamento cultural obrigatório, prevê seus objetivos, dispõe sobre a sua universalização e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares. Além da mudança da definição de biblioteca, o projeto prevê que “O processo de universalização das bibliotecas escolares de que trata esta Lei será feito mediante a observância do disposto nas Leis nº 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998, que dispõem sobre o exercício da profissão de bibliotecário” (Brasil, 2019, art. 3º, § 1º). Em 29 de agosto de 2023 este PL foi aprovado pela Comissão de Educação do Senado Federal.

Este avanço é significativo, pois além de ampliar o conceito de biblioteca, no artigo que aborda a profissão do bibliotecário, percebe-se que os ambientes não se fazem sozinhos, são necessárias pessoas, profissionais capacitados, para gerir e administrar estes espaços, para que eles se tornem efetivamente úteis e relevantes para suas comunidades.

Ao vislumbrar o papel do bibliotecário escolar Correa *et al.* (2002, p. 118) comentam que este profissional carece “participar ativamente de todos os acontecimentos que circundam o ambiente escolar”. É preciso ainda que suas atividades sejam realizadas de acordo com a política educacional da instituição, aplicando sua técnica em prol do bom funcionamento da biblioteca e de atender as demandas do seu público. Silva (1995) afirma que “[...] ao bibliotecário escolar, visto como educador, cabe dedicar-se menos às atividades mecanizadas e muito mais a programas de incentivo à leitura, junto aos alunos, com o apoio dos outros educadores da escola, como os professores e os especialistas”.

Por esta característica de articulador entre as áreas e por sua função de mediador, o bibliotecário escolar vem a ser um profissional em potencial para trabalhar com a promoção da saúde. Este estudo procura compreender a contribuição dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis para a promoção da saúde da comunidade em que estão inseridos. Busca-se responder a seguinte questão de pesquisa: *Como os bibliotecários podem contribuir para a promoção da saúde nas escolas?*

Pretende-se com o estudo fomentar a discussão sobre a atuação do bibliotecário escolar e das bibliotecas escolares na promoção da saúde nas escolas, difundindo um novo campo a ser explorado por estes profissionais.

1.1 OBJETIVOS

Para atender a pergunta de pesquisa do estudo, foi definido um objetivo geral e três objetivos específicos, apresentados a seguir.

1.1.1. Objetivo Geral

Discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde de suas comunidades.

1.1.2. Objetivos Específicos

- a) Verificar nacional e internacionalmente iniciativas de promoção da saúde desenvolvidas por bibliotecários em escolas;

- b) Identificar iniciativas de atenção primária de saúde desenvolvidas nas escolas municipais de Florianópolis;
- c) Discutir a percepção dos bibliotecários escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) sobre seu papel na promoção da saúde da comunidade.

1.2 JUSTIFICATIVAS

1.2.1 Justificativa científica

O potencial de atuação das bibliotecas e do profissional bibliotecário como promotores da saúde é um assunto pouco estudado na área de Ciência da Informação. Em pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com os termos “educação” e “saúde” de 2007, ano de criação do programa Saúde na Escola, até 2020 foram recuperados 14.034 resultados. No entanto, ao aplicar os filtros de Área e selecionar os correspondentes à Ciência da Informação foram recuperados 13 documentos. Mais especificamente, ao realizar a busca com os termos “biblioteca escolar” e “saúde”, sem filtro temporal, foram recuperados 10 documentos, que após a leitura do título, resumo e palavras-chave pode-se observar que não abordam o papel das bibliotecas na promoção da saúde. Ao realizar a mesma busca “biblioteca escolar” e “saúde” na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), foram recuperados apenas 4 resultados, dos quais 1 resultado apresenta um relato de caso da Biblioteca Escolar Zélia Maria Teixeira Cavalcante e versa sobre a BE como espaço de ensino aprendizagem dentro de uma perspectiva de educação permanente em saúde (Silva; Barros; Mota, 2021).

Esta escassez de estudos evidencia que existe uma lacuna no entendimento de como as bibliotecas, especialmente as bibliotecas escolares, poderiam vir a ser interlocutores para a promoção da saúde em suas comunidades. Merga (2020b), em seu artigo denominado “Como as bibliotecas escolares podem apoiar o bem-estar dos alunos? evidências e implicações para pesquisas futuras”², comenta que embora os estudos voltados para bem-estar e saúde em bibliotecas sejam mais comuns em bibliotecas públicas, as bibliotecas escolares também podem desempenhar um relevante papel de apoio. A autora afirma que “São necessárias evidências de

² Título original: *How can school libraries support student wellbeing? Evidence and implications for further research.*

pesquisa robustas a partir de contextos de bibliotecas escolares para apoiar a advocacia direcionada para melhorar o bem-estar dos alunos.” (Merga, 2020b, p. 1, tradução nossa). A autora reconhece que ainda é necessário pesquisa sobre o papel das bibliotecas escolares, e em consequência dos bibliotecários escolares na promoção da saúde e do bem-estar.

Nesta perspectiva, a pesquisa vai de encontro a este anseio, ao considerar que a maioria da população entre 6 e 14 anos frequenta a escola e esta é um espaço consagrado de promoção da saúde escolar, superando os limites do grupo de alunos e ocupando-se também da família, do espaço físico escolar e dos profissionais que fazem a educação. Pretende-se ampliar este espaço contribuindo para as pesquisas que incluem a biblioteca e o bibliotecário escolar como agentes de promoção da saúde. Nunes e Santos (2020, p.1) complementam que “a biblioteca escolar existe para atender às necessidades informacionais dos alunos, professores, coordenadores, enfim de toda a comunidade escolar”, sendo assim, esta tem o papel de educar e promover a cidadania.

1.2.2 Justificativa social

Ao instituir o SUS o governo brasileiro buscou promover o acesso integral, universal, equitativo e gratuito à serviços de saúde. Apesar de efetivos avanços, relevante parcela da população brasileira ainda vive em situação precária. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, em 2017, 22 municípios brasileiros não possuíam abastecimento de água por rede geral de distribuição e 2.211 não possuíam serviço de esgotamento sanitário por rede coletora (IBGE, 2020). Além destas deficiências, também podem ser observadas lacunas no acesso a informações adequadas para tratamento, prevenção e promoção da saúde, considerado também um direito fundamental (Leite *et al.*, 2014).

Ao olharmos especificamente para o universo escolar, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2015 pelo Ministério da Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentam dados alarmantes. Os indicadores de consumo de tabaco entre escolares do 9º ano do ensino fundamental apontam que 19,4% dos alunos de escola pública experimentaram cigarro. Em relação ao álcool, 56,2% dos alunos de escola pública do 9º ano tomaram uma dose de bebida alcoólica e 39,5% dos que experimentaram álcool tiveram um episódio de embriaguez. Em relação ao uso de drogas ilícitas, 9,3% dos estudantes de escola pública do 9º ano experimentaram alguma droga ilícita, em Florianópolis, esse número sobe para 17,0% (IBGE, 2016). A pesquisa também apresenta dados em relação a

saúde sexual e reprodutiva, hábitos alimentares, prática de atividade física, violência, saúde bucal, imagem corporal, uso dos serviços de saúde, vacinação, entre outras informações que em conjunto com a realidade escolar trazem subsídio para desenvolvimento de ações de promoção da saúde e mediação de informação.

Somado aos problemas existentes, no início de 2019, a chegada da pandemia de Covid-19 representou um novo impacto na saúde dos alunos e da população. A diretora da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) Carissa F. Etienne comenta que devido aos reflexos da pandemia as crianças estão perdendo vacinações de rotina, perdendo check-ups anuais e “Metade dos jovens experimentou aumento do estresse ou ansiedade durante a pandemia, mas os serviços de saúde mental e apoio continuam fora do alcance de muitos” (OPAS, 2021, p. 1). Comentando sobre a região Pan Americana, afirma que “Os serviços de saúde sexual e reprodutiva também foram interrompidos em mais da metade dos países [...] aumentaram o risco de violência doméstica, o que pode tornar o lar inseguro para crianças e adolescentes.” (OPAS, 2021, p. 1).

Como propostas de soluções, além do apoio e retomada dos serviços interrompidos, a diretora comenta que é necessário que sejam desenvolvidas campanhas de comunicação para as crianças e adolescentes, para que eles entendam o risco de infecção, pois muitos deles não acreditam que estão em risco de pegar e transmitir Covid-19 (OPAS, 2021).

Um dos documentos internacionais que incentivam iniciativas em prol da saúde e bem-estar é a Agenda 2030, elaborada pela OMS no ano de 2015. Ela estabelece um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade, neste documento estão definidos 17 Objetivos e 159 metas. Estes objetivos são integrados e indivisíveis e estão baseados nas três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental, com o propósito de concretizar os direitos humanos de todos, e com a missão de não deixar ninguém para trás. Entre os objetivos estabelecidos, o Objetivo 3 “Saúde e bem-estar” busca “Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades” (ONU, 2015, p. 1).

A premissa deste documento é que para buscarmos atingir estes objetivos é necessário que toda a sociedade se mobilize e as responsabilidades sejam divididas. Uma das iniciativas que pode ser explorada em prol deste objetivo e das questões levantadas acima é o Programa Saúde na Escola, uma iniciativa intersetorial que busca unir os setores de saúde e educação e tem como finalidade “contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde” (Brasil, 2007, p. 1).

Ciente do papel das bibliotecas na luta por um mundo mais justo e igualitário e que busque uma sociedade mais saudável, a International Federation of Library Association and Institutions (IFLA) publicou o documento “Acesso e oportunidade para todos: como as bibliotecas contribuem para a agenda de 2030 das Nações Unidas”. Especificamente relacionado ao objetivo 3, o documento enfatiza a relevância das bibliotecas médicas e especializadas no acesso às informações médicas para obtenção de melhor resultados em saúde pública, e enfatiza que “O acesso público à informação sobre saúde em todas as bibliotecas ajuda as pessoas a estarem melhor informadas sobre saúde e a manterem-se saudáveis” (IFLA, 2016, p. 7). Com isso, as unidades de informação surgem como possíveis agentes para auxiliar na tarefa de informar a população de forma adequada a sua realidade, ajudando assim a melhorar sua qualidade de vida.

No contexto escolar, as bibliotecas escolares possuem relevante papel social e educativo. O Manifesto das bibliotecas escolares as descreve como uma das instituições encarregadas de preparar seus usuários para viverem como cidadãos responsáveis, por meio de ideias e informações que os capacitem como pensadores e efetivos usuários da informação (IFLA, 1999). Por se localizarem dentro do ambiente educativo, estes espaços são propícios à disseminação de informação, inclusive de informação em saúde, pois estão próximos à população que será atendida, facilitando o levantamento das necessidades informacionais.

Ao propor a implantação de Centros de Informação em Saúde Popular dentro do espaço de bibliotecas públicas, ONGs ou Centros Comunitários na Cidade de São Carlos (SP), Graziella Yuri Matsuno (2016, p. 112) vislumbra estes espaços como prestadores de serviços de utilidade pública, por meio de “um canal de efetiva atuação na transformação social da comunidade, colocando o bibliotecário como a ponte entre o cidadão e a promoção da saúde e da cidadania.”

É este espaço e profissional promotor da saúde e cidadania que pretendemos explorar neste trabalho, mas dentro do ambiente escolar, considerando as realidades e especificidades sociais de cada espaço.

1.2.3 Justificativa pessoal

Cresci em uma família de professoras e educadoras, este ambiente me possibilitou vislumbrar o potencial de transformação e empoderamento que o conhecimento proporciona. Por acreditar que a escola e a educação escolar são caminhos para fomentar cada vez mais a

busca por novos conhecimentos promovendo a cidadania, minha trajetória profissional como bibliotecária seguiu em instituições de ensino, onde tive contato com o público escolar o qual via crescer e evoluir dentro da escola.

As dúvidas adolescentes transpareciam nos livros que buscavam e em seus comportamentos. Com o passar dos anos percebia a mudança nos alunos, de seus interesses e do receio de conversar abertamente sobre um assunto ou solicitar um material. Assuntos que permaneciam “tabu”, mas que mesmo assim eram alvo de buscas escondidas entre as estantes.

Esta proximidade com o ambiente e com a biblioteca escolar se mantiveram acesas, com o passar dos anos saí do emprego e no início da Pandemia de Covid-19, ano de 2020, trabalhei como voluntária de uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), a Coronawiki³, que é “um espaço de registro, compartilhamento e discussão das iniciativas para controle da pandemia da Covid-19. [Focado] especialmente em ações da estratégia de saúde da família e em ações comunitárias.” (Coronawiki, 2020, p. 1).

Com esta nova perspectiva, passei a questionar o espaço biblioteca e o profissional bibliotecário como um possível agente promotor da saúde e em consequência questionar a importância da mediação da informação em saúde dentro da biblioteca escolar.

³ Disponível em http://coronawiki.ibict.br/index.php/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 10 jun. 2023.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na sequência será discutido o histórico da saúde na escola no Brasil e o panorama geral de como esta vem acontecendo atualmente em Florianópolis. Será exposta a informação em saúde e como ela tem sido trabalhada ao longo dos anos. Será abordado o papel mediador e educador do bibliotecário no contexto escolar, destacando a biblioteca escolar (BE) como espaço de cuidado e promoção da saúde.

2.1 SAÚDE NA ESCOLA – ORIGENS E DESAFIOS

A ideia de colaboração entre saúde e educação não é uma ideia nova, esta vem sendo estudada, desenvolvida e aplicada desde o final do século XVIII início do século XIX. Após a ascensão do capitalismo, com maior notoriedade no século XVIII, o Estado passa a preocupar-se com a população e não mais apenas com a sua própria soberania. São postos em pauta as taxas de morbidade e mortalidade, e a necessidade de fazer com que a população cresça, pois os trabalhadores eram a nova riqueza das nações (Mantovani, 2018).

Neste cenário, na Alemanha do final do século XVIII, o médico chamado Johann Peter Frank elaborou um “código de saúde” chamado *System einer Vollständigen Medicinischen Politizei*, também conhecido como Sistema Frank. Desenvolvido como um guia para os funcionários do Estado, teve como aspecto mais marcante o modelo de Polícia, mais precisamente a Polícia Médica⁴ (Lucca, 2016).

Nas palavras de Lima (1985, p. 80, grifo nosso)

O sistema de Frank preocupava-se com a higiene pública e individual e estendia-se sobre demografia, casamento, procriação, puerpério, saúde infantil, vestuário, problemas sanitários da habitação, esgotos e suprimento de água, prevenção de acidentes, medicina militar, doenças epidêmicas, transmissíveis e venéreas, e **medicina escolar**. Dispunha detalhadamente sobre o atendimento ao escolar e a supervisão das instituições educacionais, particularizando desde a prevenção de acidentes até a higiene mental, desde a elaboração de programas de atletismo até a iluminação, aquecimento e ventilação das salas de aula.

⁴ “*Polizey* é derivado do grego *politéia*, constituição ou administração de um Estado, está relacionado, dentro da tradição cameralista alemã, a uma teoria e prática de Estado absolutista” (Lima, 1985, p. 80). “O termo *Polizei* do século XVIII não deve ser confundido com as modernas concepções de *Polizei* (polícia) ou com a noção do século XIX de *Polizeistaat* (Estado de polícia). O termo não se referia, como hoje, fundamentalmente à manutenção de segurança interna” (Adam, 2006, p.187 *apud* Mantovani, 2018, p. 410). “polícia era governo organizado e administração civil mais do que um sistema específico para a prevenção e punição do crime”. (Jordanova, 1981, p.14 *apud* Mantovani, 2018, p. 411).

O Sistema Frank resultou na elaboração de um novo código por Franz Anton Mai, o qual buscava complementar o primeiro por meio da aplicação do conhecimento sócio médico disponível na época, possuindo um caráter abrangente e dando grande ênfase à educação (Figueiredo; Machado; Abreu, 2020). Figueiredo, Machado e Abreu (2020) mencionam que segundo Rosen (1979) a primeira lei do código tratava dos deveres de um oficial de saúde, recomendando que este oficial atuasse nos colégios, instruindo tanto as crianças quanto os professores a respeito da manutenção e promoção da saúde (PS). No entanto, por questões econômicas e políticas, o código proposto por Mai não chegou a vigorar na prática. Mas este é um exemplo de como o pensamento do Sistema Frank foi difundido pelo continente europeu e pelos Estados Unidos da América, tornando Johann Peter Frank o pai da saúde escolar (Lima, 1985; Figueiredo; Machado; Abreu, 2020).

No Brasil, os primeiros estudos sobre saúde escolar iniciaram em 1850 (Moncorvo, 1917 *apud* Figueiredo; Machado; Abreu, 2020), estando presentes nos discursos oficiais a partir de 1889 em um decreto do Barão de Lavradio que tratava da inspetoria das escolas públicas e privadas da Corte. Contudo, é a partir do século XX, em um contexto histórico marcado pela expansão da cafeicultura, por políticas de migração desenvolvidas para suprir a falta de mão de obra, pela urbanização desordenada e por contínuas ondas de pestes e epidemias como varíola, cólera e peste bubônica que resultam em um grande problema de saúde pública, que de fato a questão da higiene escolar ganha impulso no país (Figueiredo; Machado; Abreu, 2020; Lucca, 2016).

Acerca da realidade vivenciada nas cidades do século XX, Figueiredo, Machado e Abreu (2020, p. 398) afirmam que “O quadro noológico tinha como tradução uma alta mortalidade da população em geral, obviamente agravada nas crianças, vitimizadas também pela desnutrição, por diarreias ou por doenças Imuno preveníveis, são como sarampo, tétano, coqueluche e difteria.” Ao perceber as crianças como vítimas, tem-se a necessidade de agir a seu favor.

Para Lima (1985) as práticas de saúde do escolar, mais conhecido como higiene do escolar, no século XX, focaram-se na intercessão de três doutrinas: a da polícia médica, a do sanitarismo e a da puericultura⁵. Assim como na Alemanha, a polícia médica foi a prática

⁵ Puericultura consiste em um acompanhamento periódico visando a promoção e proteção da saúde das crianças e adolescentes, por meio dela acompanha-se integralmente o ser humano de 0 a 19 anos, sendo possível identificar precocemente qualquer distúrbio de crescimento, desenvolvimento físico e mental, nutricional, dentre outros, compreendendo a criança e o adolescente como um ser em desenvolvimento com suas particularidades (Paraná, 2021).

utilizada para que o Estado zelasse e controlasse a saúde da população, desta forma os médicos não apenas tratariam dos doentes, mas controlariam outros aspectos de suas vidas. Podemos observar isto em Lima (1985, p. 85) que argumenta que na saúde do escolar o exercício da polícia médica se dá “pela inspetoria das condições de saúde dos envolvidos com o ensino”; o sanitarismo, “pela prescrição a respeito da salubridade dos locais de ensino” e a puericultura, “pela difusão de regras de viver para professores e alunos[...]”.

Ao discorrer sobre as ações de educação em saúde desenvolvidas para escolares, Carvalho (2015) comenta que estas eram centradas no ensino de comportamentos e hábitos considerados saudáveis, tendo uma concepção higienista-eugenista, visando o desenvolvimento de uma “raça” sadia e produtiva, a partir da observação, exame, controle e disciplina na infância. O autor enfatiza que as práticas pedagógicas adotadas eram centradas em ações individualistas, que não consideram a realidade social dos participantes e as diversas condições de vida das crianças, as práticas eram apenas focadas na mudança de comportamentos e atitudes (Carvalho, 2015, p. 1209).

Na década de 1930, no início da Era Vargas, aconteceu a criação dos Centros de Saúde – com o objetivo de difundir ainda mais as noções de higiene individual e prevenção de doenças infecto-parasitárias –, e do Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde Pública. Elaborou-se então a legislação educacional que garantiu a expressão da saúde na escola, baseada em fundamentos higienistas, biólogos, biomédicos e assistencialistas, sob a designação genérica de ‘programas de saúde’. Este modelo higienista perdurou nas escolas até a década de 50 (Maciel, 2009; Cruz *et al.*, [2020]).

As atividades de educação sanitária passam a ser realizadas nas campanhas sanitárias, nas escolas e nos centros de saúde. Neste mesmo período foram realizadas reformas no ensino, pautadas na Escola Nova, movimento de renovação, que acredita que a educação é o único elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, pois leva em consideração as diversidades, respeita a individualidade do sujeito, e forma cidadãos aptos a refletir sobre a sociedade e capazes de inserirem-se nela (Garcez *et al.*, 2016).

É em 1942, com a criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) que começam a ser introduzidas técnicas novas de educação de grupos e de desenvolvimento para organização assistencial (Graciano *et al.*, 2015). O SESP tinha como funções o saneamento das regiões rurais da Amazônia e do Vale do Rio Doce e tinha como premissa estender as ações de educação sanitária, além dos centros de saúde. Ao entender que a escola primária exercia um papel significativo e relevante não apenas na formação das crianças, mas também no alcance das

famílias e comunidade, buscou atingir seu objetivo desenvolvendo cursos de capacitação para as professoras primárias, e procurou envolver os alunos nos programas de saúde existentes, criando clubes de saúde, a fim de expandir as concepções de educação, saúde e educação sanitária (Renovato; Bagnato, 2010).

Embora nas décadas de 80 e 90 os programas de escolar da América Latina e Caribe ainda possuíssem forte ênfase higienista, de prevenção de doenças transmissíveis, de exames de triagem e de tratamento de doenças, no Canadá, em 1974, iniciou o movimento de Promoção da Saúde, a partir do Informe Lalonde: uma nova perspectiva sobre a saúde dos canadenses, tendo como um dos eixos básicos fortalecer a ideia de autonomia dos sujeitos e dos grupos sociais (Lucca, 2016; Czeresnia, 2003).

Seguem-se ao marco inicial os documentos norteadores da Promoção da Saúde, sendo eles as convenções de Alma-Ata (1978) – que estabelece o lema “Saúde para todos no ano de 2000” e adere Atenção Primária de Saúde como estratégia; o Relatório Black (1980) – o qual problematiza a desigualdade social e a relação de classe e os indicadores de mortalidade e morbidade; o início das Conferências Internacionais sobre Promoção da Saúde, sendo a primeira em Ottawa que origina a Carta de Ottawa sobre promoção da saúde. É na década de 90 que as convenções de promoção da saúde começam a acontecer na América Latina, tendo como marco inicial a Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde na Região das Américas, ocorrida na Colômbia. Anteriormente as conferências e documentos estavam diretamente ligadas aos países ditos desenvolvidos (Lucca, 2016).

No Brasil, é no ano de 1985, pós Ditadura Militar, no início do período democrático, que ocorre a universalização da saúde e da educação e os dois campos consolidam-se com a promulgação da Constituição de 1988, em que a saúde aparece como ‘Direito de todos e dever do Estado’ e a Educação como ‘Direito de todos e dever do Estado e da família’. Neste momento ambos os campos ampliam seu atendimento e são fortalecidos, sendo que dois grandes marcos contribuem para este fortalecimento. Na Saúde tem-se a Lei 8080/1990, a qual institui a criação SUS e traz um novo entendimento sobre o que é saúde, superando os conceitos anteriores de individualização e biologização, fortalecendo o que vinha sendo difundido pelo campo da Promoção da Saúde. Na educação, no ano de 1996, tem-se a promulgação da Lei nº 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que apresenta uma concepção de educação igualitária, plural, gratuita, democrática e universal, tendo a escola como principal lócus do seu desenvolvimento, mas não o único, sendo incluídos os contextos familiar, do trabalho, das

relações humanas, da cultura, da organização social e da pesquisa. Esta legislação destaca o acesso às políticas públicas, entre elas, a saúde (Cruz *et al.*, [2020]).

A nova LDB, que vinculou a educação escolar e as práticas sociais e de saúde tem origem nas orientações propostas em 1995 pela Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) que orientava o desenvolvimento de iniciativas regionais com enfoque mais amplo, que transcendessem métodos tradicionais, baseando-se na promoção da saúde. As diretrizes da OPAS e este novo entendimento sobre saúde e educação contribuíram para a implantação de iniciativas que integravam estas duas grandes áreas.

Por entender que a escola é o espaço institucional com a missão de capacitar para a cidadania em sentido amplo, no início da década de 1990, surgiu a Iniciativa Regional de Escolas Promotoras de Saúde, o qual propunha a articulação entre saúde e educação com base nos princípios da Promoção da Saúde. Graciano *et al.* (2015, p. 35) mencionam que “a saúde escolar avançou em sintonia com o conhecimento técnico-científico e com o desenvolvimento sociopolítico, superando, de forma gradativa, o paradigma biomédico para a concepção da iniciativa das Escolas Promotoras de Saúde.”

Os autores afirmam ainda que as Escolas Promotoras de Saúde tinham como objetivo “fortalecer a capacidade dos setores saúde e educação para promoverem a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida dos escolares, pais, professores e outros membros da comunidade” (Graciano *et al.*, 2015, p. 35).

Para Figueiredo, Machado e Abreu (2020, p. 399) a implantação deste programa “implica um trabalho articulado entre a educação, a saúde e a sociedade e demanda a ação protagonista da comunidade educativa na identificação das necessidades e dos problemas de saúde e na definição de estratégias e linhas pertinentes para abordá-los e enfrentá-los”. Os autores afirmam ainda que as Escolas Promotoras de Saúde é uma estratégia de Promoção da Saúde com enfoque integral que possui três componentes relacionados entre si, sendo eles:

- 1) Educação para a saúde com enfoque integral, incluindo o desenvolvimento de habilidades para a vida;
- 2) Criação e manutenção de ambientes físicos e psicossociais saudáveis e,
- 3) Oferta de serviços de saúde, alimentação saudável e vida ativa.

Tem-se então, que para promover a saúde seria necessário que as ações desenvolvidas fossem realizadas de maneira integral, não de forma assistencialista nem isolada, sendo necessário criar entornos saudáveis, além de prestar assistência médica às crianças, seus familiares e toda comunidade escolar, para isso era necessário que a saúde na escola funcionasse

de forma intersetorial e integral, não mais de forma higienista. Para que estes preceitos se realizem é preciso que a gestão escolar esteja atenta ao desenvolvimento deste ambiente saudável, e do conhecimento e sensibilidade que os profissionais bibliotecários podem desenvolver neste espaço.

Ao pensar as escolas como agentes promotores de saúde, é preciso que também seus currículos sejam pensados neste sentido. Para isso tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), quanto na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) a saúde é mencionada e apresentada como tema transversal a ser abordada pelas escolas. No PCN ela possui um volume específico em que são abordados conceitos, temas, objetivos e conteúdo a serem trabalhados em cada ciclo. Ainda assim, Graciano *et al.* (2015, p. 34) afirmam que “o ensino da saúde é tomado como um desafio para a educação, em que se almeja uma aprendizagem transformadora de atitudes, para que os alunos possam desenvolver hábitos desencadeadores de uma vida saudável.”

Esse desafio pode ser percebido quando Pentenado, Chu e Silva (2005, p. 14) comentam que ainda podemos encontrar

Resquícios da abordagem higienista [...] até hoje nas ações educativas em saúde e nas campanhas sanitárias. Estas últimas, muitas vezes, abordam os problemas de maneira isolada e se restringem à difusão da informação sem estabelecer relações com as condições de vida, aspectos culturais, históricos e políticas públicas. Nas ações educativas, permanecem as posturas e relações autoritárias dos profissionais da saúde e educação para com os usuários desses serviços; a primazia do repasse unilateral de informações, de maneira individual e as ações normatizadoras e controladoras dos hábitos, comportamentos e condutas a serem seguidas de maneira descontextualizada das condições de vida de sujeitos e comunidades; a desconsideração dos aspectos das condições de vida, do saber, dos valores, da cultura popular e da subjetividade remete os indivíduos à responsabilidade pelo risco de adoecer e intensifica seus sentimentos de frustração e angústia por não conseguirem cumprir as determinações da maneira como elas lhes são apresentadas.

Figueiredo, Machado e Abreu (2020) corroboram com esse pensamento ao explicar que em muitos casos os profissionais da área da saúde têm compreendido a educação em saúde na escola como intervenções pontuais, como exemplo de campanhas contra dengue, prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), ou outra epidemia ou doença que assale aquela comunidade no momento. Em contraponto, ao educar para a saúde de forma contextualizada, os profissionais de saúde e os professores contribuem para a formação de cidadãos capazes de atuarem em favor da coletividade. Para isso é necessário que o projeto Escolas Promotoras de Saúde e os PCN sejam bem pensados e trabalhados como uma abordagem transversal e interdisciplinar. Os conteúdos de saúde devem ser objeto da atenção

de todos os níveis e séries escolares, e devem estar integrados a todas as disciplinas como um discurso cotidiano do processo ensino/aprendizagem (Figueiredo; Machado; Abreu, 2020).

Tendo como base as premissas das Escolas Promotoras de Saúde outras iniciativas e programas de saúde na escola foram sendo impulsionadas no país, entre eles, o programa Saúde e Prevenção na Escola (SPE), e em sequência o Programa Saúde na Escola (PSE).

2.1.1 O Programa Saúde na Escola

Instituído em 2007 pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE) é uma iniciativa intersetorial que busca complementar o cuidado integral, visando à prevenção de doenças e a boa saúde do público escolar. Esta parceria se dá por meio da integração e articulação permanente da educação e da saúde, proporcionando melhoria da qualidade de vida da população brasileira. Além destes dois setores chave, o PSE prevê a colaboração de outros setores e atores, de acordo a organização de cada território. A integralidade, a territorialidade e a intersetorialidade são princípios que fundamentam suas atividades (Brasil, 2007; Cruz *et al.*, [2020]; Sousa; Espiridião Medina, 2017).

O programa tem como objetivo “contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino” (Brasil, 2018, p. 1).

Por meio de suas ações, o PSE busca melhorar diretamente a qualidade de vida e a saúde dos estudantes da Educação Básica, dos gestores e profissionais de educação e saúde, da comunidade escolar e, de uma forma mais amplificada, dos estudantes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Brasil, 2018). Ao ampliarmos a lente do projeto e observamos um projeto que atende a comunidade escolar e melhora a qualidade de vida dos estudantes e os entornos da escola e de sua comunidade pode-se considerar que um projeto com esta amplitude possui potencial de melhoria indireta de toda a comunidade que rodeia a escola, mesmo não estando ligada a ela diretamente.

Para definição de suas atividades, as estratégias devem ser definidas entre escola, a partir dos Projetos Pedagógicos, em conjunto com a unidade básica de saúde, considerando sempre o contexto local e social, o diagnóstico local em saúde do escolar e a capacidade operativa em saúde do escolar (Brasil, 2018).

Considerando a atenção, a promoção, a prevenção e a assistência em saúde e buscando dar diretrizes e direcionar o funcionamento do programa, o Decreto 6.286 prevê algumas ações de saúde a serem desenvolvidas e articuladas entre o sistema de saúde e a rede de educação básica, são elas:

Figura 1 – Ações de saúde a serem desenvolvidas pelo PSE de acordo com o Decreto 6.286.



Elaborado pela autora a partir de Brasil (2007, p. 3).

Destaca-se que estas atividades estão previstas, mas não são limitadas, os projetos a serem desenvolvidos devem ser pensados de acordo com a realidade e necessidades de cada localidade.

Um dos exemplos de atividade a serem desenvolvidas pelas escolas são as atividades realizadas na semana da saúde bucal, que ocorre em alusão ao dia nacional da saúde bucal - instituído pela Lei nº 10465 de 27 de maio de 2002 - e ao dia do cirurgião-dentista, 25 de outubro. Nesta semana, em todo país, são desenvolvidas ações atendendo crianças nas escolas, e o público em geral com noções sobre escovação, e problemas que podem ocorrer na dentição. Contudo, é essencial que estas atividades sejam desenvolvidas de forma planejada e integrada, envolvendo profissionais de saúde, professores, bibliotecários, alunos e comunidade, para não serem caracterizadas como pontuais e descontextualizadas. Sendo assim, o profissional da educação, bem como o bibliotecário, pode atentar e auxiliar os alunos neste quesito, sendo essencial que este tipo de conhecimento seja repassado e oportunizado às crianças, fornecendo informações para desenvolvimento de hábitos saudáveis e esclarecimentos sobre doenças bucais, evitando problemas como cáries e perda de dentes por falta de conhecimento.

O documento de orientação para os gestores do PSE (Brasil, 2015) enfatiza a importância da intersetorialidade nos campos de gestão, planejamento, abordagem dos territórios e dos compromissos envolvidos, sendo somente desta forma que as políticas de Saúde e Educação poderão garantir melhor acesso à qualidade de vida às crianças e adolescentes. Para que esta intersetorialidade ocorra de forma sadia devem ser considerados os seguintes pontos:

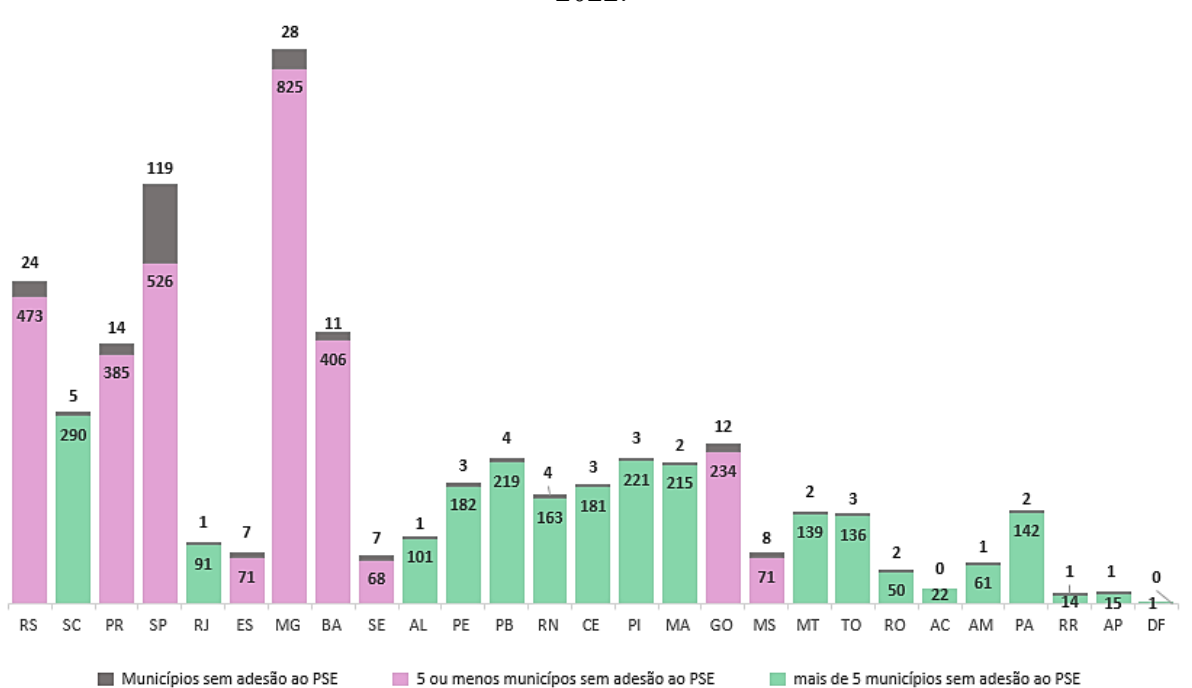
1. O momento de atuação das ações realizadas pelas equipes de Saúde não deve competir ou se sobrepor aos momentos de atuação do professor ou atividade dos educandos, devem ser compartilhados e complementares.
2. O espaço físico a ser utilizado deve considerar e respeitar a dinâmica de atividades escolares já programadas.
3. Qualquer intervenção da Saúde (educativa, preventiva, clínica etc.) deve também ser pedagógica em sua intenção e execução e em sintonia com a programação pedagógica da unidade educativa, e ser contada como momento de aprendizagem (inclusive carga horária simultânea para a *escola* e para as atividades de saúde realizadas).
4. É necessário e importante que os estudantes sejam preparados sobre as atividades em Saúde que serão desenvolvidas/realizadas, e não somente avisados. Ou seja: uma atividade clínica – como o teste de Snellen – deve ser trabalhada anteriormente em um contexto interdisciplinar, de forma situada e legítima em sala de aula (seja em uma aula de Ciências, Literatura, Artes, História etc.), de maneira que a atividade em Saúde a ser desenvolvida/realizada tenha sentido e esteja relacionada com o momento pedagógico ou com o conteúdo que os alunos estão trabalhando e interessados (Brasil, 2015, p.19-20).

Percebe-se que em sua essência o programa preocupa-se, além da intersetorialidade, com a pedagogia aplicada, com o entendimento do aluno acerca do que está vivenciando, não fazendo com que a prática de saúde seja apenas mais uma atividade, mas sim uma aprendizagem.

Em relação à adesão dos municípios, de acordo com o Painel de Adesões do Programa Saúde na Escola (Brasil, 2021) em torno de 95% dos municípios brasileiros aderiram ao PSE no ciclo 2021-2022, ou seja, dos 5.568 municípios existentes (IBGE, 2021), 5.310 fazem parte do programa. A

Figura 2 nos apresenta o panorama do programa em cada estado, explanando que o estado com maior número de municípios não aderidos é o estado de São Paulo, com mais de cem municípios sem adesão ao programa. Em contrapartida, o estado do Acre possui todos os municípios com adesão ao programa.

Figura 2 – Panorama da adesão dos municípios brasileiros por estado ao PSE – ciclo 2021-2022.



Elaborado pela autora com base nos dados de Brasil (2021).

No ciclo 2021-2022 Santa Catarina estava entre os Estados que possuíam maior adesão ao programa, com apenas cinco municípios que ainda não aderiram ao PSE. No ciclo 2023/2024, pela primeira vez, Santa Catarina alcança 100% de adesão ao programa saúde na escola em seus 295 municípios (Aguiar, 2023). A capital do estado, Florianópolis, está entre as cidades que participa do programa e o utiliza em busca da melhoria da saúde no município.

Ao verificar o panorama da adesão dos municípios, percebe-se que os municípios e governantes reconhecem a relevância da interligação desses setores e deste programa. Silva ([200?]) enfatiza que a escola poder fornecer relevantes elementos para capacitar o cidadão para uma vida saudável. Tavares e Rocha (2006) comentam que muitas vezes as escolas não se sentem responsáveis pela prática da saúde em seus ambientes, contudo seu papel em relação a esses temas é inegável, pois estão em um local propício para lidar com essas questões, tanto com os alunos, quanto com seus familiares e comunidade. As autoras defendem a necessidade de que se estabeleça um espaço na escola no qual seja suscitado o debate e geradas discussões sobre saúde e sua relação com o meio em que as pessoas vivem e seus determinantes em gerais, para que a partir disso sejam gerados aprendizados e participação de todos pela busca por uma melhor qualidade de vida. Esta é a premissa do PSE, uma união entre saúde, educação e outros setores buscando melhorar a saúde e qualidade de vida tanto da comunidade escolar quanto de

seu entorno. Para entender melhor a realidade vivenciada neste trabalho, no próximo tópico descreveremos brevemente a realidade do PSE no município de Florianópolis.

2.1.2 O Programa Saúde na Escola em Florianópolis

As práticas e programas de educação em saúde nas escolas em Florianópolis são anteriores à criação do Programa Saúde na Escola. Atividades realizadas principalmente dentro das disciplinas de ciências e educação físicas já vinham sendo realizadas. Também aconteciam parcerias com o setor da saúde, como exemplo temos a realização de palestras, atividades de educação da higiene bucal (escovódromos) e preocupação com o cardápio e alimentação dos alunos.

Embora estas atividades ocorressem, a promulgação do Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007 formaliza e dá parâmetros legais para a atuação da saúde na escola no Brasil. Em Florianópolis, o PSE foi aderido desde 2007, ano de criação do Programa, por meio de uma parceria das Secretarias Municipais de Saúde e Educação e Secretaria Estadual de Educação, tendo a inclusão da Secretaria Municipal de Assistência Social no ano de 2013. Inicialmente nem todas as unidades educativas eram atendidas pelo programa, no entanto, no ano de 2018, todas as unidades educativas públicas de educação infantil e ensino fundamental (de gestão municipal ou estadual) passaram a receber ações do PSE (Florianópolis, 2022).

Visando realizar uma atenção integral aos estudantes, as diretrizes do Programa normatizam a criação de Grupos de Trabalho Intersetoriais (GTIs) para que se exerça uma gestão compartilhada e um planejamento e execução das ações de forma coletiva, buscando atender às necessidades e às demandas locais. Na cidade de Florianópolis o GTI é formado por representantes das Secretarias Municipal da Saúde, Educação, Assistência Social, Secretaria Estadual de Educação, Instituto Estadual de Educação e Conselho Tutelar (Florianópolis, 2022). Este GTI possui 10 compromissos estabelecidos em normativa, os quais são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Responsabilidades de GTI do PSE.

1	Apoiar a implementação dos princípios e das diretrizes do PSE no planejamento, no monitoramento, na execução, na avaliação e na gestão dos recursos financeiros.
2	Articular a inclusão dos temas relacionados às ações do Programa Saúde na Escola nos projetos político-pedagógicos das unidades educativas.
3	Definir as escolas públicas federais, as estaduais e as municipais a serem atendidas no âmbito do PSE, considerando as áreas de vulnerabilidade social, os territórios de abrangência das equipes de Atenção Básica e os critérios indicados pelo governo federal.
4	Participar do planejamento integrado de educação permanente e formação continuada e viabilizar sua execução.
5	Possibilitar a integração e planejamento conjunto entre as equipes das unidades educativas e as equipes de Atenção Básica.
6	Subsidiar a assinatura do Termo de Compromisso pelos secretários municipais de Educação, Saúde e Assistência Social.
7	Apoiar, garantir e qualificar a execução das ações e metas previstas no Termo de Compromisso Municipal.
8	Apoiar, garantir e qualificar o preenchimento do sistema de monitoramento do PSE.
9	Propor estratégias específicas de cooperação entre estados e municípios para a implementação e a gestão do cuidado em saúde dos estudantes no âmbito municipal.
10	Garantir a entrega dos materiais do PSE enviados pelo Ministério da Educação e que sejam entregues e utilizados de forma adequada pelas equipes de Atenção Básica e pelas equipes das unidades educativas.

Elaborado pela autora com base em Brasil (2015, p. 17).

Conforme o Censo Escolar de 2017 (INPE, 2017) o PSE em Florianópolis atende a 144 unidades educativas, sendo 178 Núcleos de Educação Infantil Municipais (NEIM), 36 escolas municipais, 29 escolas estaduais, 1 centro de educação infantil (CEI). Conforme planejamento do ciclo 2021-2022 do PSE as atividades desenvolvidas pelas escolas devem contemplar as seguintes ações (Quadro 2).

Quadro 2 – Áreas a serem contempladas pelas ações do PSE (ciclo 2021-2022).

1	Atualização vacinal dos estudantes.
2	Alimentação saudável e prevenção da obesidade infantil.
3	Ações de combate ao mosquito <i>Aedes Aegypti</i> .
4	Avaliação de Saúde bucal e aplicação tópica de flúor.
5	Saúde ocular e identificação de possíveis sinais de alteração.
6	Avaliação da saúde auditiva e identificação de possíveis sinais de alteração.
7	Prevenção das violências e dos acidentes.
8	Identificação de sinais de agravos de doenças em eliminação.
9	Prevenção ao uso de álcool, tabaco, crack e outras drogas.
10	Realização de práticas corporais, da atividade física e do lazer.
11	Promoção da cultura de paz, cidadania e direitos humanos.
12	Prevenção de IST/AIDS e orientação sobre direito sexual e reprodutivo.
13	Ações de prevenção à Covid-19 nas escolas.

Elaborado pela autora baseado em Florianópolis (2021, p. 5;12).

Neste ciclo, as atividades relacionadas à prevenção de Covid-19 são obrigatórias à todas as escolas. Conforme orientação do GTI, cada unidade deve realizar minimamente a ação de Covid-19 e mais duas ações, sem limite de participantes, podendo escolher entre eixos elencados acima para trabalhar, ou ainda optar por outras ações relevantes à sua realidade local.

Para promover o pleno desenvolvimento do público atendido, é necessário que a colaboração entre os setores seja organizada, em Florianópolis a articulação local é realizada pelo coordenador do Centro de Saúde de referência da área em que a unidade educativa se situa, o diretor da escola e o coordenador do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do território. Em situações de ameaça ou violação de direitos, por ação ou omissão de pais/responsáveis ou Estado, os articuladores deverão acionar o Conselho Tutelar mobilizando a rede de proteção do território. É possível que essa função de articulação seja delegada, contudo a reponsabilidade de fomentar o desenvolvimento dos processos continua sendo desses atores. Os articuladores são os responsáveis por mobilizar as equipes na execução das ações do programa, participar de reuniões e capacitações promovidas pela gestão, propiciar a ação intersetorial, viabilizar as agendas dos profissionais para que eles consigam planejar e executar as ações, compartilhar com todos os atores envolvidos as atividades realizadas, os encaminhamentos e resultados (Florianópolis, 2021).

Ao desenvolver seu papel de articulador é significativo que os atores enfatizem a importância da intersetorialidade do programa, reforçando que as ações a serem desenvolvidas pelo PSE necessitam sempre acontecer de forma conjunta, entre Saúde, Educação e Assistência Social. É necessário que isso ocorra no partindo do planejamento local, com realização de diagnóstico e levantamento das informações daquele território. “Quando não houver possibilidade de participação de uma equipe da saúde, assistência social, ou mesmo de profissionais de educação, a ação pode ser desenvolvida, mesmo que apenas um setor esteja envolvido, pois fará parte de um planejamento conjunto” (Florianópolis, 2021, p. 14).

2.2 A INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO

O rápido avanço da sociedade da informação intensificou os papéis sociais e econômicos das atividades de informação aumentando sua relevância estratégica (Saracevic, 1996). Este cenário fez com que a informação, a educação, a comunicação interpessoal, e a comunicação de massas, por meio das mídias, venham sendo reconhecidas como importantes recursos para a promoção da saúde de indivíduos e da comunidade (Buss, 1999). Ao buscarmos uma sociedade mais justa, que vise proporcionar igualdade de condições para todos, é necessário que se discuta o papel da informação e do profissional da informação, no caso deste trabalho o bibliotecário escolar, na busca deste objetivo.

Contextualizando a abordagem de informação utilizada neste trabalho, trazemos o entendimento de Araújo (1998, p. 33) “Um elemento de fundamental importância, pois através de intercâmbio informacional que os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir daí decidem sobre suas vidas, seja a nível individual ou coletivo.”

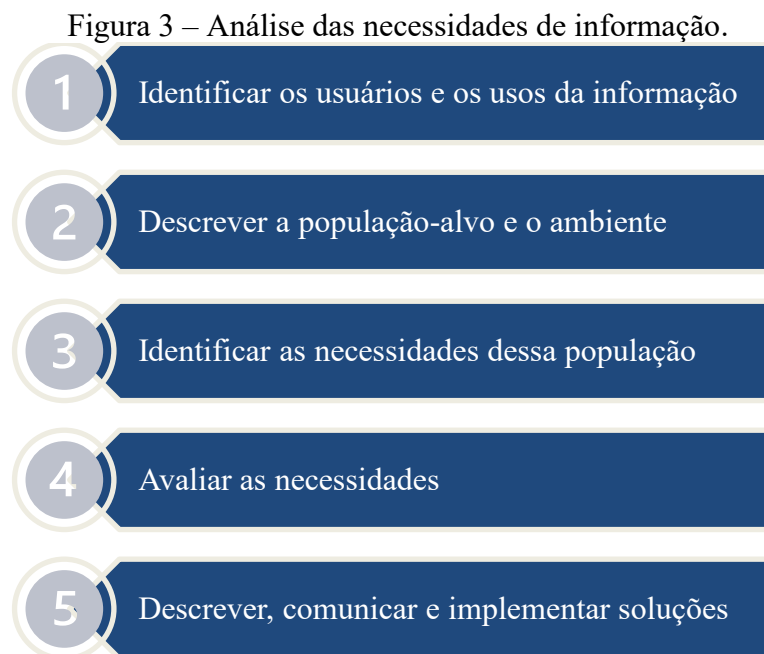
Le Coadic (1996, p. 39) defende que “usar informação é trabalhar com matéria informação para obter um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação”. Na visão de Capurro; Hjørland (2007), a informação precisa atender às necessidades de um grupo-alvo, respondendo a questões específicas desse grupo. Os autores reforçam ainda que “no sentido de conhecimento comunicado, desempenha um papel central na sociedade contemporânea” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 149).

Para trabalhar de forma eficiente com a informação é preciso entender as necessidades informacionais do público com que se está trabalhando, estas nem sempre estarão bem definidas, explícitas e organizadas, pois derivam de exigências da vida social, de dificuldades

comunicacionais, curiosidades, ou muitas vezes resultam de habilidades ou necessidades exigidas para realizar uma atividade fundamental, como alimentar-se, locomover-se, manter a sua saúde ou bem-estar.

Ao buscarmos promover igualdade é preciso não pensar somente nas pessoas que buscam ativamente os serviços de informação, pois conforme dito por Le Coadic (1996, p. 40) “Numerosas são as pessoas que jamais utilizam um sistema de informação. Os não-usuários são, de longe, mais importantes que os usuários.”

O autor propõe que para trabalhar com a informação de forma mais abrangente seja realizada uma análise das necessidades, a qual seria efetuada em cinco etapas, descritas na Figura 3.



Elaborado pela autora baseado em Le Coadic (1996, p. 45).

Ao realizar a análise das necessidades é possível ofertar informações e disponibilizar um serviço informacional adequado ao público que se atende. As demandas serão distinguidas e apreendidas se houver uma relação dialógica entre o profissional da informação e o usuário, ou público-alvo.

Por meio desta relação de entrega de informações úteis, relevantes e aplicáveis pretende-se auxiliar na emancipação dos indivíduos. De acordo com Silva (2013, p. 754)

A emancipação humana tem a ver com a capacidade de o homem desvelar e exercer a expressividade, perceber as contradições dialéticas do contexto social, interagir criativamente nas contingências e restituir como sujeito a todo o momento, mediante o exercício de pensar sua condição humana. Desta forma, este homem tem o desafio

de desenvolver um olhar interpretativo, apropriar-se da diversidade de olhares e variedade de perspectivas da realidade social, cultural e política. O olhar emancipado permite possibilidades de caminhos novos, emergência de novas possibilidades e acesso a novas experiências, ampliando, desta forma, o repertório sociológico e filosófico para questionar as evidências do nosso tempo.

Ao considerar que no campo da saúde e na promoção da saúde é cada vez mais presente a concepção de que é central a participação ativa e permanente da população, faz-se essencial contribuir para a emancipação destes indivíduos. Conforme preceitua Buss (1999) torna-se imprescindível fornecer informações para o exercício da cidadania.

2.2.1 A mediação de informação em saúde no contexto escolar

Ao questionar qual seria, em síntese, o papel do bibliotecário, Almeida Júnior (2015) resume que esse profissional atua como mediador entre as necessidades informacionais e as informações que visam satisfazê-las. As ações que integram esta busca por entender, atender e satisfazer essas necessidades informacionais permeiam o universo físico e o não físico e estão englobadas ao longo de todo o fazer profissional.

Almeida Júnior (2015, p.25) define mediação da informação como

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Partindo desse conceito, Henriete Gomes (2020b) vem propor a mediação da informação e suas dimensões como um dos fundamentos da Ciência da Informação, pois esta serve como suporte para todas as atividades realizadas pelos profissionais da informação, incluindo os bibliotecários escolares, pois tem como premissa refletir sobre os objetivos e a missão de suas atividades, “destacando como meta a apropriação da informação pelos usuários, apropriação esta que sustenta a construção e o fortalecimento do protagonismo, compreendendo tanto o protagonismo profissional quanto o social” (Gomes, 2020a, p. 195).

No contexto escolar, os bibliotecários também atuam como educadores, com isso a mediação da informação vem a ser uma grande aliada, pois assim como defendido por Freire (1997, p. 29) os educadores devem defender a prática da educação libertadora, reconhecendo “primeiro, nos educandos um processo de saber mais, os sujeitos, com ele, deste processo e não pacientes acomodados; segundo, reconhecer que o conhecimento não é dado aí, algo

imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu e quem não o adquiriu”. Desta mesma forma, a definição de mediação da informação de Almeida Júnior (2015) define que a mediação da informação deve acontecer de forma dialógica, promovendo a apropriação da informação, satisfazendo as necessidades, mas sem ter fim em si mesma, gerando novos questionamentos e novas necessidades informacionais, contribuindo para a educação libertadora proposta por Paulo Freire.

Cabe mencionar que a mediação não ocorre apenas durante o atendimento ao aluno, ela percorre todo o fazer bibliotecário, possuindo caráter intrínseco, por exemplo quando o profissional atua com o atendimento ao público (chamada então de mediação explícita da informação), ou ainda quando realiza serviços internos, como aquisição, catalogação, dentre outros (chamada de mediação implícita da informação) (Almeida Júnior, 2015).

O autor enfatiza que ao transmitir uma informação ela vem carregada de intenções, interesses, desejos e valores. Com isso, ao considerarmos a mediação da informação em um ambiente escolar que busca promover a saúde, cabe ressaltar que “antes de ser bibliotecário, é ele [o profissional] um ser humano e sempre atuará como um todo e não a partir de fragmentos, como se eles pudessem existir separadamente” (Almeida Júnior, 2015, p. 16). Cabe a este profissional estar ciente de seus preconceitos, limitações e concepções para promover a mediação de forma consciente e intencional, seja ela uma classificação documental, uma exposição de materiais, uma contação de histórias ou qualquer outra atividade.

Para Gomes (2020b) ao mediar a informação, o bibliotecário deve inicialmente pensar em cinco dimensões a serem trabalhadas, sendo elas a dialógica, na qual se dá um processo de diálogo, de escuta e fomento de novos questionamentos; a estética, em que se pensa a apresentação da informação, os meios e entrega; a formativa, sendo primordial que o processo considere a que a mediação é uma troca, uma formação, e não uma questão com início meio e fim; a ética, sendo importante que a mediação seja um processo consciente, intencional e coerente; e a última dimensão é a política, que preza a mediação como promotora do protagonismo social.

Ao trabalhar com promoção da saúde na biblioteca escolar é preciso considerar as cinco questões propostas pela autora, pois a informação para saúde precisa ser relevante para aquele grupo para poder ser apropriada por ele, é preciso que a forma de entrega e a didática aplicada na entrega seja adequada ao público. Quando se fala em saúde é essencial pensar na questão ética, de um lado repassando informações confiáveis, científicas e de outro sabendo ouvir, acolher e encaminhar as demandas recebidas de forma adequada. Por último é marcante

agregar a dimensão política, transformando a biblioteca em um ambiente promotor de saúde em prol de cidadãos ativos, que conheçam seus direitos, seus deveres, e onde buscar e reivindicar auxílio e apoio.

Em palestra realizada no Biblio Week em 2021 foi levantado que a biblioteca precisa ser

Um mediador não só de informação, mas um mediador de sentimentos, de conversas, de trocas de experiências. É isso que a biblioteca é, ela precisa se comportar como um lugar aonde as pessoas vão não só para pegar um livro, não só para emprestar material, mas um lugar que as pessoas vão para compartilhar momentos, compartilhar culturas, compartilhar ideias, e isso está muito ligado enquanto a biblioteca pode proporcionar saúde. Não só saúde física e não só em um ambiente hospitalar, mas a própria saúde mental que é trabalhada através da literatura (A biblioteca, 2021).

A perceber-se e ao ser percebido como ator essencial no processo de mediação, o bibliotecário pode ser um ator chave para a promoção da saúde dentro da comunidade escolar, fornecendo informações de qualidade e auxiliando na formação social dos sujeitos.

2.2.2 Bibliotecário escolar: um possível elo de cuidado e Promoção da Saúde nas escolas

Para que uma sociedade mais igualitária seja possível, é essencial promover autonomia nas pessoas e capacitá-las para que aprendam durante toda a vida, preparando-as assim para as diferentes fases de sua existência e as diversas adversidades que irão vivenciar. As bibliotecas escolares são ambientes propícios para promover o ensino, a igualdade e o crescimento dos estudantes, tornando-se espaços educativos e comunitários que contribuem para uma sociedade mais justa e com uma melhor qualidade de vida.

Contudo, David Lankes (2021) em seu artigo ‘Bibliotecários Construindo um novo normal’ enfatiza que “[...] o mundo não vai melhorar sozinho. E ter bibliotecas não bastaria para trazer o mundo que queremos. Bibliotecas existem, de alguma forma ou outra, há milhares de anos, e não geraram a utopia que almejamos” (Lankes, 2021, p. 1). É necessário repensarmos o papel da biblioteca e reconhecermos que o valor real não está nos livros e nos prédios, mas sim nos profissionais que ali trabalham, que se dedicam a atender a comunidade e satisfazer suas necessidades.

Lankes (2021) comenta ainda que é preciso que as bibliotecas criem uma conexão direta com as comunidades em que estão inseridas e este é o verdadeiro papel dos profissionais que ali trabalham. Quando pensamos em bibliotecas escolares trabalhando em prol da saúde e

qualidade de vida de suas comunidades este é um ponto crucial, pois além de com esta conexão podermos entender quais são as necessidades que podem ser atendidas, temos um mundo em que os índices de depressão, horas em tela e afastamento das pessoas aumentam. É preciso que as bibliotecas e os bibliotecários se aproximem de seu público buscando melhorar sua qualidade de vida.

No Brasil, os projetos de disseminação de informação em saúde por meio de ações em bibliotecas ainda são tímidos, e os que são desenvolvidos ocorrem principalmente em bibliotecas públicas e universitárias. Destaca-se o projeto Informação em Saúde e Cidadania, desenvolvido na Biblioteca Monique Bourget, em São Paulo, dentro do Programa Saúde da Família Santa Marcelina, em que a informação em saúde é disseminada em uma biblioteca. Neste projeto são cadastradas as famílias, realizadas visitas e levantados dados relacionados à saúde e qualidade de vida, a partir destas informações são identificadas as necessidades e selecionados materiais didáticos junto à biblioteca, com o objetivo de estimular a população para os cuidados com a saúde (Gomes, 2015).

Assim como na iniciativa pontuada acima por Gomes (2015), Lankes (2021) destaca uma ação que ocorre na Austrália, que busca definir o papel de bibliotecas no apoio à saúde e ao bem-estar de comunidades. Ao serem questionados sobre como as bibliotecas e os bibliotecários poderiam auxiliar na promoção da saúde as primeiras menções são ao acervo, ao banco de dados e aos materiais. Pode-se destacar duas ações desenvolvidas nos Estados Unidos, uma em Ohio e outra em Wilmington, nas quais as bibliotecas também disponibilizam informações em saúde buscando melhorar as condições de vida e facilitar as decisões da comunidade (Gomes, 2015). Percebe-se então que “O pensamento é: mais dados sobre manter uma vida saudável vai gerar uma comunidade mais saudável.” (Lankes, 2021, p. 2).

Inegável que facilitar o acesso aos dados e à informação confiável é essencial e é papel das bibliotecas e dos bibliotecários escolares, contudo, em um país continental como o Brasil, é essencial trabalhar de forma personalizada e entender qual a real dificuldade de cada comunidade. Lankes (2021) afirma que “O dilema é como agir com base nas informações. Como ir ao médico, comprar remédios acessíveis ou buscar apoio. Essa era a carência” (Lankes, 2021).

Nesta direção, de apoio aos alunos e não apenas de disponibilização de dados, Harper (2017) realizou uma pesquisa sobre o potencial das bibliotecas escolares no auxílio de estudantes que estão experienciando dificuldades ou se machucando. A autora enfatiza que

Muitas pesquisas confirmaram que os bibliotecários escolares influenciam e impactam positivamente o desempenho acadêmico. Um papel menos conhecido é o de como um bibliotecário escolar afeta positivamente os sentimentos dos alunos de serem cuidados e como a instrução cuidadosamente projetada, a colocação de uma coleção e as instalações da biblioteca da escola contribuem para ajudar os alunos que sofrem. Ainda, quando questionados, muitos bibliotecários escolares oferecem vários relatos anedóticos de sensibilizar uma criança, um coração de cada vez, e de criar um ambiente seguro e enriquecedor com base na compreensão das necessidades de toda a criança e não apenas com o propósito de apoiar o currículo (Harper, 2017, p. 41, tradução nossa).

A biblioteca escolar deve ser este espaço de acolhimento, este espaço seguro. É preciso que seja um espaço em que é dado voz a comunidade que ali é atendida. “Por séculos, bibliotecas amplificam as histórias de autores renomados. É hora de a biblioteca virar uma plataforma para as histórias e experiências da comunidade, do aluno com dificuldade ao advogado mais culto” (Lankes, 2021, p. 3).

As portas da biblioteca escolar precisam estar abertas para entender quais as necessidades daquela comunidade, as dificuldades enfrentadas na saúde, se é dificuldade de atendimento, depressão, falta de saneamento, violência doméstica, gravidez na adolescência, dentre tantas outras. Assim a BE irá se mostrar este espaço seguro aos jovens e a comunidade, facilitando a promoção e o apoio às iniciativas de saúde e bem-estar e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida local.

Ao entender que as bibliotecas escolares são espaços propícios para a promoção da saúde e que os bibliotecários são peças-chave para que esta atividade aconteça, este trabalho buscará entender a percepção destes profissionais sobre qual seu papel de promoção da saúde da comunidade em que atua. No próximo capítulo iremos apresentar os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver a pesquisa.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O ato de pesquisar, em um sentido amplo, pode ser caracterizado como o ato de buscar uma informação que não sabemos e que precisamos saber. Esta busca pode ser realizada de forma livre e sem rigor nas mais diversas fontes como livros, revistas, documentos, conversas, meios digitais, até que se obtenha a resposta desejada. Kadasah *et al.* (2022) comentam que pesquisa é um movimento que parte de um ponto conhecido em direção ao desconhecido em busca de novos conhecimentos, este movimento pode acontecer em qualquer campo de estudo.

A pesquisa científica é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que conta com métodos, técnicas e procedimentos que buscam responder hipóteses ou propor potenciais soluções para um problema. Este processo segue um conjunto de ações pré-determinadas e organizadas, como a coleta e análise de dados, a proposta de soluções e a elaboração de conclusões a partir das informações coletadas e analisadas. Como resultado da pesquisa científica obtêm-se uma expansão do conhecimento corrente e a formulação de novas hipóteses e *insights* (Kadasah *et al.*, 2022).

Mattar e Ramos (2021) afirmam que a pesquisa científica é um processo de construção e descoberta. Para que esta construção ocorra de forma organizada os autores propõe que as pesquisas possuam um ciclo, que parte da escolha do tema, passa por uma revisão de literatura para melhor entender o tema, a definição de objetivos, a escolha da metodologia por meio do planejamento das estratégias para a coleta dos dados e tratamento dos dados.

O estudo tem como objetivo discutir a ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde em suas comunidades, de forma a perceber a atual e a potencial atuação destes profissionais no auxílio à melhoria da qualidade de vida da população. Para isso foram definidos três objetivos específicos destacados na introdução.

A partir dos objetivos foram selecionados procedimentos metodológicos que atendessem às necessidades específicas da pesquisa. Visando apresentar as etapas seguidas no desenvolvimento do trabalho, nesta seção serão descritos os preceitos éticos, a caracterização da pesquisa, seu universo e participantes, instrumentos para a coleta e tratamento dos dados

3.1 PRECEITOS ÉTICOS

Esta pesquisa seguiu os procedimentos éticos, estabelecidos na Resolução n. 466, de 12 dezembro de 2012 (Brasil, 2012) do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes e

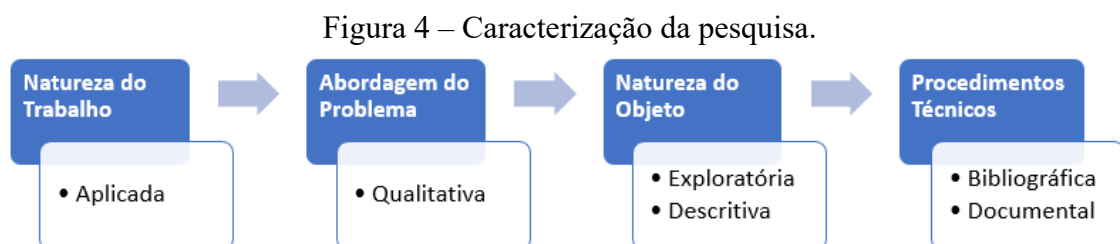
normas regulamentadoras para assegurar o respeito pela dignidade humana e a proteção aos participantes da pesquisa e aos pesquisadores e no Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, o qual apresenta orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

Os Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) possuem o objetivo de preservar a integridade dos sujeitos pesquisados (Araújo, 2003). No Brasil, o sistema de avaliação ética das pesquisas é formado por diversos CEP, distribuídos pelo território nacional, em conjunto com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos na coleta de dados, o projeto desta pesquisa foi autorizado pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (Anexo A) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Universidade Federal de Santa Catarina – CEPESH-UFSC), por meio do Parecer Consubstanciado Número 5.568.783 (Anexo B).

A Resolução n. 466 reconhece as especificidades das pesquisas nas Ciências humanas e sociais e relata que “todo o progresso e seu avanço devem, sempre, respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano” (Brasil, 2012, p. 1). O aceite dos diretores e bibliotecários participantes da pesquisa foi oficializado com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice D). Entre outros aspectos, o TCLE assegura a preservação da identidade dos entrevistados, a livre escolha na participação, e a desistência em qualquer momento.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste tópico será apresentada a caracterização da pesquisa de acordo com sua natureza, abordagem, objetivos e procedimentos metodológicos. A Figura 4 permite observar a classificação da pesquisa adotada neste trabalho.



Elaborado pela autora (2022).

Tendo como foco analisar o potencial de atuação dos bibliotecários escolares na promoção da saúde das comunidades, este trabalho propôs-se a levantar possibilidades e apontar caminhos para que este profissional amplie sua atuação e contribua para com a sociedade, com isso caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, que de acordo com Mattar e Ramos (2021) é a modalidade de pesquisa que revela uma preocupação ou problema social e busca soluções.

Em relação aos objetivos a pesquisa caracteriza-se como descritiva e exploratória. Prodanov e Freitas (2013, p. 52) apontam que a pesquisa descritiva tem o propósito de descrever as características estudadas sem intervenção, visando a descrição das características de determinada população ou fenômeno, sendo que a pesquisa descritiva investiga, registra, analisa e organiza os dados sem manipulá-los.

Ao definir os estudos exploratórios, Oliveira (2016) os apresenta como aqueles que visam proporcionar uma maior familiaridade com o problema pesquisado, tornando-o mais explícito para realizar um estudo mais aprofundado. Em fase inicial ou preliminar, a pesquisa exploratória proporciona mais informações sobre a temática a ser investigada, auxiliando no seu delineamento e facilitando o enfoque (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51-52). Para Rampazzo (2005, p. 54) “os estudos descritivos, assim como os exploratórios, favorecem as tarefas da formulação clara do problema e da hipótese como tentativa de solução”.

Em relação à abordagem, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois intenta o entendimento, a descrição e a descoberta dos dados, visando uma análise particular acerca do potencial da contribuição do bibliotecário escolar na promoção da saúde. A pesquisa qualitativa para Creswell e Creswell (2021), é o tipo de estudo onde os fatos são estudados dentro do seu contexto natural, partindo do significado que as pessoas lhes atribuem.

Por pretender um aprofundamento, é uma forma de pesquisa que utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir e aprimorar as perguntas de pesquisa no processo de interpretação, sendo os dados qualitativos usualmente descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações, condutas observadas e suas manifestações. Sendo assim, a pesquisa qualitativa proporciona que o pesquisador trabalhe com múltiplos métodos, dentre eles a análise de documentos, entrevistas e observações (Hernández Sampieri; Fernández Collado; Baptista Lucio, 2013; Creswell; Creswell, 2021).

De acordo com os procedimentos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e documental, pois fundamenta-se em materiais publicados acerca do tema e em documentos para obtenção dos dados. Este tipo de pesquisa possibilita a realização de um estudo, uma análise

e/ou uma comparação de documentos para extração de informações relevantes aos objetivos da pesquisa. Embora embasado em fontes já publicadas, este tipo de pesquisa tem como proposta produzir novos conhecimentos (Fontana; Pereira, 2023).

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 225),

Pesquisa alguma parte hoje da estaca zero. Mesmo que exploratória, isto é, de avaliação de uma situação concreta desconhecida, em um dado local, alguém ou um grupo, em algum lugar, já deve ter feito pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida. Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não duplicação de esforços, a não "descoberta" de ideias expressas, a não inclusão de "lugares-comuns" no trabalho.

Em seguida serão descritas as etapas da pesquisa bem como contextualizado o local e participantes a serem pesquisados, apresentados os procedimentos gerais adotados, assim como, a descrição sobre os instrumentos utilizados para a composição dos dados e a metodologia de análise.

3.3 PRIMEIRA ETAPA – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A primeira etapa da pesquisa foi realizada com o propósito de mapear ações relacionadas à saúde dentro de escolas e que contam com a participação do profissional bibliotecário. Para isso foi elaborada a questão de pesquisa: De que maneira bibliotecários em escolas, em parceria com outros profissionais, estão trabalhando para promover a saúde das comunidades?

Para a busca de artigos foi realizada pesquisa em nível nacional e internacional. Em nível internacional foi utilizada a base de dados Web of Science (WoS)⁶ e em nível nacional a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci)⁷. Visando expandir a busca e localizar outros materiais como teses e dissertações nacionais foi pesquisada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁸. Por entender que se trata de um trabalho que busca relatos de prática profissional também foram incluídos na busca anais de eventos, sendo eles os Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD)⁹ e do Painel de Biblioteconomia¹⁰. Cogitou-se utilizar os Anais do

⁶ Disponível em: <https://www-webofscience.ez46.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/basic-search>

⁷ Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/>

⁸ Disponível em: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>

⁹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/collections/>

¹⁰ Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/>

Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), por ser um dos maiores eventos nacionais da área, no entanto não foram incluídos na pesquisa pois a recuperação é distribuída em diversos sites e diversos formatos, tornando difícil a localização e recuperação.

As buscas foram realizadas nos dias 15/06/2022 e 17/06/2022, sendo incluídos na pesquisa os tipos de materiais: artigo científico, relato de caso, tese e dissertação. Nas bases de dados e para os Anais do Painel de Biblioteconomia não foram utilizados filtros temporais, sendo recuperados materiais independentes de sua data de publicação. Para os Anais do CBBB foram utilizadas as publicações a partir do ano de 2010, não sendo localizado o documento referente ao ano de 2011. Para localizar os materiais foram utilizados os seguintes buscadores: Bibliotecário/Bibliotecária, Escola, Saúde, Qualidade de vida, Bem-estar e seus respectivos termos em inglês, *Librarian, School, Health, Well-being, welfare, quality of life*.

Após realizar as buscas em todas as plataformas, o tratamento dos dados foi realizado de forma centralizada utilizando o gerenciador de referências Mendeley. Os artigos da BRAPCI e WoS foram exportados em formato bibtex e importados para o gerenciador de referências. Os registros da BDTD, Anais do CBBB e Painel de Biblioteconomia foram incluídos manualmente no gerenciador. Após remoção das duplicatas restaram 348 documentos nos quais foi realizada a primeira triagem por meio da leitura do título, resumo e palavras-chave. Nesta etapa foi utilizado o software Rayyan¹¹ para auxiliar a organização e facilitar a leitura e seleção dos artigos. Os critérios de inclusão e exclusão utilizados para os documentos estão listados no Quadro 3.

¹¹ Disponível em: <https://www.rayyan.ai/>

Quadro 3 - Critérios de Inclusão e Exclusão de Artigos.

Inclusão	
1	Artigos em português, inglês ou espanhol
2	Trabalhos publicados como artigos, relatos de caso, artigos de revisão; teses e dissertações
3	Trabalhos que abordem ações de educação ou promoção da saúde focados nos usuários da saúde no contexto escolar.
4	Trabalhos que abordem ações de educação ou promoção da saúde focados nos usuários da saúde que contem com a participação do bibliotecário
5	Documentos com texto completo disponível.
Exclusão	
1	Trabalhos que não abordem ações de educação ou promoção da saúde desenvolvidas por bibliotecas ou unidades de informação;
2	Trabalhos que contenham ações, mas que sejam voltados para profissionais da saúde ou ações desenvolvidas por bibliotecas especializadas, sem a participação de escolas.
3	Trabalhos que não possuem autores, resumo e/ou palavras chaves.

Elaborado pela autora (2023).

Após esta primeira etapa foram selecionados 19 artigos para leitura do texto completo. Percebeu-se durante esta fase que foram recuperados artigos que desenvolviam iniciativas com jovens e estudantes, mas dentro de instituições específicas de saúde e não dentro ou em parceria com escolas, estes artigos foram eliminados da busca por não se encaixarem no recorte da pesquisa. Finalizada a etapa de avaliação do texto completo foram selecionados 10 trabalhos para serem utilizados na pesquisa os quais serão detalhados no tópico 4.1.

3.4 SEGUNDA ETAPA – A PESQUISA DE CAMPO

A segunda etapa da pesquisa deu-se por meio de uma pesquisa de campo que visou entender o cenário atual e o potencial papel do bibliotecário na promoção da saúde na RMEF.

3.4.1 Instrumentos de Coleta de dados

Para uma coleta de dados confiável é necessário estabelecer os passos que serão seguidos, isso inclui definir limites e ferramentas para o estudo, para a recolha de informações, significa estabelecer um protocolo a ser seguido para coletar as informações necessárias para realização da pesquisa (Creswell; Creswell, 2021). Yin (2016, p. 126) comenta que “Em pesquisa qualitativa, os dados relevantes derivam de quatro atividades de campo: entrevistas, observações, coleta e exame (de materiais) e sentimentos”.

A coleta de dados da pesquisa de campo foi realizada utilizando dois instrumentos distintos. O primeiro foi o questionário, utilizado em dois momentos e em dois públicos

distintos da pesquisa. O primeiro questionário foi aplicado de forma online, via Google Formulário, com os diretores das escolas (Apêndice A), visando realizar um mapeamento das ações de atenção primária desenvolvidas pelas escolas e entender se existe participação da biblioteca e do bibliotecário nestas ações. O segundo questionário foi aplicado, também de forma online, via Google Formulário, após as entrevistas com os bibliotecários para realizar a caracterização dos bibliotecários entrevistados (Apêndice B).

O segundo instrumento utilizado foi a entrevista com os profissionais bibliotecários, as quais foram realizadas, de forma online utilizando a ferramenta Google Meet. Buscou-se com isso entender a perspectiva e o entendimento dos profissionais sobre saúde, qual sua atual contribuição e o potencial de sua atuação neste campo dentro das escolas. Por se tratar de um tema amplo e ainda pouco estudado no contexto do profissional bibliotecário na área escolar, foi selecionada a entrevista semiestruturada, sendo organizado um roteiro (Apêndice C), que de acordo com Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013, p. 426) é uma estrutura inicial “[...] de assuntos ou perguntas e o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas para precisar conceitos ou obter mais informações sobre temas desejados (isto é, nem todas as perguntas estão predeterminadas).”

3.4.2 Universo e Participantes da Pesquisa

O universo da pesquisa caracteriza-se pela totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo (Silva; Menezes, 2005). Para o presente trabalho foi selecionado como universo a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF). Essa rede é formada por três diferentes níveis de ensino, os Núcleos de Educação Infantil Municipais (NEIM), as Escolas Básicas Municipais (EBM) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O foco desta pesquisa está nas Escolas Básicas Municipais (EBM), onde estão alocados os bibliotecários concursados da rede municipal de ensino que fazem parte do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DEBEC). O DEBEC tem como funções o planejamento, a organização e o auxílio nas ações relativas à rede de bibliotecas, tanto em relação à serviços quanto à aquisição de acervo, mobiliário e equipamentos para as bibliotecas escolares e salas de leitura das unidades educativas da rede municipal de ensino. Busca ainda oferecer formação continuada aos profissionais bibliotecários e auxiliares de biblioteca e fomentar ações e projetos literários.

Em 2022, quando foi iniciada a pesquisa, a RMEF contava com 37 escolas básicas (Quadro 4 - Escolas Básicas Municipais de Florianópolis) distribuídas nas cinco regiões da cidade (norte, sul, leste, central e continental). De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Florianópolis, em 2022, a rede de bibliotecas escolares contava com 30 bibliotecários, para atender as 37 unidades educativas. Destes 30 profissionais, 27 atuavam dentro de escolas de educação fundamental, dois na biblioteca central da SME, no Centro de Educação Continuada, e um no Polo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Florianópolis, 2021).

Quadro 4 - Escolas Básicas Municipais de Florianópolis.

Bairro	Escola
Norte	
Barra do Sambaqui	EBM Marcolino José de Lima
Cachoeira Bom Jesus	EBM Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS)
Canasvieiras	EBM Osmar Cunha
Canasvieiras	EBM Virgílio dos Reis Várzea
Ingleses	EBM Herondina Medeiros Zeferino
Ingleses	EBM Professora Neuza Paula da Silveira Escola da Infância
Jurerê	EBM Jurerê
Ponta das Canas	EBM Osvaldo Machado
Ratones	EBM Mâncio Costa Escola do Futuro
Santinho	EBM Maria Tomázia Coelho
Santo Antônio de Lisboa	EBM Paulo Fontes
Vargem do Bom Jesus	EBM Luiz Cândido da Luz
Vargem Grande	EBM Albertina Madalena Dias
Sul	
Alto Ribeirão	EBM Batista Pereira
Armação Pântano do Sul	EBM Dilma Lúcia dos Santos
Caieira da Barra do Sul	EBM Lupércio Belarmino da Silva
Campeche	EBM Brigadeiro Eduardo Gomes
Morro das Pedras	EBM José Amaro Cordeiro
Pântano do Sul - Costa de Dentro	EBM Costa de Dentro
Rio Tavares	EBM João Gonçalves Pinheiro
Tapera	EBM Tapera Escola do Futuro
Leste	
Barra da Lagoa	EBM Acácio Garibaldi São Thiago
Canto da Lagoa	EBM João Francisco Garcez
Costa da Lagoa	EBM Costa da Lagoa
Lagoa da Conceição	EBM Henrique Veras
Retiro da Lagoa	EBM Retiro da Lagoa
Rio Vermelho	EBM Antônio Paschoal Apóstolo
Rio Vermelho	EBM Maria Conceição Nunes
Central	
Córrego Grande	EBM João Alfredo Rohr
Costeira do Pirajubaé	EBM Adotiva Liberato Valentim
Itacorubi	EBM Vitor Miguel de Souza
João Paulo	EBM José do Valle Pereira
Morro do Horácio	EBM Osvaldo Galupo
Pantanal	EBM Beatriz de Souza Brito
Saco Grande	EBM Donícia Maria da Costa
Serrinha	EBM José Jacinto Cardoso
Continental	
Coqueiros	EBM Almirante Carvalhal

Elaborado pela autora baseado em Florianópolis (2023).

De acordo com Hernández Sampiere, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013) na pesquisa qualitativa não existem parâmetros definidos para definir o tamanho da amostra, no entanto, os autores sugerem que quando aplicadas pesquisas em profundidade sejam analisados entre seis e dez casos. Para entender o panorama da promoção da saúde nas escolas e o papel do profissional bibliotecário nestas ações, foram selecionadas 13 escolas básicas da rede municipal, que no momento da definição da amostra representava a metade das unidades educativas com bibliotecário, sendo que a população foi composta por dois grupos, os diretores e os bibliotecários.

Para definir quais escolas entrariam para a amostra, inicialmente foi utilizado o critério de representatividade geográfica, sendo contempladas três escolas de cada uma das regiões: norte, sul, leste e central e uma escola da região continental, a única da localidade.

Como critérios seguintes de seleção foram considerados nesta ordem os seguintes pontos:

- 1) Escolas com alunos de 1º a 9º ano (Ensino Fundamental I e II);
- 2) Escolas próximas aos Centros de Saúde com maior número de registro de atendimentos em 2021;
- 3) Escolas com bibliotecário atuante há mais de três anos (ter cumprido o estágio probatório) na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis;
- 4) No caso de duas escolas no mesmo bairro que se encaixem em todos os critérios será selecionada a com maior número de alunos.

Após aplicar os critérios acima mencionados foram selecionadas as 13 escolas que seriam convidadas para participação na pesquisa. O Quadro 5 apresenta as escolas selecionadas, o bairro em que estão localizadas e o número de atendimentos do posto de saúde mais próximo no ano de 2021 e a Figura 5 apresenta o mapa da localização aproximada das unidades educativas selecionadas como amostra da pesquisa e localização do posto de saúde com maior número de atendimento.

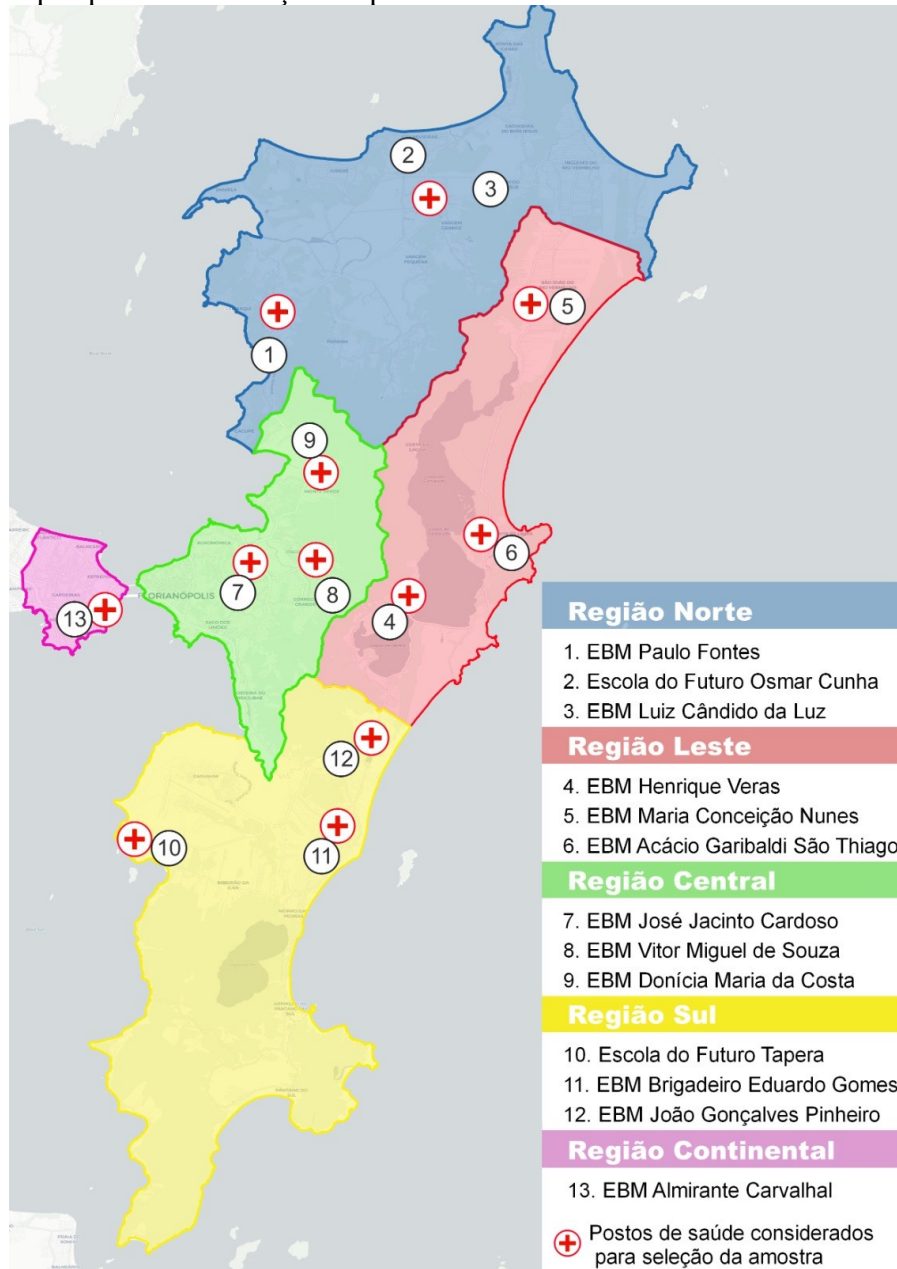
Quadro 5 – Escolas selecionadas para amostra.

Nome da Escola	Bairro	Atendimentos no CS próximo em 2021¹²
Norte		
EBM Luiz Cândido da Luz	Vargem do Bom Jesus	93.200 (Canavieiras)
EBM Osmar Cunha	Canasvieiras	93.200 (Canavieiras)
EBM Paulo Fontes	Santo Antônio de Lisboa	57.300 (Santo Antônio de Lisboa)
Sul		
EBM Tapera Escola do Futuro	Tapera	113.400 (Tapera)
EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	Campeche	77.800 (Campeche)
EBM João Gonçalves Pinheiro	Rio Tavares	60.500 (Rio Tavares)
Central		
EBM Donícia Maria da Costa	Saco Grande	163.800 (Saco Grande)
EBM José Jacinto Cardoso	Serrinha	124.100 (Trindade)
EBM Vitor Miguel de Souza	Itacorubi	70.700 (Itacorubi)
Leste		
EBM Maria Conceição Nunes	Rio Vermelho	173.000 (Rio Vermelho)
EBM Henrique Veras	Lagoa da Conceição	68.300 (Lagoa da Conceição)
EBM Acácio Garibaldi São Thiago	Barra da Lagoa	62.500 (Barra da Lagoa)
Continental		
EBM Almirante Carvalhal	Coqueiros	59.800 (Coqueiros)

Elaborado pela autora (2023).

¹² Dados obtidos no Painel de Produção da Prefeitura Municipal de Florianópolis (<https://datastudio.google.com/u/0/reporting/f342cc83-77ba-4bab-835a-ef4a6137448b/page/vH9tB>). Filtros selecionados para a busca: Data de início: 01/01/2021 – Data de término: 31/12/2021 / Tipo de Unidade: CS / Unidade: (seleção da unidade desejada).

Figura 5 – Mapa da localização aproximada das unidades educativas selecionadas como amostra da pesquisa e localização do posto de saúde com maior número de atendimento.



Elaborado pela autora (2023).

Além das 13 escolas incluídas na amostra foi selecionada por conveniência uma escola da RMEF que conta com profissional bibliotecário para realização do pré-teste.

A partir da autorização da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e do Comitê de Ética foi realizado contato com os diretores de cada uma das unidades escolares para obter autorização para a pesquisa e para convidá-los para participar da etapa do questionário de levantamento de iniciativas.

O contato com os diretores foi realizado inicialmente por e-mail com um texto explicativo sobre o conteúdo da pesquisa, o termo de Autorização da Secretaria Municipal; o Projeto de pesquisa; a Carta de apresentação da pesquisadora e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Conforme orientado pelo Comitê de Ética apenas após receber o retorno confirmando a participação e o TCLE assinado era realizado o envio do questionário eletrônico, via Google Formulário, com o objetivo de realizar o levantamento de iniciativas de atenção primária à saúde. Após o envio do primeiro e-mail não foram obtidas respostas, logo, foram enviados novamente os e-mails convite.

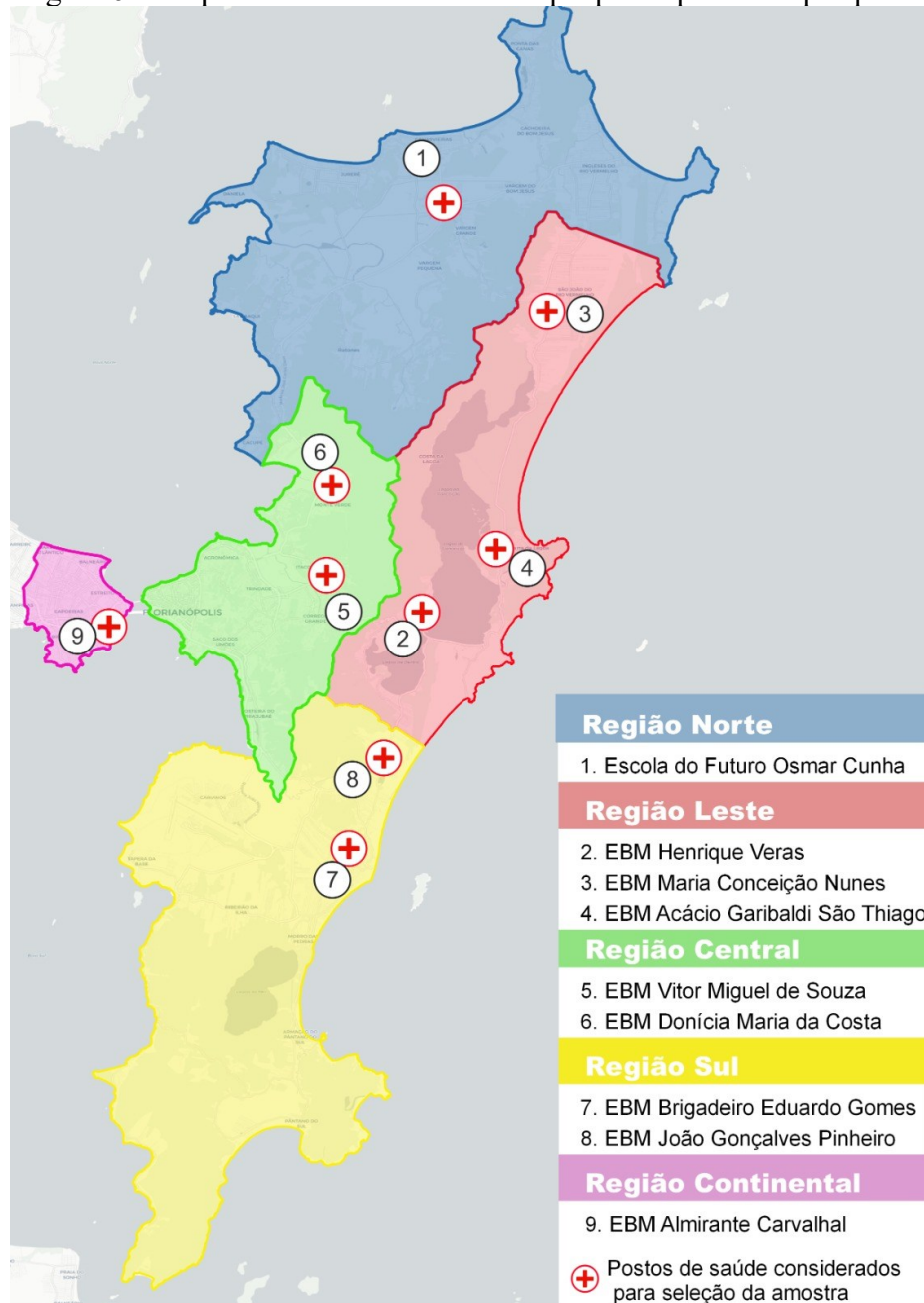
Buscando outra forma de contato foi efetuado contato telefônico com as escolas, mas também sem muito sucesso, em algumas situações o contato com o diretor era obtido, mas não havia retorno ao e-mail. Em outras situações não era possível nem contatar o diretor, pois o telefone se encontrava ocupado ou ele estava atendendo demandas da unidade. Após diversas tentativas de contato por e-mail e telefone o índice de resposta deste público foi extremamente baixo, foram obtidas apenas 3 respostas ao formulário e uma das respostas foi inutilizada pois o respondente não retornou o TCLE assinado.

O contato inicial com os bibliotecários também foi realizado por e-mail, pois a pesquisadora não estava na cidade de Florianópolis para realizar o contato e a coleta dos dados de forma presencial. O índice de retorno dos bibliotecários via e-mail, assim como o dos diretores foi baixo. Visando melhorar o índice de resposta o TCLE e a autorização para participação foram entregues de forma física. Após a entrega da documentação física foi enviado novo e-mail visando marcar a data da entrevista. Quatro bibliotecários responderam ao e-mail e optaram por não participar da pesquisa, e em uma das escolas o bibliotecário estava afastado, excluindo esta unidade educativa da amostra.

Dos oito bibliotecários que aceitaram participar da pesquisa não foi possível realizar a entrevista via vídeo chamada com todos, três profissionais preferiram participar recebendo o roteiro de entrevista e respondendo. Dois responderam de maneira escrita e um optou por responder via áudio do WhatsApp.

Obteve-se como amostra para coleta final dos dados oito bibliotecários e dois questionários válidos dos diretores, resultando em um total de 9 unidades educativas participantes (Figura 6).

Figura 6 – Mapa das unidades de ensino que participaram da pesquisa.



Elaborado pela autora (2023).

No próximo tópico será apresentada a forma de tratamento e análise dos dados coletados na segunda etapa da pesquisa.

3.4.3 Tratamento e análise dos dados

Ao realizar a coleta de dados com diferentes instrumentos como questionários e entrevistas, os dados obtidos variam em sua estrutura e forma de apresentação. Nesta pesquisa

optou-se por utilizar a ferramenta Google Formulários para a aplicação dos questionários. É uma ferramenta de fácil entendimento para os respondentes e facilita a organização e análise dos dados coletados. Estes dados foram organizados em forma de planilha pelo próprio software, que elenca as informações automaticamente em uma planilha do próprio Google, gerando uma linha para cada respondente e uma coluna para cada resposta. Esta organização auxiliou na análise do perfil dos participantes e das iniciativas de promoção da saúde.

Também de forma remota, utilizando a ferramenta Google Meet, as entrevistas ocorreram entre os meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2022. Por se tratar do primeiro ano de retorno das atividades de forma presencial, pode-se observar durante as falas dos entrevistados que foi um ano de readaptação, um dos entrevistados menciona que *“2020 e 2021 foram super desafiadores, porque, por conta da pandemia teve que ressignificar todo o trabalho da biblioteca”*. Apesar de seguirem o roteiro, as entrevistas foram conduzidas em forma de conversa, apesar do pré-teste realizado, em alguns momentos foi necessário realizar questões complementares para esclarecer dúvidas que surgiam tanto por parte dos entrevistados quanto por parte da pesquisadora.

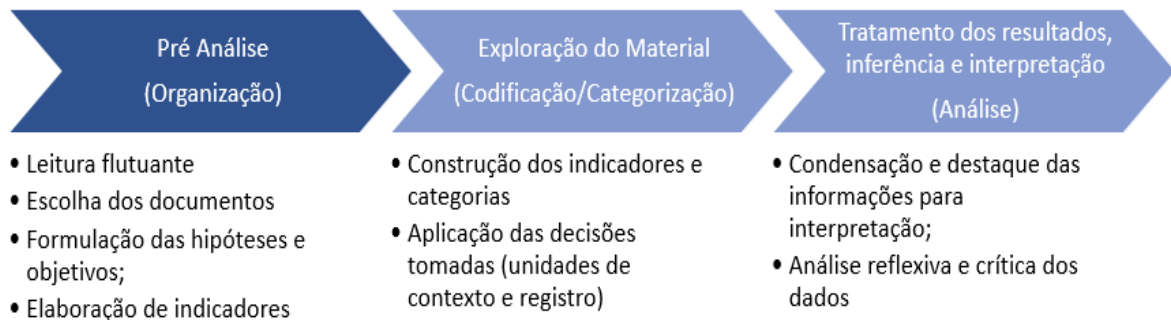
Com todas as entrevistas concluídas foi executada a transcrição das conversas realizadas em vídeo e áudio e estruturados os textos recebidos por escrito. A transcrição é uma etapa demorada, mas que permite ao pesquisador reviver toda a entrevista, observando informações que passaram despercebidas durante a conversa com o participante. As transcrições ocorreram da forma mais fidedigna possível, com isso quando os participantes interrompiam seu pensamento com um novo assunto ou não finalizavam uma frase foi optado por adicionar três pontos “...” para indicar que naquele momento existia um pensamento não concluído ou uma palavra não dita. Para momentos em que foi suprimido um trecho foi utilizado como indicado pela norma de citação os três pontos dentro de colchetes “[...]”. Na transcrição, visando garantir a privacidade dos participantes, optou-se por trocar o nome dos bibliotecários por nomes fictícios.

O conteúdo obtido nas entrevistas era muito rico, mas foi necessário organizá-lo para que pudesse atender aos objetivos da pesquisa. Para orientar o processo de estruturação das informações foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011), prática caracterizada como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2011, p. 48).

Bardin (2011) descreve três etapas a serem seguidas para realizar uma análise de conteúdo, são elas: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados (Figura 7).

Figura 7 – Etapas da análise de conteúdo.



Elaborado pela autora baseado em Bardin (2011).

Com todas as entrevistas transcritas foi iniciada a primeira etapa, a Pré-análise. Optou-se por utilizar o software Atlas.ti¹³, para auxiliar na análise e organização dos dados. Inicialmente foi realizada a inclusão de todas as transcrições para o software. Como teste inicial foi utilizada a ferramenta AI Coding (uma codificação realizada via Inteligência Artificial – IA). A codificação realizada pelo software retornou muito ampla e desconexa aos objetivos do trabalho, sendo utilizada apenas como suporte para auxiliar na posterior definição de nomenclatura dos códigos atribuídos.

Ao perceber que o recurso de IA não seria interessante nesta parte inicial da pesquisa foi gerado um novo arquivo dentro do Atlas.ti, o qual foi codificado manualmente pela pesquisadora. Por se tratar de entrevistas e de um assunto amplo, a análise iniciou sem temas pré-definidos. A primeira etapa realizada foi a leitura de cada uma das entrevistas e a identificação de temas que iam surgindo no decorrer dos discursos. Bardin (2011, p. 98) comenta que ao realizar a leitura de entrevistas “Em primeiro lugar, é preciso ‘ler’: Mas não basta ler e compreender ‘normalmente’” a autora enfatiza que para auxiliar na compreensão podemos usar algumas perguntas como auxílio, por exemplo: “O que está dizendo esta pessoa realmente? [...] O que ela não diz? Que diz sem o dizer? Como as palavras, as frases e as sequências se encadeiam entre si? Qual é a lógica discursiva do conjunto? Será que posso

¹³ Software para análise de dados qualitativos. Site para acesso ao software: <https://atlasti.com/>

resumir a temática de base e a lógica interna específica da entrevista? etc" (Bardin, 2011, p. 98).

Tendo em mente esta forma de compreensão mais profunda e analítica, as entrevistas foram lidas separadamente e cada uma tratada como um documento único. Bardin (2011) comenta que existem diversas facetas a serem analisadas em uma entrevista, para nossa análise optamos pela análise temática, na qual pode-se dividir o discurso em alguns temas principais que poderão ser aperfeiçoados e esmiuçados em subtemas, caso desejarmos. Extraem-se características associadas ao tema central, as quais tornam possível realizar associações e significados relacionados a este tema. Neste contexto, conforme a leitura dos textos ia acontecendo iam sendo atribuídos temas e subtemas dentro de seu contexto único, e identificadas características associadas ao tema central da entrevista: a saúde e o entendimento dos bibliotecários sobre seu papel na promoção da saúde das comunidades, vamos chamar este processo de pré-codificação.

Após todas as entrevistas pré-codificadas individualmente foi iniciada a parte dois da análise de conteúdo, Exploração do material (Codificação/Categorização). De acordo com Bardin (2011) este é o momento onde se realiza a exploração do material, é a etapa mais longa e o ponto crucial da análise, nela é necessário tomar as decisões iniciadas na pré-análise. Neste ponto ocorre a codificação, na qual o pesquisador irá estabelecer unidades de registro, enumerá-las e organizá-las em categorias por meio da classificação, promovendo assim a união de características comuns. Realiza-se também nesta etapa a categorização, processo que consiste na ordenação das informações de acordo com a correlação das classes de eventos (Bardin, 2011).

Optou-se por revisar todos os códigos obtidos na pré-análise e avaliar se existiam codificações repetidas ou desnecessárias, o que poderia ser aglutinado no mesmo código e revisar a hierarquização dos temas. Toda esta revisão foi realizada dentro do Atlas.ti. O software proporciona criar temas e subtemas para melhor dividir os assuntos. Para revisar estes temas pré-codificados é possível visualizar todos os códigos criados em uma lista única, ou analisar cada tema em separado por meio da aplicação de filtros. Optamos por trabalhar com os filtros e trabalhar um tema por vez. Dentro deste tema era possível visualizar todos os códigos atribuídos e ao clicar em um dos códigos era possível observar qual foi o trecho marcado com aquele indicador o que facilitou a revisão (Figura 8, Figura 9 e Figura 10).

Figura 8 – Listagem dos códigos criados, número de citações, comentários e tema (Group) a que pertencem.

Code Manager

<input type="checkbox"/> ↑	Color	Quotations	Comme...	Groups
<input type="checkbox"/> Atendimento da biblioteca comunidade em geral: não atende	●	4		<input type="button" value="Público da biblioteca"/>
<input type="checkbox"/> Atendimento da biblioteca comunidade escolar: carga horária insu	●	1		<input type="button" value="Público da biblioteca"/>
<input type="checkbox"/> Atendimento da biblioteca comunidade geral: falta de estrutura/pe	●	7	falta de acer	<input type="button" value="Público da biblioteca"/>
<input type="checkbox"/> Biblioteca e Promoção da saúde: ações desenvolvidas: atividades d	●	3		<input type="button" value="Biblioteca e promoção da saúde"/>
<input type="checkbox"/> Biblioteca e Promoção da Saúde: ações desenvolvidas: disponibiliz	●	2		<input type="button" value="Biblioteca e promoção da saúde"/>
<input type="checkbox"/> Biblioteca e Promoção da Saúde: ações desenvolvidas: entrega de	●	2		<input type="button" value="Biblioteca e promoção da saúde"/>
<input type="checkbox"/> Biblioteca e promoção da saúde: ações desenvolvidas: espaço acol	●	3		<input type="button" value="Biblioteca e promoção da saúde"/>

Dados primários trabalhados no Atlasti (2023).

Figura 9 – Listagem dos códigos filtrados por tema (Group).

Code Manager

<input type="checkbox"/> ↑	Color	Quotations	Comme...	Groups
<input type="checkbox"/> Papel bibliotecário/biblioteca: dar acesso à informação	●	5		<input type="button" value="Papel do bibliotecário/biblioteca"/>
<input type="checkbox"/> Papel bibliotecário/biblioteca: Desafios: Fragilidade da biblioteca	●	1		<input type="button" value="Papel do bibliotecário/biblioteca"/>
<input type="checkbox"/> Papel bibliotecário/biblioteca: educador	●	4		<input type="button" value="Papel do bibliotecário/biblioteca"/>
<input type="checkbox"/> Papel bibliotecário/biblioteca: papel social	●	2	biblioteca co	<input type="button" value="Papel do bibliotecário/biblioteca"/>

Dados primários trabalhados no Atlasti ((2023).

Figura 10 – Seleção de um código e a visualização das citações marcadas com este código.

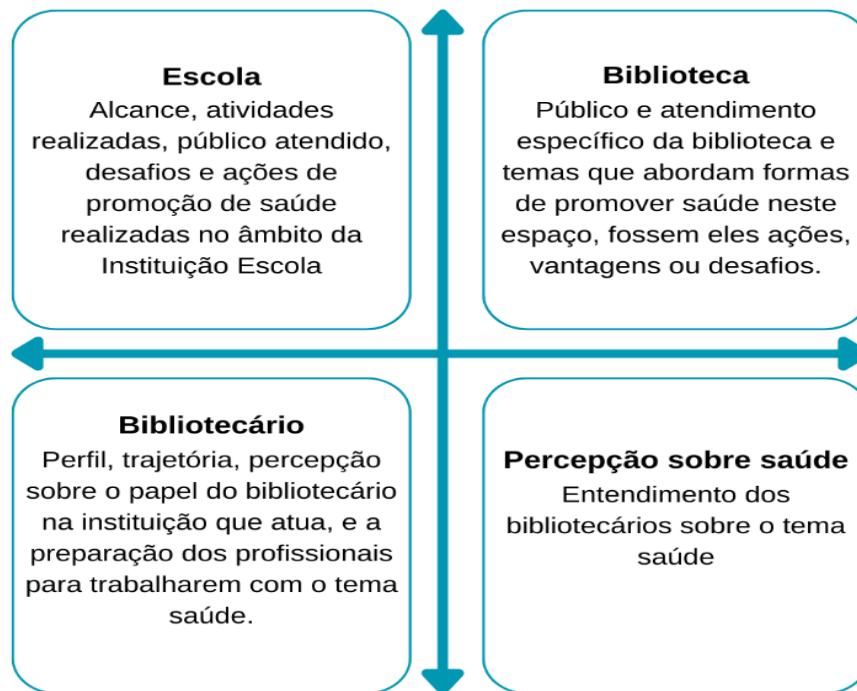
The screenshot shows the 'Code Manager' interface. On the left, there is a table of codes with columns for 'Color' and 'Quotation'. The selected code is 'Papal bibliotecário/biblioteca: dar acesso à informação', which has a teal color and 5 quotations. Below the table, the text 'Dados primários trabalhados no Atlasti ((2023)).' is visible. On the right, the 'Quotations 5' panel shows a list of quotations, with the first one starting with 'Cumpre papel social e também relevância para o acesso à informação, contribuir para a escrita, leitura e ao letramento.'

	Color	Quotation
<input type="checkbox"/> Papal bibliotecário/biblioteca: dar acesso à informação	Teal	5
<input type="checkbox"/> Papal bibliotecário/biblioteca: Desafios: Fragilidade da biblioteca	Red	1
<input type="checkbox"/> Papal bibliotecário/biblioteca: educador	Teal	4
<input type="checkbox"/> Papal bibliotecário/biblioteca: papel social	Teal	2
<input type="checkbox"/> Papal bibliotecário/biblioteca: promover a cultura da história	Teal	7
<input type="checkbox"/> Papal do bibliotecário/biblioteca: acolhimento	Teal	3
<input type="checkbox"/> Papal do bibliotecário/biblioteca: Desafios: Covid-19	Red	3

Dados primários trabalhados no Atlasti ((2023)).

Ao finalizar este movimento de organização dos códigos resultaram oito temas principais: Público da Escola, Escola na Promoção da Saúde, Público da Biblioteca, Papel da biblioteca e bibliotecário, Biblioteca e promoção da saúde, Perfil dos bibliotecários, Capacitação dos bibliotecários para trabalhar o tema saúde e Concepção sobre saúde. Ao visualizar esta organização inicial percebeu-se que alguns temas estavam se repetindo e poderiam ser categorizados em um tema maior. Tendo em vista os objetivos da pesquisa, de discutir potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde de suas comunidades foi realizada uma reorganização e agrupamento dos códigos, o que resultou em quatro temas principais apresentado na Figura 11.

Figura 11 – Categorias utilizadas para análise na pesquisa.



Elaborado pela autora (2023).

Dentro dos quatro temas principais foi criada uma estrutura hierárquica¹⁴ para agrupar e organizar os subtemas que surgiram dentro de cada assunto. No tópico 4.2.3 será apresentada cada categoria e suas subdivisões. A categorização completa está disponível no Apêndice E.

Com as categorias definidas, iniciou-se o terceiro e último momento da análise. Nesta etapa, por meio dos dados brutos obtidos, foram realizadas inferências e interpretação dos dados visando apresentar significância e validade.

Bardin (2011) comenta que para realizar a análise de conteúdo em sua completude é necessário atentar-se a terceira etapa, pois esta não se limita a analisar os documentos e seus conteúdos explícitos, ela exige que o pesquisador vá além do que está escrito ou do que foi dito, a inferência e a interpretação são essenciais. Ao abordar a ideia de conteúdo explícito, Triviños (1987, p. 162) assevera que “[...] não é possível que o pesquisador detenha sua atenção exclusivamente no conteúdo manifesto dos documentos. Ele deve aprofundar sua análise, tratando de desvendar o conteúdo latente que eles possuem.”

Neste contexto, optou-se por realizar uma análise qualitativa nos dados obtidos, focando principalmente no aprofundamento do contexto e das falas sobre os temas e subtemas identificados na pesquisa. Também foi observada a frequência com que cada tema aparecia em

¹⁴ Importante ressaltar que embora os temas e subtemas obtidos nas entrevistas estejam organizados de forma hierárquica, este trabalho não pretende desenvolver uma taxonomia sobre o assunto.

cada entrevista, mas este não foi o ponto focal da análise, não sendo excluída nenhuma temática por possuir baixa frequência. O próximo tópico irá apresentar os resultados e análises realizadas em todas as etapas da pesquisa.

4 RESULTADOS

A apresentação dos resultados está organizada em duas seções: a primeira revela a apresentação e análise da produção científica recuperados na revisão de literatura no campo da Ciência da Informação. Na segunda seção, são sistematizados os dados e efetuada análise de conteúdo dos instrumentos de coleta de dados aplicados à diretores e bibliotecários da Rede Municipal de Florianópolis (RMEF), com intuito de confrontar a literatura científica com os dados empíricos obtidos na pesquisa de campo.

4.1 BIBLIOTECÁRIOS PROMOVEDORES SAÚDE, UMA REALIDADE POSSÍVEL?

Antes de iniciar a pesquisa de campo que visou compilar a percepção dos bibliotecários escolares de Florianópolis sobre o que pode e vem sendo feito na área da saúde dentro das bibliotecas escolares, foi realizada uma revisão bibliográfica que busca mapear ações relacionadas à saúde dentro de escolas e que contam com a participação do profissional bibliotecário. Para isso foi elaborada a questão de pesquisa: De que maneira bibliotecários em escolas, em parceria com outros profissionais, estão trabalhando para promover a saúde das comunidades? Desta busca foram selecionados dez trabalhos utilizados na pesquisa. Para que possamos entender melhor cada uma das iniciativas, será realizada uma breve descrição de cada um dos artigos.

O artigo “*Outreach to community organizations: the next consumer health frontier*” da autora Carol S Scherrer (2002), é um projeto que envolve diversas instituições, entre elas a Biblioteca Médica, a Escola, e Grupos e instituições comunitários. Foi realizado por meio de treinamentos oferecidos pelos bibliotecários médicos da Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Illinois em Chicago e se deu em instituições de bairros e em duas escolas. Esta iniciativa tinha como objetivo melhorar a saúde dos residentes em áreas com contaminação por chumbo e aumento das taxas de asma. Para isso, pretendia formar representantes comunitários competentes em acessar materiais online relacionados à saúde pública para que estes auxiliassem na promoção da saúde em seus bairros.

O projeto aconteceu a partir da proposta do cumprimento de cinco metas em uma série de cinco aulas, duas de treinamento no Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), duas de habilidades em pesquisa na Internet e uma na criação de uma página da Web. Foi fornecida uma estação de trabalho com um computador e acesso à internet

em cada um dos locais em que o projeto foi desenvolvido. As estações de trabalho eram adaptadas para a realidade e necessidades do local. Por exemplo, em uma das escolas a equipe de saúde do Departamento de Prática Familiar da Cook County Hospital testou toda a classe de calouros de uma escola de ensino médio para asma, uma vez que os alunos foram corretamente diagnosticados, eles foram instruídos para formas de encontrar informações on-line sobre o manejo da asma. Outra escola buscou ensinar aos alunos formas de localizar soluções alternativas de limpeza, como vinagre e água para limpeza de janelas, que são ecologicamente corretas e menos propensas a desencadear asma em indivíduos sensíveis a produtos comerciais.

A partir da experiência, a autora relata que problemas técnicos como a instalação de máquinas e internet podem ser um grande obstáculo em um projeto como o proposto, é necessário além de oferecer maquinário oferecer suporte técnico. Outro ponto relevante é em relação aos treinamentos e aos materiais oferecidos. Foram utilizadas bases médicas, artigos científicos e literatura médica, no entanto, o público-alvo da iniciativa nem sempre tinha o conhecimento computacional necessário para participar dos treinamentos e não estava familiarizado com os materiais disponibilizados. É indispensável incluir as necessidades de informação além das necessidades de equipamentos.

Depreendeu-se do projeto que é necessário conhecer seus leitores e o que eles percebem como necessidade. Ao realizar o treinamento com os líderes comunitários e nas escolas este projeto demonstra a importância de que treinamentos e divulgações de informações de saúde devem ser fornecidos por pessoas que sejam conhecidas e que sejam de confiança da comunidade. A autora reforça esta ideia quando cita o trabalho de Martin e colaboradores (*apud* Scherrer, 2002, tradução nossa) que relata que em “[...] um projeto de divulgação da AIDS para organizações comunitárias, foi percebida a necessidade de uma pessoa de ligação em cada local de divulgação para garantir o sucesso do projeto. Esses autores também acreditam ser útil que bibliotecários de divulgação sejam membros da comunidade-alvo”.¹⁵

“*Designing a curriculum on Internet health resources for deaf high school students*” foi escrito por Amy L. Gregg, Jody A. Wozar, Charles B. Wessel e Barbara A. Epstein (2002), neste artigo os autores descrevem o processo para integrar recursos de saúde de qualidade na Internet no currículo de uma escola secundária especializada para alunos com deficiência auditiva. A pesquisa é desenvolvida por uma parceria entre o Sistema de Bibliotecas de Ciências

¹⁵ "reporting on an AIDS outreach project to Community based organizations, documented the need for a liaison person at each outreach site to ensure project success. These authors also found it helpful for outreach librarians to be members of the target community." (Martin *et al.*, 1997, p. 2 *apud*).

da Saúde da Universidade de Pittsburg (The Health Sciences Library System -HSLs) e a Escola da Pensilvânia Ocidental para Surdos (Western Pennsylvania School for the Deaf - WPSD). Nesta pesquisa o bibliotecário tem papel ativo, agindo como instrutor. Também participam do desenvolvimento do trabalho professores, diretores e professores da área da saúde. Para realização do projeto foi desenvolvido um currículo sobre recursos de saúde da Internet para alunos surdos do ensino médio usando uma abordagem de equipe, foram realizadas duas aulas voltadas para a educação em saúde com alunos do décimo ano.

A primeira aula foi realizada em forma de palestra e a segunda aula foi ministrada dois dias após a primeira e foi realizada de forma prática no laboratório de informática. As atividades da aula prática refletiam os assuntos ministrados na primeira aula. Percebeu-se que a parceria formada entre HSLs e WPSD melhorou a capacidade dos alunos surdos do ensino médio para localizar informações de saúde de qualidade na Internet.

Alguns obstáculos foram encontrados durante a realização das aulas de instrução como a dificuldade de comunicação devido a diferença de linguagens utilizadas pelos alunos, alguns exemplos são a dificuldade com a terminologia médica, onde positivo pode significar um resultado ruim e na terminologia "leiga" positivo significa uma coisa boa. Os bibliotecários superaram estes desafios estudando as linguagens previamente e assistindo os instrutores darem aulas.

O terceiro artigo, “*High school peer tutors teach MedlinePlus: a model for Hispanic outreach*”, escrito por Debra G. Warner, Cynthia A. Olney, Fred B. Wood, Lucille Hansen e Virginia M. Bowden (2005), é um projeto desenvolvido por uma biblioteca médica e por bibliotecários médicos, mas ele é realizado dentro do contexto escolar e busca integrar os bibliotecários escolares no projeto. Como objetivo busca apresentar e disseminar a utilização do site MedlinePlus como fonte de informação relevante para os alunos do Ensino Médio e ainda formar tutores de pares¹⁶ para disseminar a utilização do MedlinePlus à comunidade hispânica no Lower Rio Grande Valley, no sul do Texas, Estados Unidos. Para verificar a melhor metodologia e definir quem seriam os tutores foram desenvolvidos grupos focais, um

¹⁶ O ensino por pares é um processo pelo qual pessoas treinadas ensinam ou compartilham informações entre colegas com quem compartilham relações sociais semelhantes. É uma metodologia muito utilizada na área da disseminação de informação em saúde. Sônia Ferreira Dias (2006, p. 5) define que “a educação pelos pares no âmbito da Promoção da Saúde pode ser definida, de uma forma global, como um processo que ocorre durante um período de tempo, através do qual indivíduos bem treinados e motivados, desenvolvem actividades educacionais informais ou organizadas, com o objectivo de desenvolver o conhecimento, atitudes, crenças e competências nos seus pares (iguais) de forma a capacitá-los para protegerem a sua saúde e a das comunidades onde estão inseridos.”

com professores e outro com alunos, a fim de identificar as necessidades de informação em saúde e os pontos de vista sobre tecnologia e uso da Internet. Os tutores e bibliotecários escolares foram treinados pelos bibliotecários do Regional Academic Health Center no uso do MedlinePlus (e PubMed), o treinamento ocorreu em várias sessões usando diferentes técnicas de treinamento.

Os autores relatam que o projeto foi exitoso, pois mais da metade dos alunos relatam que usaram o site apresentado fora da sessão de treinamento formal; mais de 80% utilizaram para pesquisas escolares; 50% realizaram buscas de informação em saúde e os alunos relataram ainda que levaram as informações para além da comunidade escolar. Além dos resultados obtidos diretamente ligados aos alunos, um dos resultados mais interessantes e inesperados do projeto foi uma mudança no relacionamento da equipe da biblioteca com a escola.

Os bibliotecários escolares se tornaram mais ativos e envolvidos, extrapolando suas funções de suporte, eles se tornaram mais envolvidos com outros bibliotecários da região. Ao pontuar o que acreditam serem elementos fundamentais para o sucesso de projetos desta natureza os autores enfatizam a importância de pesquisar a cultura do grupo e avaliar a comunidade que será trabalhada, outro fator extremamente importante para o sucesso deste projeto foi a aplicação do conceito tutoria em pares e a parceria entusiástica dos alunos e bibliotecários (Warner *et al.* 2005).

O artigo “*La biblioterapia como herramienta de ayuda aplicada en la biblioteca escolar*” de Kimberly Naranjo Mora, Gloriela Navarro Araya e Tatiana Zúñiga Seravalli (2017) tem como objetivo apresentar um projeto desenvolvido pelas autoras, bibliotecárias e pesquisadoras, em parceria com professores do serviço de apoio emocional, dentro de uma escola na Costa Rica. O projeto busca prevenir o bullying e promover a cultura de paz. Para a realização do projeto foram realizadas seções em grupos com seis crianças selecionadas, entre sete e nove anos, identificadas com problemas de conduta.

Estas foram submetidas a 19 intervenções de biblioterapia em grupo, com duração de uma hora cada intervenção, por um período de dois meses entre os meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2015. As mediações foram aplicadas pelos bibliotecários da pesquisa e apoiadas com as recomendações dos professores do serviço de apoio emocional. Em cada seção foi abordado um tema considerado relevante pelos bibliotecários e pelos profissionais de apoio emocional acompanhantes. Foram utilizadas técnicas como jogos, trabalhos manuais, reprodução de histórias em vídeo e áudio, narração oral, dramatizações com fantoches, desenhos, colagens, os quais permitiram a cada participante expressar livremente sua

criatividade e relacionar seus problemas pessoais com as leituras escolhidas para cada intervenção.

As autoras relatam que a partir do acompanhamento com os alunos, professores e pais observaram-se resultados muito positivos, pois aos poucos os participantes adquiriram uma atitude melhor em seu comportamento, principalmente em relação aos professores da escola e às suas mães, como eles próprios expressaram nas entrevistas avaliativas do processo. Mesmo em um dos alunos que não finalizou o projeto, a mãe relata melhora em seu comportamento: “A mãe do garoto que saiu do workshop disse que, embora seu filho tenha comentado que estava entediado [...] porque eles sempre liam histórias, nas poucas sessões de que participou ele voltou para casa contando o que havia acontecido.” Ela comenta ainda que “ele se lembrava dos personagens e das atitudes dos protagonistas das histórias quando enfrentava circunstâncias difíceis, analisando o que acontecia nas histórias.”¹⁷ (Mora; Araya; Seravalli, 2017, p. 17, tradução nossa). As autoras relatam que os alunos mostraram progresso em seus relacionamentos com seus colegas mostrando-se mais receptivos e mais alegres em sala de aula, sendo um dos alunos dispensado do acompanhamento psicológico.

O artigo escrito por Monique Clar, Eric Drouin e Sandra Iverson (2018), intitulado “*Dare to Dream: Promoting Indigenous Children's Interest in Health Professions through Book Collections*”, descreve duas iniciativas localizadas no Canadá, uma na província de Quebec e outra em Ontario, que buscam desenvolver coleções de livros de ciências da saúde para escolas indígenas. O primeiro projeto, *The Mini-school*, é um projeto de extensão da Université de Montréal, e relata a distribuição de materiais de saúde nos arredores de Quebec durante os anos de 2014 a 2017.

O projeto é uma parceria da biblioteca especializada em saúde da Universidade com bibliotecas escolares indígenas e alunos de Biblioteconomia e Ciências da Informação visando desenvolver e entregar uma coleção de livros de ciências e saúde infantil. Para este projeto foram organizadas atividades de visitas escolares 3 vezes por ano em comunidades indígenas, em que a biblioteca universitária de saúde foi envolvida em 2013. As primeiras coleções de livros infantis sobre temas relacionados à saúde e ciências foram desenvolvidas e entregues às escolas em 2014. O segundo projeto relatado pelo artigo é chamado *Mosaic/Mosaïque*, o qual

¹⁷ La madre del niño que se salió del taller, afirmó que aunque su hijo comentó que le aburrían los talleres porque siempre se leían cuentos, en las pocas sesiones que participó llegó contando lo sucedido a su casa. Además, recordaba personajes y actitudes de los protagonistas de las historias frente a circunstancias difíciles, haciendo análisis de lo sucedido en los cuentos (Mora; Araya; Seravalli, 2017, p. 17).

aconteceu durante uma convenção e teve como objetivo arrecadar livros de saúde para distribuição nas comunidades indígenas nos arredores de Ontário. Este projeto aconteceu no ano de 2016 e teve como inspiração o projeto realizado em Quebec. O projeto convidou os participantes da conferência a comprarem livros infantis sobre temas de saúde e ciência para que estes fossem enviados às comunidades das Primeiras Nações em Ontário, os livros seriam entregues e serviriam para que as crianças indígenas tivessem mais acesso e interesse pela ciência, pesquisa, medicina e saúde.

O artigo apresenta os critérios utilizados para formação e desenvolvimento das coleções, enfatiza a importância de que apesar de o projeto *The Mini-school*, ser um projeto de extensão realizado pela universidade e pela biblioteca de ciência da saúde, a participação dos bibliotecários escolares é de extrema importância, pois são eles que conhecem a realidade dos estudantes e da comunidade onde os livros serão utilizados. Principalmente por se tratar de uma comunidade indígena, os autores concordam com o preceito de Medin e Bang (2014, p.1, tradução nossa) “de que a comunicação científica necessariamente envolve e inclui orientação cultural”¹⁸ e isto “levou à decisão de que a seleção final dos livros deveria ser feita na escola e não por um bibliotecário acadêmico não indígena.”¹⁹ (Clar; Drouin; Iverson, 2018, p. 29, tradução nossa).

Além da entrega dos livros, o projeto mantém contato e busca receber feedbacks, os autores descrevem que este retorno, mesmo que informal, recebido sobre as coleções de livros entregues tem sido muito positivo, tanto das crianças e jovens como dos professores e da direção da escola. O feedback do pessoal da biblioteca escolar (BE) em algumas escolas secundárias de Quebec destacou a popularidade dos livros de educação sexual, além dos livros sobre plantas indígenas e curas que foram particularmente populares entre os alunos.

A Université de Montréal atualiza as coleções de livros a cada um ou dois anos. Em alguns casos, a comunicação com as escolas durante o processo de atualização foi muito mais tranquila do que o contato original, e as escolas solicitaram mais livros sobre temas de saúde prevalentes em suas comunidades (diabetes, abuso de drogas, educação sexual, infecções sexualmente transmissíveis etc.) em vez de livros que são mais orientados para a ciência.

No artigo “*Rural School Libraries Anchoring Community Mental Health Literacy*” os autores Denice Adkins, Beth Brendler, Kerry Townsend e Melissa Maras (2019), descrevem os

¹⁸ “science communication necessarily involves and includes cultural orientations” (Medin; Bang, 2014).

¹⁹ “led to the decision that final selection of the books should be done at the school and not by a non-Indigenous academic librarian” (Clar; Drouin; Iverson, 2018, p. 29).

resultados obtidos na realização de grupos focais com bibliotecários escolares durante um projeto que possuía dois principais objetivos: 1) determinar e descrever os esforços atuais entre as bibliotecas escolares e comunidades rurais para promover a alfabetização em saúde mental; e 2) determinar a capacidade das bibliotecas escolares rurais para promover a alfabetização em saúde das comunidades rurais do Missouri, Estados Unidos.

Foram identificados quatro principais temas abordados pelos bibliotecários: recursos, desafios, desejos/anseios e exemplos. A partir da análise destes temas os autores identificaram que os bibliotecários reconhecem que os alunos precisam de apoio adicional à saúde mental, mas que não se sentem capacitados para fornecê-lo devido à falta de conhecimento e muitas vezes a falta de apoio e suporte. Dentro de seus conhecimentos os bibliotecários vêm desenvolvendo algumas atividades isoladas de suporte à saúde mental, como oferecer o espaço da biblioteca para que os alunos façam suas próprias atividades, fazer exposições de materiais de livros sobre o tema saúde mental e escutar os alunos.

Os autores comentam que se percebe que “As áreas em que os bibliotecários escolares indicam maior confiança são as áreas que correspondem ao seu domínio – disponibilizar recursos informativos e recreativos aos alunos, proporcionar um espaço seguro para esses alunos e fornece um espaço de escuta atencioso”²⁰ (Adkins *et al.*, 2019, p. 433, tradução nossa). Contudo, a pesquisa aponta que os profissionais se mostram abertos e gostariam de receber treinamentos para dar um maior apoio à saúde mental dos alunos.

No artigo “*Teaching high school students to use online consumer health resources on mobile phones: outcome of a pilot project in Oyo State, Nigeria*”, as autoras Grace Ada Ajuwon e Ademola Johnson Ajuwon (2019) descrevem a realização de um projeto, ocorrido entre os anos de 2016 e 2017, com alunos do Ensino Médio em Oyo state, Nigeria, que teve como foco a alfabetização em saúde do consumidor por meio da educação por pares e telefones celulares. Para a realização do projeto foram nomeados um total de 120 alunos de 7 escolas de Ensino Médio que receberam 8 horas de treinamento sobre saúde do consumidor como educadores de pares (PE).

Foi realizada uma divisão de quatro turmas, com 30 alunos em cada turma. O treinamento teve como objetivo capacitar os alunos com conhecimentos e habilidades para que estes pudessem atuar como promotores de saúde do consumidor em suas escolas para seus

²⁰ “The areas where school librarians indicate the greatest confidence are the areas that correspond to their domain – providing informational and recreational resources to students, providing a safe space for those students, and providing a caring listener for those students” (Adkins *et al.*, 2019, p. 433).

pares. O conteúdo ministrado no treinamento foi: definições de saúde do consumidor; fontes online de informação de saúde do consumidor; e educação de pares. Estes foram ministrados por meio de palestras, discussões e atividades práticas que incluíram onde acessar informações de saúde precisas e de qualidade e navegar em sites específicos nos quais os adolescentes poderiam acessar conteúdos confiáveis que fossem relevantes para suas necessidades. Percebeu-se que após os treinamentos os educadores de pares melhoraram seus conhecimentos em saúde e seu papel como educadores. Após a aplicação das entrevistas pós-treinamento foi observado que estes alunos compartilharam as novas informações com outras pessoas, não apenas com seus colegas, que eram o principal objetivo do projeto, mas também com seus pais, e com outras pessoas fora do ambiente escolar.

Após o treinamento, os PEs do projeto melhoraram seu conhecimento sobre alfabetização em saúde do consumidor e sua compreensão de seus papéis como PEs. As autoras comentam que isso provavelmente teve um impacto positivo na alfabetização em saúde dos adolescentes, pois eles agora tinham acesso a informações de saúde on-line. Ajuwon e Ajuwon (2019) acreditam que a metodologia de educação por pares é adequada para promover a alfabetização em saúde em adolescentes porque “se baseia na credibilidade que os jovens têm entre seus pares. Além disso, aproveita o poder de modelagem de papéis e flexibilidade para atender às necessidades de informações de saúde do consumidor de adolescentes”²¹ (Ajuwon; Ajuwon, 2019, p. 1, tradução nossa).

Elaborado pelas autoras Cristiane Aparecida Ramos do Prado e Críchyna Madalena (2019), o artigo intitulado “Biblioterapia com os gestores de uma escola de educação básica de Chapecó (SC): relato de experiência” descreve a aplicação de atividade biblioterapêutica com o grupo de gestores de uma escola localizada em Chapecó (SC), Brasil, buscando aliviar um pouco as tensões ocasionadas pelo cotidiano do trabalho. Neste trabalho o público foco da iniciativa não são os alunos da escola, mas sim os professores e funcionários que atuam na instituição.

No primeiro momento foi realizada uma sessão de alongamento para relaxamento, em seguida foi realizada a leitura da poesia Menino Passarinho, de autoria de Lourdes Maria, do livro ‘Vicejantes’, com fundo musical de sons da natureza. Percebeu-se relaxamento ao fim da leitura e foi iniciado o segundo momento, a leitura da história: ‘A garrafa e a Rolha’, de autoria

²¹ [...] it draws on the credibility that young people have among their peers. Moreover, it leverages the power of role modeling and flexibility in meeting consumer health information needs of adolescents (Ajuwon; Ajuwon, 2019, p. 1).

de Margarete Amaral, com ilustrações de Zeca Dâmaso. A história relata sobre uma garrafa que se sente pressionada pela rolha e deseja que esta rolha saia de cima dela. Ao fim da história foi realizada uma dinâmica.

As autoras afirmam que os resultados puderam ser observados ainda durante a sessão quando as participantes extravasaram suas emoções, se identificando com a história e se mostrando abertas ao diálogo, percebendo a sessão como um local seguro para a conversa. Além disso, a sessão de biblioterapia mostrou-se bem-sucedida pois após alguns dias as aplicadoras receberam feedbacks positivos de algumas das funcionárias da escola pois a sessão estava refletindo positivamente em seu trabalho.

O artigo “Práticas educativas e mediação do bibliotecário na promoção da saúde mental no Instituto Federal de Educação de Rondônia: um relato de experiência”, escrito por Evandro Silva de Sousa, Miriã Santana Veiga e Jussara Santos Pimenta (2021) apresenta uma iniciativa realizada em Rondônia/Brasil, organizada por bibliotecários, professores e psicólogos do Instituto Federal de Educação de Rondônia (IFRO) para os alunos do Ensino Médio e da graduação, que conjuntamente com o setembro amarelo buscou conscientizar e promover a saúde mental e prevenir o suicídio. Foram desenvolvidas quatro atividades, apresentadas no Quadro 6, que contaram com métodos interativos de ensino.

Quadro 6 – Atividades realizadas no artigo de Sousa, Veiga e Pimenta (2021).

Nome da atividade realizada	Descrição da atividade
1) Cinema	Realizada a transmissão de filmes para os alunos e discussões
2) Mural interativo:	Espaço lúdico com casos reais de pessoas que sofreram depressão e tentaram suicídio e hoje ajudam outras pessoas (em conjunto com este painel estava um mural interativo para que os alunos deixassem mensagem motivadoras para outros alunos)
3) Atividades de leitura	Realizadas mediações de informações educativas sobre o suicídio que foram transmitidas no televisor da biblioteca e selecionadas obras que ficaram expostas em destaque
4) Palestra	Realizada a palestra, “Treinando as emoções para ter saúde mental” ministrada por uma psicóloga.

Elaborado pela autora com os dados de Sousa, Veiga e Pimenta (2021).

No evento houve a participação da comunidade externa e interna do IFRO. Apesar de ter como público-alvo os alunos, a iniciativa também atingiu funcionários da escola e a comunidade em torno da escola. O bibliotecário possui um papel ativo, participa da organização das ações, planejamento das atividades e da busca por profissionais parceiros para discussão. A partir desta ação, os autores perceberam que existe necessidade informacional básica sobre saúde mental entre o alunado e notaram que pequenas intervenções podem gerar impactos

positivos, eles mencionam que “como bibliotecários mediadores, percebemos a importância do nosso papel como educadores. Mesmo que não tenhamos formação na área de saúde mental, como mediadores informacionais pudemos contar com a cooperação de profissionais competentes na área para nos ajudar com seus conhecimentos” (Sousa; Veiga; Pimenta, 2021, p. 13-14).

O último artigo a ser descrito foi elaborado por Tasha L. Golden, Richard Sima, Grace Roebuck, Sonakshi Gupta e Susan Magsamen (2022) e é intitulado “*Generating youth dialogue through the literary arts: a citywide youth health collaboration in the U.S.*”. Busca abordar os temas de saúde mental e violência por meio da leitura e discussão de uma obra. O projeto é uma parceria das Bibliotecas Públicas da cidade de Baltimore, Estados Unidos, a rede escolar da cidade e de organizações e fundações privadas.

O artigo descreve a iniciativa intitulada *One book Baltimore*, que teve como objetivo a leitura de um romance abordando temas relacionados à saúde mental e violência. Durante os 4 meses de duração do projeto os alunos de 85 escolas de ensino médio realizaram a leitura de uma obra e foram organizadas atividades nos espaços da biblioteca pública e dentro das escolas. As atividades em sala de aula enfatizavam o diálogo, enquanto os eventos coordenados pela biblioteca apoiavam o envolvimento da comunidade. Apesar do envolvimento constante com os eventos sediados na escola, o envolvimento em oportunidades fora da escola foi relativamente baixo.

A preferência por eventos dentro da escola fortifica a suposição de que a biblioteca escolar é um espaço propício para desenvolver atividades envolvendo a comunidade escolar, sejam elas relacionadas ao incentivo à leitura, ou à promoção da saúde e saúde mental, como as desenvolvidas neste artigo. Para os eventos fora da escola, o envolvimento de organizações parceiras pareceu aumentar o interesse dos alunos; além disso, a natureza artística das atividades mais bem-sucedidas da biblioteca pública indica que pode haver valor na otimização de parcerias artísticas locais tanto em bibliotecas quanto na escola. O artigo relata que a leitura do livro aumentou o desejo dos alunos em discutir paz e não violência e em conversar com outros colegas e familiares sobre violência.

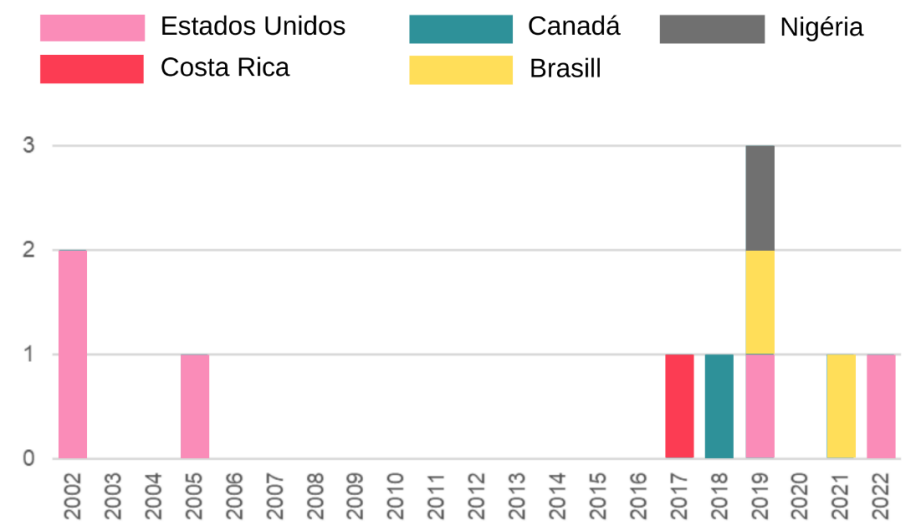
O artigo relata que cerca de metade dos alunos do sétimo e oitavo ano que participaram do programa relataram experiências pessoais de violência, e muitos deles desejavam oportunidades para discutir essas experiências, enfatizando o quanto o diálogo é ferramenta importante quando se trata de saúde mental.

4.1.1 Localizando as iniciativas no tempo e no espaço

Após a leitura dos artigos buscamos inicialmente entender como o assunto vem sendo trabalhado ao longo do tempo. Realizamos a busca sem um recorte temporal o que proporcionou uma visão integral da incidência de publicações ao longo dos anos. Observou-se que existem pesquisas publicadas ao longo de 20 anos. Os artigos mais antigos recuperados retomam ao ano de 2002 e os artigos mais recentes são do ano de 2022.

Em relação ao volume de documentos no decorrer dos anos e a distribuição geográfica, percebe-se que do início até a metade dos anos 2000 havia pouco material sobre o tema e todos concentrados nos Estados Unidos. Observa-se, na Figura 12 – Ano e país de publicação que, após este período houve um gap de aproximadamente 10 anos sem material publicado, retomando o assunto no ano de 2017 com uma concentração interessante de documentos, sendo o ano de 2019 o ano que se destaca com três publicações. Além do aumento de publicações constata-se que a partir de 2017 não há mais uma centralização nos Estados Unidos, foram localizados artigos que relatam ações realizadas no Canadá, Costa Rica, Nigéria e Brasil.

Figura 12 – Ano e país de publicação.



Elaborado pela autora (2023).

A história de como a promoção da saúde foi se desenvolvendo ao longo dos anos pode ser um dos aspectos que reflete a distribuição, tanto temporal como geográfica, das ações realizadas nos artigos. Raingruber (2017, p. 36, tradução nossa) comenta que nos Estados Unidos, “durante a década de 1990, a atenção se concentrou na relevância do contexto e do

ambiente. As intervenções em escolas, locais de trabalho e centros comunitários tornaram possível atingir muitas pessoas [...]”²². Outro ponto a ser observado é que a Biblioteca Nacional de Saúde nos Estados Unidos - National Library of Medicine (NLM) foi criada em 1836 e ao longo dos anos foi se desenvolvendo e dá suporte a projetos de promoção da saúde para diferentes instituições, incluindo escolas, ao longo de todo o território nacional (NLM, 2023).

Conforme observado na Figura 12, após 2005 temos um longo período sem publicações sobre o tema. Em 2013 Campelo *et al.* (2013) apresentam o estado da arte da pesquisa em biblioteca escolar no âmbito brasileiro. Em seu trabalho os autores destacam 6 categorias foco de estudo da classe bibliotecária, que são apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Categorias foco de estudo da classe bibliotecária no campo escolar.

Focos de estudo dos bibliotecários no campo escolar	Número de estudos
Leitura	17
Pesquisa escolar	15
Estudos de usos e usuários	13
Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem	11
Integração professor/bibliotecário	08
Coleção	06

Elaborado pela autora baseado em Campelo *et al.* (2013).

Em suas conclusões a autora destaca que a biblioteca escolar tem um tradicional envolvimento com pesquisas relacionadas à leitura e promoção da leitura, o que pode ser observado no número de artigos relacionados ao tema. Este foco em ações voltadas à leitura, pesquisa, e procedimentos e métodos de trabalho no ambiente escolar pode refletir a falta de ações que ampliam os assuntos abordados por este profissional. Também podemos associar a falta de material à falta de bibliotecas escolares e bibliotecários nas escolas brasileiras. Relatando essa realidade durante o V Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares realizado em Joinville (SC) em 2006, Elizabete Anderle relata que “as escolas de Santa Catarina, por muito tempo, tiveram e ainda têm bibliotecas mortas, por falta de profissionais bibliotecários nestes espaços, livros, e ações pedagógicas” (Garcez; Kieser; Silva, 2008, p. 515).

²² “During the 1990s, attention focused on the importance of setting and environment. Interventions within schools, workplaces, and community centers made it possible to reach large numbers of people [...]” (Raingruber, 2017, p. 36).

No ano de 2010 tem-se no Brasil a publicação da Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, ou Lei da Biblioteca Escolar, que “dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País”, embora 13 anos após sua criação a lei não tenha garantido a universalização das bibliotecas escolares, este pode ter sido um incentivador para que novos bibliotecários fossem contratados e realizassem ações de promoção da saúde dentro das bibliotecas escolares.

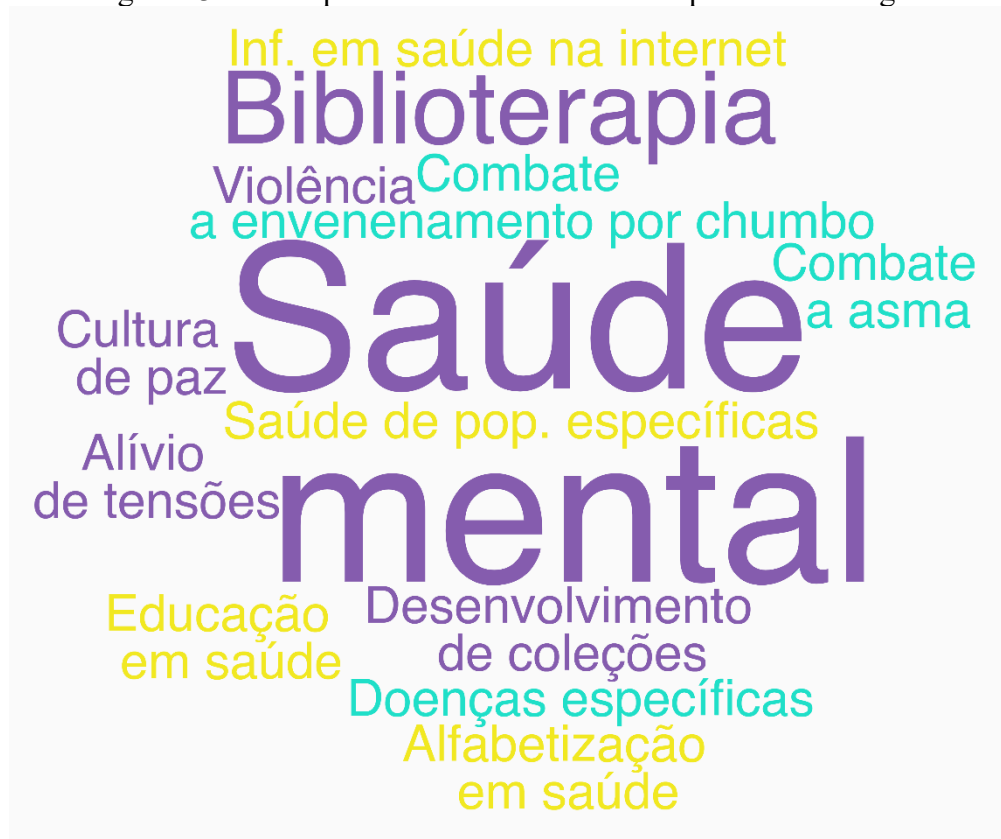
Outro marco relevante é o lançamento da Agenda 2030, no ano de 2015, que traz a saúde e bem-estar como um de seus objetivos (ONU, 2015). Enfatizando a importância do envolvimento da classe bibliotecária neste tema, em 2016 a IFLA reforça o valor do acesso público à informação sobre saúde em todas as bibliotecas. Estes movimentos externos associados aos movimentos de adoecimento da população, também podem vir a contribuir com o aumento das publicações e das ações realizadas.

4.1.2 Explorando os assuntos abordados e as técnicas aplicadas

Buscando um aprofundamento nas ações apresentadas nos artigos, é realizada análise de conteúdo inspirada em Bardin (2011) buscando identificar a temática e as técnicas aplicadas para realização das ações.

Inicialmente foram identificadas palavras-chaves que representavam o tema trabalhado em cada trabalho. As palavras-chave foram coletadas ao longo de todo o artigo, mas com foco principal nos objetivos e na descrição das ações. A Figura 13 apresenta uma nuvem de palavras onde são identificadas as palavras-chave mapeadas nos trabalhos.

Figura 13 – Principais focos das iniciativas mapeadas nos artigos.



Elaborado pela autora com base nos artigos recuperados na revisão de literatura (2023).

Após o mapeamento das palavras-chave foi realizado um agrupamento por semelhança de tema e surgiram três categorias que retratam os focos principais das iniciativas, são elas:

- a) alfabetização em saúde;
- b) saúde mental;
- c) coleção em saúde.

Buscando aprofundar o entendimento das ações realizadas mapeamos e agrupamos também as técnicas aplicadas em cada ação, surgiram neste momento oito categorias relacionadas à como cada atividade foi desenvolvida:

- a) atividades integradas;
- b) biblioterapia;
- c) desenvolvimento de coleções;
- d) educação por pares;
- e) formação;
- f) grupos focais;
- g) leitura e discussão de obra;

h) tutoria por pares.

No Quadro 8 podemos observar um panorama geral de qual artigo trabalha cada tema e a técnica aplicada em busca dos resultados esperados.

Quadro 8 – Técnicas aplicadas e foco das iniciativas mapeadas nos artigos.

Artigo	Foco da iniciativa	Técnica aplicada
Scherrer (2002)	Alfabetização em saúde (Doenças específicas)	Formação (aulas, desenvolvimento de site, grupos de discussão)
Gregg <i>et al.</i> (2002)	Alfabetização em saúde	Formação (aula em forma de palestra, aula prática)
Warner et al (2005).	Alfabetização em saúde	Tutoria por pares
Ajuwon e Ajuwon (2019)	Alfabetização em saúde	Educação por pares (palestras, discussões e atividades práticas)
Mora, Araya e Seravalli (2017)	Saúde mental (Bem-estar)	Biblioterapia (múltiplas seções - jogos, trabalho manual, reprodução de histórias em vídeo e áudio, narração oral, dramatizações)
Adkins <i>et al.</i> (2019)	Saúde mental	Grupos focais
Prado e Madalena (2019)	Saúde mental	Biblioterapia (1 seção, narração oral, discussão)
Sousa, Veiga e Pimenta (2021)	Saúde mental (suicídio)	Atividades integradas (mural interativo, leitura, mediações, palestra, filme)
Golden <i>et al.</i> (2022)	Saúde mental (violência)	Leitura e discussão de obra
Clar, Drouin e Iverson (2018)	Coleção em saúde	Desenvolvimento de coleções

Elaborado pela autora (2023).

A partir do quadro acima podemos observar que das 10 iniciativas recuperadas 4 trabalham o tema de **Alfabetização em saúde**, sendo que três delas abordam temas de saúde de forma mais ampla e uma é voltada ao trabalho com doenças específicas que estão afetando à comunidade. A alfabetização em saúde é conhecida em inglês como *health literacy*, este conceito é amplamente utilizado desde a década de 1970 e busca estabelecer e trabalhar habilidades e competências que os indivíduos utilizam para buscar, compreender, avaliar e dar sentido a informações sobre saúde, tendo em vista a utilização dos serviços e tomada de decisões apropriadas em matéria de sua própria saúde ou de terceiros (Peres, 2023). Este termo foi escolhido para agrupar as iniciativas que priorizam o desenvolvimento de habilidades para a independência dos participantes na busca por informações sobre saúde.

Com o tema **Saúde mental** surgiram cinco iniciativas, sendo que três trabalham temas que refletem diretamente na saúde mental (violência, suicídio, o mapeamento de como a saúde mental vem sendo trabalhada nas escolas) e duas iniciativas abordam a utilização da biblioterapia como ferramenta de trabalho, abordando o bem-estar e a saúde mental de forma indireta. Percebe-se que este tema foi abordado por metade dos artigos, o que mostra a importância de trabalhar o tema dentro das escolas. Adkins *et al.* (2019) destacam que programas de saúde mental dentro de escolas são vistos como uma das formas mais efetivas de trabalhar saúde mental com crianças e adolescentes e reduzir as barreiras de assistência à saúde mental

No terceiro tema, **Coleção em saúde**, foi levantada uma ação que apresenta o desenvolvimento de coleções na área da saúde em escolas. O aparecimento do tema de desenvolvimento de coleções relembra os temas pesquisados na área de biblioteca escolar retratados por Campelo *et al.* (2013). Percebe-se que o desenvolvimento e atualizações das coleções das bibliotecas escolares é um tema que permanece em voga ao longo dos anos, e quando se trata da área de saúde, voltada para a educação de crianças e jovens, livros adaptados e atualizados são de extrema importância.

Ao realizar esta categorização foi possível observar diferentes abordagens a serem trabalhadas pela parceria bibliotecário, escola e biblioteca escolar em se tratando da promoção da saúde. Observa-se que as ações desenvolvidas normalmente refletem as necessidades da comunidade envolvida. Um exemplo disto é que ao observamos os trabalhos que abordam o tema Saúde mental, os cinco artigos foram publicados após 2015. Este movimento pode ser um reflexo do aumento dos casos de doenças mentais como os casos de depressão, sendo está a principal causa de incapacidade em todo o mundo (OPAS, 2023).

No entanto, tratar temas atuais e que estão em voga não é suficiente, é preciso pensar e variar as técnicas utilizadas para obter um melhor aproveitamento das atividades desenvolvidas. Ao abordar este assunto, Adkins *et al.* (2019, p. 429) comenta que a abordagem mais aplicada em bibliotecas para trabalhar a saúde mental é a biblioterapia, uma técnica que utiliza a leitura para apoiar as necessidades dos participantes. Contudo, essa não pode ser a única abordagem trabalhada pelos profissionais, e não deve ser vista como uma solução para problemas psicológicos mais profundos. Adkins *et al.*, (2019, p. 429) comentam ainda que, embora a prática da biblioterapia ofereça “um suporte potencial para a saúde mental dos alunos, essa abordagem subutiliza as habilidades e competências existentes dos bibliotecários

escolares, particularmente no que se refere ao trabalho com professores e outros profissionais da escola para criar uma comunidade escolar que apoie a saúde mental.”

Tendo em vista este pensamento identificamos que é necessário, que ao pensarmos em utilizar bibliotecas escolares para apoio a promoção da saúde tenhamos em mente a capacidade de atuação que o profissional bibliotecário pode alcançar, seja com a disseminação de informação, com a tutoria por pares, com parcerias, com o espaço da biblioteca, com a coleção, ou com suas diversas outras habilidades. Além disso, por se tratar de uma área ampla, que aborda vários assuntos como vacinação, comportamentos saudáveis, saúde mental, prevenção de doenças, e que demanda uma mudança de cultura para que novos hábitos venham a ser inseridos na sociedade seria essencial que estes assuntos fossem trabalhados de forma integrada dentro das escolas e em parceria com as bibliotecas escolares. No próximo capítulo iremos entender melhor como os profissionais da Rede Municipal de Florianópolis veem essa possibilidade de atuação.

4.2 A PROMOÇÃO DA SAÚDE NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS E A PARTICIPAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS

Este tópico busca entender como ocorrem as ações de Promoção da Saúde realizadas nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e vislumbrar a visão dos profissionais bibliotecários sobre qual é seu potencial de atuação e contribuição para atividades relacionadas à saúde dos estudantes.

4.2.1 Ações de promoção da saúde na RMEF na visão dos diretores

Como primeira etapa para obter uma visão real das possibilidades de atuação dos bibliotecários na promoção da saúde na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF), foi investigada a realidade da promoção da saúde dentro das escolas. Para isso, foi planejado um questionário com os diretores das unidades educativas selecionadas para amostra. Este questionário tinha como objetivo realizar um levantamento de iniciativas de PS dentro do ambiente escolar. Das 13 escolas participantes apenas dois questionários retornaram com a devida assinatura do TCLE, desse modo aptos a utilização na pesquisa. Apesar do número de respondentes ser tão baixo, indicaremos as respostas obtidas pelos dois diretores para iniciar a

discussão do que acontece nas escolas e o que poderia ser desenvolvido em conjunto com o bibliotecário e a biblioteca escolar.

Em relação a localização geográfica, as escolas respondentes pertencem as regiões leste e sul da ilha de Florianópolis. Para entender como ocorre a promoção da saúde nas escolas foram realizados dois blocos de perguntas, um que investigava as ações desenvolvidas em parceria com o Programa Saúde na Escola (PSE) e outro que indagava sobre as iniciativas realizadas por iniciativa da própria escola.

No bloco sobre o PSE, a primeira questão foi em relação à participação da escola no programa. Ambos os diretores indicaram que a escola é participante do PSE. No que se refere à realização de atividades de promoção da saúde em parceria com o PSE, a escola localizada na região norte informou que entre os anos de 2021 e 2022 desenvolveu alguma iniciativa (ações, eventos, atividades) em parceria com o programa, a escola localizada na região sul informou não ter realizado ações com o envolvimento do PSE.

Em contrapartida aos projetos desenvolvidos em parceria com o Programa Saúde na Escola, a escola do norte informou que entre os anos de 2021 e 2022 não realizou atividades sem o envolvimento do programa. A escola do sul indicou ter desenvolvido projetos ou ações relacionados à temática da saúde e/ou bem-estar que não estão ligadas ao PSE.

Em relação ao tipo de atividade desenvolvida, nas duas escolas as ações realizadas foram palestras. Ao realizar uma pesquisa que relata a percepção dos professores sobre as ações educativas na escola e sua relação com o PSE, Leite *et al.* (2015) obteve que estas atividades são percebidas como trabalhos pontuais que não se integraram às ações já desenvolvidas na escola com foco apenas em ações de prevenção de doenças com uso predominante de palestras. Outra pesquisa que aponta na mesma direção é a de Luquez *et al.* (2021, p. 16), que realizaram uma revisão integrativa sobre ações de promoção da saúde em escolas e obtiveram que “as ações mais citadas para a promoção da saúde foram o desenvolvimento de palestras e avaliações clínicas”.

Na escola em que as atividades não foram realizadas em parceria com o PSE foi organizada uma palestra com um médico do trabalho, ressaltando a importância, de mesmo quando não se está realizando ações em parceria com o programa, buscar profissionais da área da saúde para trabalhar com o tema. Esta ação envolveu todos os profissionais da escola, demonstrando a relevância do tema para a instituição e para os profissionais. Percebe-se que em ambas as instituições se busca, por meio da parceria com o PSE ou não, promover o debate e trazer à tona assuntos de promoção da saúde que são relevantes para o público a que se atende.

Costa *et al.* (2013) enfatizam que “a promoção da saúde precisa ser abordada de forma transversal, integrada e intersetorial, com diálogo entre educação e saúde, compondo redes de compromisso e co-responsabilidade para a mobilização de ações”. Os autores comentam ainda que para que as ações de Promoção da Saúde (PS) possuam maior índice de sucesso é essencial que haja planejamento e que estas sejam realizadas e rememoradas ao longo de todo o ano escolar dentro das atividades curriculares das disciplinas.

Em nossa pesquisa, pelo baixo número de respostas ao questionário, não é possível chegar a uma conclusão de como a parceria acontece nas escolas e se esta é viável para desenvolver ações, pois foram relatadas poucas ações desenvolvidas e pouca articulação da escola com o PSE. No entanto, pode-se perceber que existem ações sendo realizadas, e pelos relatos, grande parte das ações são de debate e disseminação de informação, ações que caberiam o envolvimento do profissional bibliotecário.

Para entender melhor a viabilidade e como o bibliotecário poderia se envolver nestas atividades de promoção da saúde foram realizadas entrevistas em profundidade que dão voz a estes profissionais.

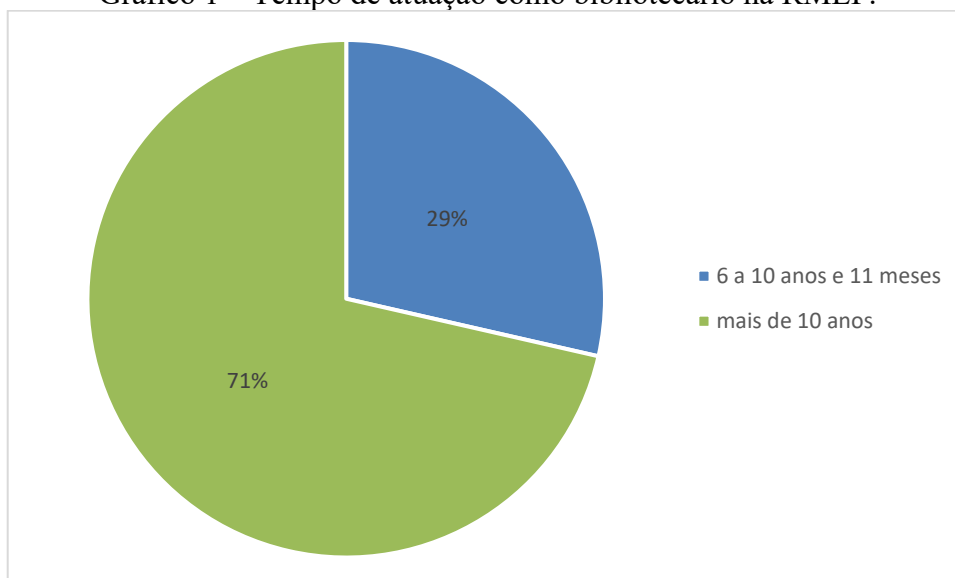
4.2.2 Perfil dos bibliotecários entrevistados

Foram realizadas entrevistas com 8 bibliotecários e enviada uma pesquisa de caracterização para entender melhor o público respondente. O questionário foi respondido por sete dos oito bibliotecários participantes.

Dos bibliotecários respondentes, cinco são do gênero feminino e dois do gênero masculino. A faixa etária predominante entre os bibliotecários é entre 48 e 60 anos, correspondendo a seis dos bibliotecários respondentes, apenas um bibliotecário possui menos de 35 anos.

Em relação ao tempo em que atuam como bibliotecários na RMEF, percebe-se que são todos bibliotecários bem estabelecidos na Rede. Observa-se que mais de 70% (5) atuam na rede há mais de 10 anos e os outros 29% (2) atuam entre 6 e 10 anos e 11 meses (Gráfico 1).

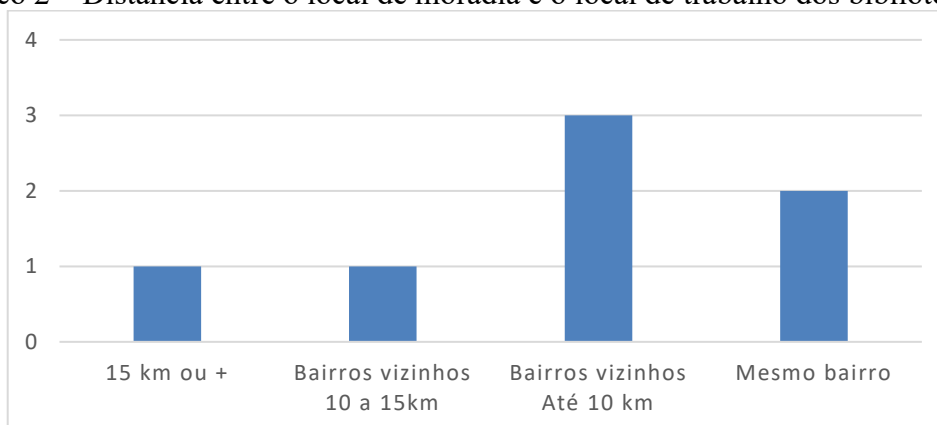
Gráfico 1 – Tempo de atuação como bibliotecário na RMEF.



Elaborado pela autora (2023).

Em relação a distância entre sua casa e a escola, 72% dos bibliotecários moram a menos de 10 km de seu local de trabalho, sendo que dois residem no mesmo bairro da escola, três em bairros vizinhos a menos de 10km, um em bairro vizinho entre 10 e 15 km e apenas um bibliotecário reside a mais de 15km da escola, como pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distância entre o local de moradia e o local de trabalho dos bibliotecários.



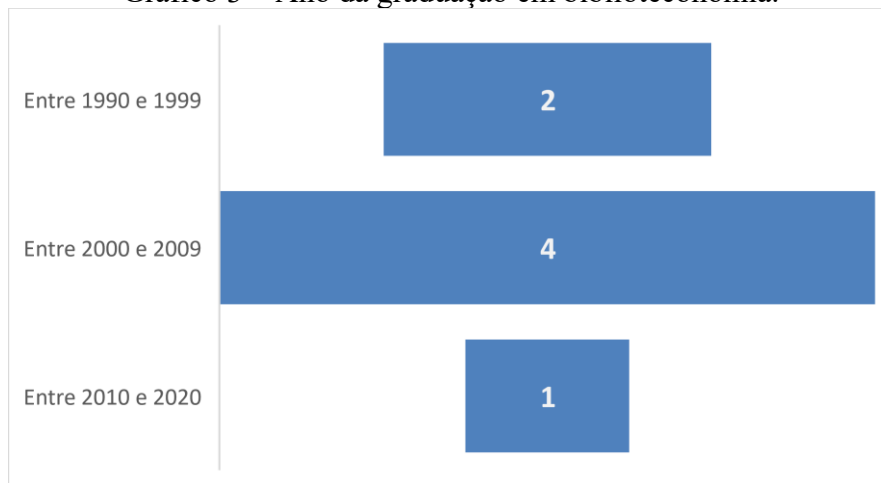
Elaborado pela autora (2023).

Quando questionados sobre sua trajetória profissional, 86% (6) dos bibliotecários informaram ter atuado em outras áreas da biblioteconomia antes de entrar para a RMEF. Dentre as atividades desempenhadas pelos profissionais antes de ingressarem para a Rede estão a Indexação de documentos, a atuação em bibliotecas públicas, universitárias e especializadas.

Apenas um bibliotecário informou possuir uma breve experiência anterior em biblioteca escolar no campo privado.

Em relação à formação profissional, seis bibliotecários (86%) são graduados em biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e um (14%) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). No Gráfico 3 podemos observar que a maioria dos bibliotecários se graduou em biblioteconomia antes do ano de 2010, sendo que dois graduaram-se entre 1990 e 1999, quatro entre 2000 e 2010 e um entre 2010 e 2020.

Gráfico 3 – Ano da graduação em biblioteconomia.



Elaborado pela autora (2023).

Quando questionados em relação a continuidade da formação acadêmica, percebe-se que os bibliotecários da Rede não pararam na graduação. Dos sete profissionais, seis (86%) possuem especialização, dois (29%) possuem mestrado e nenhum possui doutorado. Observe-se o que o foco das especializações é na área de gestão. No Quadro 9 observam-se as especializações e cursos de mestrado cursados pelos bibliotecários.

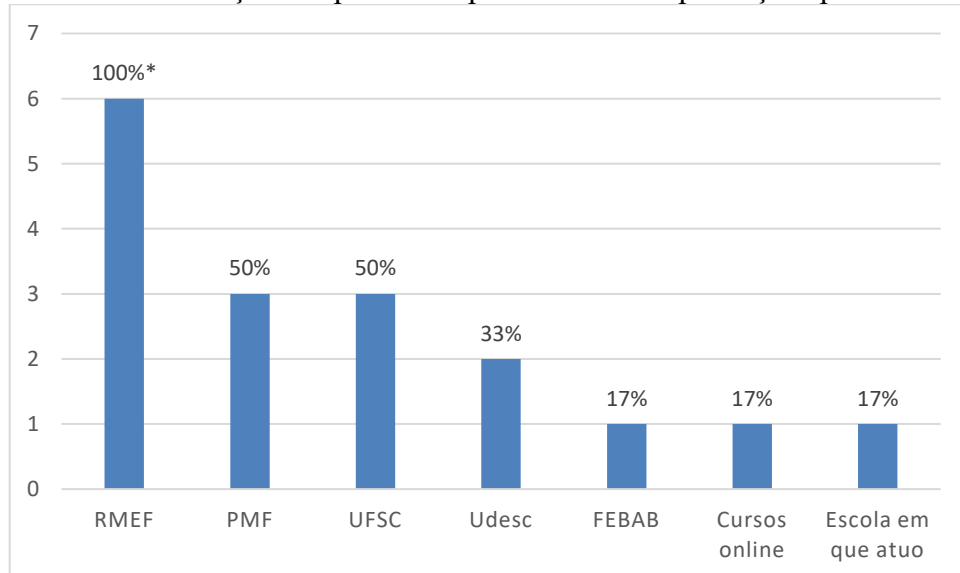
Quadro 9 – Áreas de especialização dos bibliotecários entrevistados.

Especialização / Instituição	
Gestão de Bibliotecas escolares	UAB/UFSC, 2015
Gestão em Biblioteca	UDESC
Gestão da Informação	Faculdades Dom Bosco
Gestão de Arquivos Públicos e Empresariais.	UFSC
Biblioteconomia e gestão de bibliotecas escolares	Faculdade UNICA
Gestão de pessoas	Instituição não informada
Mestrado / Instituição	
Gestão de Unidades de informação	UDESC
Ciência da Informação	UFSC

Elaborado pela autora (2023).

Além das formações acadêmicas, questionou-se a participação dos bibliotecários em capacitações profissionais. Nesta categoria todos os respondentes informaram que estão envolvidos em atividades de qualificação. Ao serem questionados sobre quem ofertava os cursos, a instituição com maior recorrência de respostas foi a própria Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF), obtendo um índice de 100%. Outras duas instituições obtiveram uma menção relevante, de 50% dos bibliotecários, são elas a Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) e a Universidade Federal de Santa Catarina. Com menores índices aparecem a Universidade do Estado de Santa Catarina, mencionada por dois profissionais, e a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), os cursos na modalidade online e os cursos ofertados pela escola em que atuam indicados cada um por um profissional (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Instituições responsáveis pela oferta de capacitações profissionais.



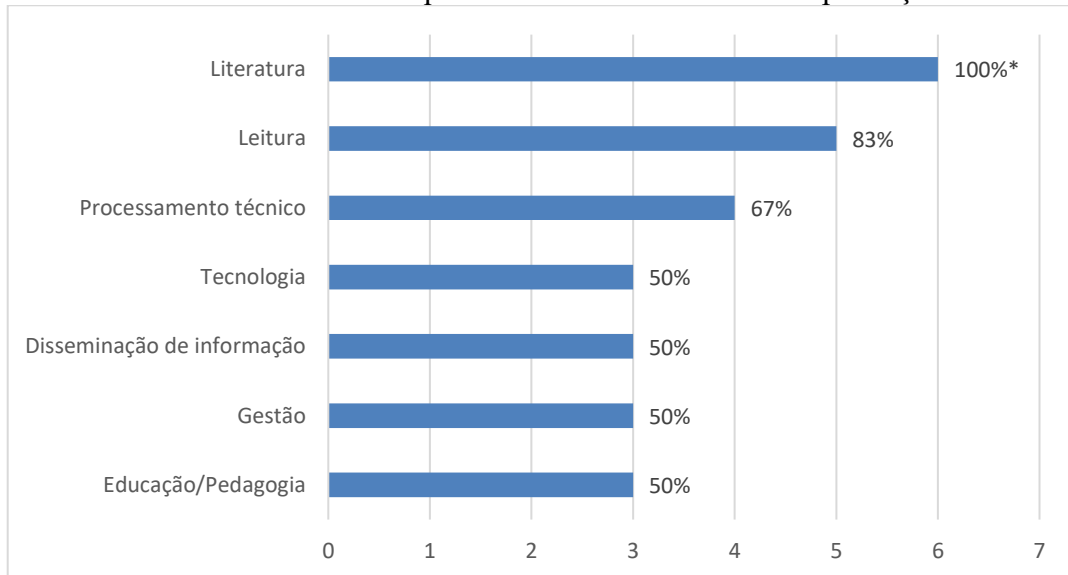
*Esta questão obteve 6 respondentes.

Elaborado pela autora (2023).

Ao serem questionados sobre em que áreas buscam capacitação, as áreas de leitura e literatura se destacam. Dos seis bibliotecários que responderam a esta questão, seis (100%) disseram que buscam capacitação em literatura e cinco (84%) em leitura. Outra área com destaque é a área de processamento técnico, a qual quatro bibliotecários (67%) apontaram como de interesse para busca de capacitação. Áreas como Educação/Pedagogia, Gestão, Disseminação de informação e Tecnologia também foram apontadas como de interesse dos

bibliotecários, sendo mencionadas por três profissionais (50%) cada. Observa-se no Gráfico 5 os resultados.

Gráfico 5 – Áreas em que os bibliotecários buscam capacitação.



*Esta questão obteve 6 respondentes.

Elaborado pela autora (2023).

Ao serem questionados sobre se realizaram ou receberam algum treinamento sobre saúde ou informação para saúde 71% dos bibliotecários informaram que não possuem treinamento sobre saúde ou promoção da saúde. Apenas dois bibliotecários (29%) informaram ter recebido treinamento durante a pandemia de Covid-19. Ao serem questionados qual o treinamento recebido obteve-se apenas uma resposta, que mencionou uma palestra realizada por uma enfermeira e uma psicóloga da Secretaria da Saúde de Florianópolis.

Quando questionados sobre qual a motivação para ingressar e seguir carreira como bibliotecário escolar na Rede Municipal de Educação, todos os profissionais indicaram como principal motivador a estabilidade. Em segundo lugar, com quatro respostas aparecem as atividades desempenhadas, em terceiro lugar, com três respostas cada, aparecem a remuneração, o contato com o público infantil e o potencial de realizar mudanças na comunidade. Em quarto lugar aparece a questão de desafio profissional, indicada por apenas um participante (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Motivação para ingressar e seguir carreira como bibliotecário escolar na Rede Municipal de Educação.



Elaborado pela autora (2023).

Ao serem questionados se ocupam ou ocuparam outra função dentro da Rede Municipal de Educação, cinco bibliotecários indicaram que não ocuparam outras funções, exercendo exclusivamente sua função. Em contrapartida, dois profissionais indicaram participar ou ter exercido outras funções.

Em relação à participação nas reuniões político pedagógicas da escola todos os respondentes afirmaram que comparecem aos encontros, no entanto, 43% (3) bibliotecários relatam que além de comparecer participam de forma ativa, dão sugestões e ajudam na tomada de decisões. Em contrapartida, 57% (4) dos profissionais procuram intervir apenas quando existem problemas mais delicados e relacionados à biblioteca.

4.2.2.1 Equipe e projetos da biblioteca

Quando abordada a disponibilidade de pessoal para trabalhar no espaço da biblioteca, foi questionado aos bibliotecários quem são os profissionais que compõe a equipe do seu setor. Nas sete bibliotecas pesquisadas todas têm bibliotecários graduados na área. Destaca-se em quatro delas o bibliotecário é o único profissional, uma biblioteca conta com um auxiliar de biblioteca para dar suporte ao profissional bibliotecário em caso de falta, alta demanda, ou desenvolvimento de projetos, em outras duas bibliotecas existe a presença de um estagiário que apoia o trabalho do bibliotecário, apesar de essencial, o papel do estagiário, principalmente

dentro de uma instituição pública é passageiro, é um apoio pontual e que já se espera que em algum momento deixe de existir.

Quando questionados quais os projetos realizados pela biblioteca escolar em que atuam, dois bibliotecários informaram que as BE não estão realizando nenhum projeto. Os outros cinco profissionais indicaram que são desenvolvidos diversos projetos promovidos e organizados pela própria biblioteca, no Quadro 10 é possível observar um compilado dos projetos mencionados pelos bibliotecários.

Quadro 10 – Projetos promovidos e organizados pelas Bibliotecas Escolares.

Escola 1	Contação de história Objetivo: incentivo a literatura; Responsável: bibliotecário Público: estudantes de 1º a 5º ano. Duração: ano todo.
Escola 1	Oficinas, projetos, visitas de autores, mostra de cinema infantil, Semana municipal do livro infantil Objetivo: divulgar e incentivar o livro, a leitura e a literatura na biblioteca escolar. Público: estudantes de 1º a 9º ano Responsável: bibliotecário / eventos promovidos e organizados pela própria biblioteca.
Escola 2	Ler e criar Objetivo: promover a leitura, escrita, compartilhar informações e estabelecer a biblioteca como espaço criativo, informacional algo bem maior que apenas emprestar livros.
Escola 2	Projeto de pesquisa Objetivo: promover a leitura, escrita, compartilhar informações e estabelecer a biblioteca como espaço criativo, informacional algo bem maior que apenas emprestar livros.
Escola 3	Contação de histórias Objetivo: Despertar nos estudantes o gosto pela leitura; Responsável: Bibliotecária Público: Estudantes dos anos iniciais Duração: Durante todo o ano letivo.
Escola 4	Clube de leitura Responsável: professora de português Público: estudantes do 6º ao 9º ano por adesão

Elaborado pela autora (2023).

Quando questionados se a biblioteca escolar participa de projetos realizados pela escola, um bibliotecário informou que não, que a biblioteca não participa dos projetos da escola e seis bibliotecários informaram que a biblioteca participa ou participou de projetos desenvolvidos pela escola. No Quadro 11 podem ser observados alguns exemplos de projetos em que a biblioteca trabalha em parceria com a escola.

Quadro 11 – Projetos da escola em que a biblioteca participa separados por temática.

Leitura	Projeto Ler é viajar
	Projetos de leitura em sala de aula
Pedagógicos/Interdisciplinar	Feiras
	Mostras pedagógicas
Promoção da saúde	Projeto de estágio dos estudantes de Odontologia da UFSC

Elaborado pela autora (2023).

Após traçarmos o perfil destes profissionais, no próximo tópico iremos entender melhor como estes bibliotecários entendem que podem ou não contribuir para a promoção da saúde de suas comunidades.

4.2.3 O bibliotecário da RMEF promovendo saúde

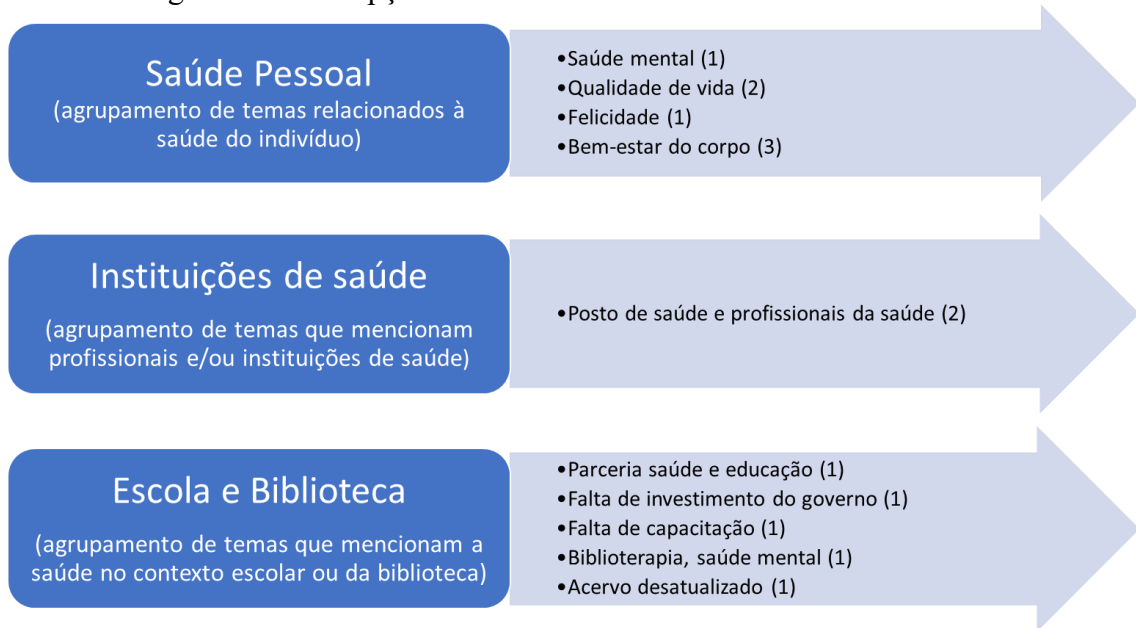
As entrevistas realizadas com os bibliotecários visaram discutir a percepção dos bibliotecários escolares da RMEF sobre seu papel na promoção da saúde da comunidade. Neste sentido, ao realizar a análise das entrevistas emergiram quatro temas principais: **Percepção sobre Saúde, Escola, Biblioteca, Bibliotecário**. Estes temas foram subdivididos em subtemas para representar o panorama geral das falas dos participantes.

4.2.3.1 Percepção sobre Saúde

Para iniciar a análise dos dados obtidos nas entrevistas iremos apresentar a percepção sobre saúde dos bibliotecários. Esta percepção é importante para que ao analisarmos o restante das categorias possamos entender o que estes profissionais entendem por saúde. Para obter esta resposta foi questionado aos entrevistados “Quando você ouve a palavra saúde o que te lembra ou vem a sua mente?”. A pergunta não buscava um aprofundamento sobre o conhecimento dos profissionais no tema, pretendia entender o que vem à mente dos profissionais quando pensam em saúde e verificar como esta percepção influencia ou não nas ações e projetos desenvolvidos ou propostos pelos profissionais no campo da saúde.

Ao agruparmos as respostas foram obtidas três percepções macro sobre o tema, Saúde Pessoal, Instituições de Saúde e Escola e Biblioteca (Figura 14):

Figura 14 – Percepção sobre saúde dos bibliotecários entrevistados.



Elaborado pela autora (2023).

Observa-se que quando pensam em saúde, a primeira coisa que vem à cabeça dos profissionais é a “Saúde pessoal”, ou seja, a saúde relacionada ao indivíduo. Temos nesta categoria a maior concentração de respostas, contando com sete menções divididas em quatro subcategorias: Bem-estar do corpo (3)²³, Qualidade de vida (2), Felicidade (1) e Saúde Mental (1). Embora com nomenclaturas diferentes, todas as menções desta categoria enfatizam a visão de saúde como um agregado de fatores que precisam estar em dia para que a pessoa se sinta saudável.

Na fala de Camélia²⁴ percebemos a menção da ausência de doença como saúde: *“Para ser bem sincera lembro dos meus exames, que estão todos ótimos. Me cuido, correr caminhar, fazer academia.”*²⁵. Apesar da lembrança direta aos exames, a entrevistada menciona a possibilidade de se movimentar e poder fazer as coisas que gosta, indo de encontro ao que comenta Margarida, que descreve saúde como *“Qualidade de vida e bem-estar do corpo.”*

Nesta mesma direção, de que a saúde abrange um espectro mais amplo dos indivíduos, temos a fala de Jasmim, que menciona que: *“saúde é felicidade porque tá saudável é felicidade é uma alegria [...] então saúde para mim é alegria é o estar bem.”*

²³ Os números indicados entre parêntese indicam quantas vezes aquele assunto surgiu durante as entrevistas.

²⁴ Para garantir o anonimato dos entrevistados e deixar o texto fluído os nomes dos bibliotecários serão substituídos por nomes de flores.

²⁵ As falas dos entrevistados serão transcritas em itálico para diferenciar das citações.

A saúde mental também é lembrada por Rosa, que diz: *“Nesse momento para mim a saúde está sendo mais mental do que saúde, saúde de gripe sabe? Então, e tá precisando e a gente no geral a gente tá precisando e a gente não tá tendo né?”*

O segundo assunto que mais apareceu na visão dos bibliotecários foi a saúde relacionada à “Escola ou biblioteca”. Nesta categoria aparecem cinco menções divididas em cinco subcategorias: Parceria saúde e educação (1), Falta de investimento do governo (1), Falta de capacitação (1), Biblioterapia, saúde mental (1) e Acervo desatualizado (1). Esta associação retrata que os profissionais identificam que o ambiente em que atuam, seja a escola ou a biblioteca, está relacionado à saúde.

Esta relação é evidenciada na subcategoria Parceria escola e educação. Melissa comenta que *“Eu me lembro do meu trabalho, porque a gente como escola pública também trabalha com a saúde pública e a gente está sempre tentando se ajudar [...] Quando fala saúde assim eu me lembro dessas coisas, da relação que a gente tem com a saúde do bairro mesmo.”*.

No âmbito específico da biblioteca aparece a menção da Biblioterapia e saúde mental. Nesta categoria é mencionado como a biblioteca, sendo ela um espaço bem-organizado, pode vir a proporcionar um local de descanso e promover da saúde mental, por meio de divulgação de livros e da técnica da biblioterapia.

No entanto, é importante destacar, que das cinco subcategorias categorias, três apresentam dificuldades ou lacunas para que o ambiente educacional e as bibliotecas abordem a temática saúde. Estes desafios podem ser observados quando Rosa menciona dois pontos que dificultam a efetividade deste papel: a falta de investimento do governo e a falta de capacitação dos profissionais da educação para trabalhar com este tema. *“E a gente não pode fazer muito.... Quer dizer eu não me sinto capacitada para fazer o que deve ser feito. A Rede, a Prefeitura, o Governo, enfim eles estão sendo insuficientes nesse quesito, nessa parte da Saúde, da Saúde física e mental enfim.”* (Rosa). Outro ponto de dificuldade mencionado foi a desatualização dos livros disponíveis relacionados ao tema saúde como menciona Violeta: *“falando em escola lembro de livro antigo, livro desatualizado, porque é o que a gente tem assim”*.

A terceira categoria, que apresenta apenas uma subcategoria, mencionada por dois profissionais, foi a relacionada às instituições e profissionais da saúde. Esta lembrança é apresentada na fala de Dália, que comenta que quando pensa em saúde lembra do *“posto... A primeira coisa quando tu falas saúde eu pensei no posto.”*, neste mesmo sentido Violeta diz: *“Lembro de cuidado, lembro de médico, posto de saúde”*.

Após a análise, observa-se que a visão dos profissionais sobre a saúde é primeiramente relacionada à saúde individual e vai de encontro ao conceito de saúde da OMS (2006) que abrange o bem-estar físico, mental e social. Importante destacar a relação que os bibliotecários fizeram do tema saúde com o ambiente escolar e da biblioteca, percebe-se com isso que os profissionais acreditam existir relação entre as duas áreas e ser possível a parceria, no entanto existem desafios. Também são mencionadas as instituições e profissionais da saúde, o que revela que a saúde é muito relacionada às instituições e profissionais específicos, sendo este um caminho para possíveis parcerias.

Nos próximos tópicos aprofundaremos a percepção destes profissionais em relação ao papel da escola, da biblioteca e do bibliotecário na promoção da saúde.

4.2.3.2 Escola

Ao agruparmos as falas que tratavam do tema **Escola** surgiram dois grandes subtemas:

- a) Público;
- b) Promoção da saúde.

Ao abordar o **Público** da escola, buscamos entender quem, na visão dos bibliotecários, são as pessoas atingidas/atendidas pela escola. Quatro categorias de público surgiram, Comunidade escolar²⁶, Estudantes, Família e Comunidade em geral. Esta divisão pode ser observada na fala de Rosa quando diz que a escola atende “ [...] *todos os estudantes, toda a comunidade escolar, os pais, a comunidade, porque como é uma comunidade pequena todo mundo tem [...] a escola é referência né.*”

A comunidade escolar (7) foi a mais mencionada pelos profissionais, a segunda categoria mais comentada foram os estudantes (6) e a terceira as famílias (4). É interessante observar que embora englobados como comunidade escolar, os estudantes e as famílias foram mencionados nominalmente. Estes números nos mostram que na percepção dos bibliotecários a escola alcança principalmente os alunos matriculados e as pessoas que estão diretamente ligadas à instituição, sendo elas profissionais que ali trabalham ou familiares dos alunos. Podemos observar esta percepção de limitação na quarta categoria, a comunidade em geral (2), o baixo número de menções demonstra que, apesar de ser lembrada, existe muito pouco

²⁶ Ao mencionarem comunidade escolar os profissionais estão se referindo a estudantes, professores, funcionários, pais e/ou responsáveis pelos alunos.

direcionamento no trabalho escolar na busca por atingir a comunidade como um todo e confirma que o trabalho escolar limita-se ao público que efetivamente frequenta as escolas.

Esta visão dos bibliotecários reflete a concepção de Paro (2017) quando comenta que a gestão democrática da escola pública básica (que incluiria a participação dos professores, funcionários da escola, alunos pais e comunidade) é vista como algo utópico, ou seja uma coisa que não existe. Embora detecte que esta é considerada uma visão utópica, o autor comenta ainda que se uma escola pretende realizar uma gestão democrática, está implícita a participação da comunidade em que a escola está inserida, pois a educação escolar deveria voltar-se aos interesses desta comunidade, e como identificar estes interesses sem uma efetiva participação? (Paro, 2017).

Esta ideia de participação comunitária nas atividades, decisões e planejamento das atividades escolares não é recente. As ideias do movimento Escola Nova propunham que as atividades escolares deveriam articular a educação intelectual com a vida comunitária. Em 2006 Araújo e Klein escrevem um artigo que apresenta uma proposta de educação voltada para a cidadania, a qual articula em seu projeto pedagógico comunidade e escola. Os autores descrevem que as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo afetam diretamente a forma que a educação deve ser aplicada. Com os movimentos de expansão e universalização do ensino, as escolas estão hoje abertas a todos, aos alunos que tem como foco buscar o ensino superior e “àqueles que vão desempenhar outras funções sociais que não requerem tal grau de formação” (Araújo; Klein, 2006, p. 120). Esta abertura aponta a necessidade de que a educação escolar se atualize e busque fortalecer os vínculos entre a escola, os alunos e alunas, as famílias e a comunidade.

Pelas falas dos participantes percebemos que a visão que predomina é a de que a escola trabalha para atender/atingir alunos, pais, professores e funcionários. A visão de escola voltada para atender as necessidades da comunidade, apesar de existir ainda é muito tímida.

Entre as falas agrupadas na categoria **Promoção da saúde** na escola, o Quadro 12 apresenta as três subcategorias principais as quais acolhem os códigos identificados.

Quadro 12 – Subcategorias e códigos identificados na categoria Promoção da Saúde (Escola).

Ações Desenvolvidas	Saúde bucal (8)
	Saúde pública (5)
	Educação sexual (5)
	Saúde mental (4)
	Nutrição (2)
	Saúde do corpo (2)
	Oftalmologista (2)
Desafios	Ações segmentadas (assunto e setor) (6)
	Falta de investimento (5)
Vantagens	Parceria saúde e educação (6)
	Programa Saúde na Escola (5)
	Local adequado (4)
	Parceria com universidades (3)

Elaborado pela autora (2023).

Ao nos aprofundarmos nas ações de Promoção da Saúde as quais os bibliotecários mencionam serem realizadas pelas escolas pode-se observar que foram identificados sete códigos que agregam os temas trabalhados. O Quadro 13 apresenta a descrição de cada um dos códigos para facilitar o entendimento da codificação.

Quadro 13 – Descrição dos códigos que abordam as ações de Promoção da Saúde desenvolvidas nas escolas.

Códigos	Descrição do código
Saúde bucal (8)	Agrupa atividades que trabalham escovação, visitas de dentistas à escola, palestras e demais atividades relacionadas à saúde bucal.
Saúde pública (5)	Agrupa atividades que trabalham temas que afetam toda a comunidade, como Dengue, Coronavírus, Vacinação
Educação sexual (5)	Agrupa atividades que trabalham o Aparelho reprodutor, Sexualidade, Sexo, Transformações do corpo,
Saúde mental (4)	Agrupa atividades que trabalham depressão, motivação, mudanças da adolescência, palestras e visitas de psicólogos à escola, encaminhamento para atendimento psicológico.
Nutrição (2)	Agrupa atividades que trabalham temas relacionados à alimentação saudável e alimentação fornecida pela escola
Oftalmologista (2)	Agrupa ações de encaminhamento para oftalmologista conforme demanda.
Saúde do corpo (2)	Agrupa ações que trabalham a higiene do corpo e atividades físicas para manter o corpo saudável.

Elaborado pela autora (2023).

Ao observarmos as ações mencionadas percebemos que a ação de promoção da saúde que mais se destaca é a de Saúde Bucal (8). Medeiros *et al.* (2021) encontram esta mesma

predominância em seu estudo e mencionam que isto pode estar relacionado ao grande número de dentistas que compõem as equipes de saúde bucal e que executam atividades intersetoriais principalmente nas escolas.

Em seguida, os bibliotecários mencionam as ações que promovem a Saúde pública (5) e a Educação Sexual (5). O destaque destas categorias aparece também no estudo de Medeiros *et al.* (2021), em que a saúde pública e verificação da situação vacinal aparece como terceiro tipo de ação mais efetivado na categoria avaliação clínica e psicossocial e a Educação Sexual aparece como a primeira da categoria promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos.

A Saúde mental (4), aparece como quarta categoria de ações que mais são desenvolvidas pelas escolas. Embora apareça com metade das menções da primeira colocada, esta menção destaca a importância que as instituições de ensino de Florianópolis estão dando para a saúde mental na percepção dos bibliotecários. Esta realidade difere dos encontrados na pesquisa de Medeiros *et al.* (2021), em que a avaliação psicossocial e a promoção da cultura de paz e dos direitos humanos aparecem como as últimas de suas categorias. Este destaque de promoções de saúde mental nas escolas municipais da capital catarinense pode estar relacionado à percepções de necessidades dos estudantes e também ao cumprimento da BNCC que menciona que cuidar da saúde emocional é uma competência a ser desenvolvida na educação básica.

Com menos destaque aparecem ações relacionadas à Nutrição (2), Saúde do Corpo (2) e Oftalmologista (2). As ações relacionadas à nutrição e saúde do corpo são mencionadas de forma bem pontual e especificando os profissionais e disciplinas que as realizam. Já as ações de oftalmologista (2) aparecem com um viés de avaliação, realizado principalmente por profissionais especializados que vão até à escola ou pelo setor da direção.

Embora exista uma diversidade de assuntos trabalhados, percebe-se nas falas dos bibliotecários que os temas não são ampliados, eles se repetem anualmente e o trabalho acontece de forma pontual, setorizada e desarticulada. Sobre este assunto Violeta comenta que:

[...] são trabalhos muito pautados em temas muito específicos que tu viu que eu falei 4 ou 5 temas só, saúde bucal e higiene do corpo, dengue, coronavírus, educação sexual. Esses são os cinco principais temas, não lembro se tem outros não, para não recordar é porque a gente não trabalha tanto.

Camélia comenta que a escola possui papel fundamental na Promoção da Saúde, no entanto, concorda com Violeta que as ações são pontuais, se resumem a temas específicos e são realizadas principalmente com um viés de prevenção e controle de surtos:

Eu acho que é um papel bem promissor, mas que eu acho que ele não é executado na sua totalidade assim, no seu potencial, poderia ser muito mais bem utilizado né essa promoção da saúde na escola, poderiam ter mais espaços né de abertura para a saúde estar ali. Acho que a escola ela fica muito com papel assim, por exemplo: um período da higiene bucal, outro período é a questão da educação sexual, tem a questão da alimentação, ela tá no currículo por exemplo, ela faz parte do currículo a questão da saúde na educação, mas eu vejo que ele é subutilizado, assim a gente acaba não utilizando tanto porque a gente acaba num viés mais de prevenção mesmo ou de cuidados e a gente não explora tanto isso dentro do currículo. Essa é a visão que tenho pelo que eu vi da realidade das escolas onde eu trabalhei. (Violeta).

Sobre o viés de prevenção e controle de surtos, Costa *et al.* (2013) mencionam que as escolas são espaços importantes para a promoção de práticas relacionadas à saúde, no entanto, percebe-se que historicamente são promovidas em sua maioria abordagens desarticuladas e pontuais, as quais reproduzem o modelo de atenção e prevenção à doença, perdurando uma lógica higienista. Em uma pesquisa que levantou ações de promoção da saúde nas escolas brasileiras, Luquez *et al.* (2021, p. 16) comentam que “De modo geral, os estudos revelaram a concentração das ações na perspectiva da identificação e controle de riscos e doenças. Além do acentuado enfoque na mudança de comportamento com ações de cunho higienista tais como banho, escovação dos dentes, lavagem das mãos e outros”.

Na visão de Lis, a escola possui infraestrutura adequada e consegue promover ações que proporcionam o bem-estar dos estudantes, pois “*oferece uma alimentação balanceada feita por nutricionistas [...], palestras sobre saúde bucal, aula de dança, teatro, espaço maker, laboratório de informática, biblioteca bem equipada enfim, atividades variadas para todos os gostos, promovendo o bem-estar enquanto estão na escola, ao menos*” (Lis).

Embora mais otimista em sua visão relacionada às atividades de promoção da saúde que ocorrem na escola, Lis menciona ao final de sua fala “*enquanto estão na escola, ao menos*”. Este trecho nos faz refletir que embora acredite que as ações são amplas e promovem o bem-estar dos estudantes, elas se resumem muito aos momentos em que os alunos estão dentro do lugar escola. Estas ações não se expandem para repercutir na vida dos alunos como um todo. Para que estas ações ecoem de forma positiva a vida dos alunos fora da escola e ajudem a promover a cidadania é preciso que a Promoção da Saúde seja tratada como uma “ação de corresponsabilização social, em que diversos setores da sociedade civil organizada estão implicados e podem contribuir com desenvolvimento de atividades e projetos que impactem positivamente na vida e bem-estar dos sujeitos.” (Costa *et al.*, 2013).

No entanto, a realidade observada a partir das falas dos bibliotecários, não corresponde ao mencionado por Costa *et al.* (2013). Ao observarmos os **Desafios**, embora sejam

mencionadas apenas duas questões - ações segmentadas (assunto e setor) (6) e falta de investimento (5) -, elas aparecem em um muitas falas e de forma recorrente.

A parti disso, como principal obstáculo temos que as ações são realizadas de forma segmentada, tanto em relação ao assunto quanto aos setores responsáveis. Violeta comenta em sua fala que a Promoção da Saúde na Escola

[...] acaba sendo um trabalho muito isolado também, a orientação da escola e a direção que trabalham mais. Se tem algum fato pontual se trabalha aquele fato pontual. Piolho por exemplo, nossa a questão do piolho na escola, mas só trabalham se acontece alguma situação, e às vezes até tem que ter cuidado, porque às vezes trabalham com a turma específica que teve algum caso né de piolho ali na turma e deu uma proliferação e acaba indo para um lado mais de... sei lá assim, um lado meio como que eu vou dizer assim, um lado meio de só combate aquele fato naquela turma o piolho é um problema daquela turma e não trabalha a escola toda (Violeta).

Além desta questão, aparece a falta de investimento²⁷ como outro desafio a ser enfrentado. Quando mencionam a falta de investimento, eles não se referem apenas à defasagem dos recursos enviados para a educação, mas à falta de recursos para a saúde e a falta de tempo para planejamento das ações. Sobre o assunto entrevistados mencionam que

A escola tenta, ela tenta, ela tem uma parceria com o posto de saúde e as orientadoras elas estão sempre encaminhando os estudantes, só que é como tu deve saber né, encaminha hoje para ser atendido no ano que vem, quando vai ser atendido? Enfim... E isso tá deixando muito a desejar assim. E tá afetando no aprendizado, tá afetando na vida dos Estudantes, acaba que afeta a escola no geral, porque não trata daí fica sempre: manda, não vai, enfim... (Lis).

[...] às vezes as estratégias não se concretizam por uma série de fatores, mas eles tentam. E a gente leva por exemplo, enquanto escola leva as demandas: Ó temos alunos que estão com problema tal, tem aluno que precisa de óculos, tem aluno que tem ali uma negligência da família, então tu leva esses casos e o posto de saúde ajuda né, o posto de saúde abre prontuário da criança para ver se ele é atendido naquela região, quem é atendido, se foi atendido. [...] A Rede, a Prefeitura, o Governo, enfim eles estão sendo insuficientes nesse quesito, nessa parte da Saúde, da Saúde física e mental enfim. E seria interessante eles investirem, tanto que assim é um pedido das escolas, da diretora, das supervisoras é um pedido constante mas parece que a gente não é ouvido, não está sendo ouvido nesse momento sabe? (Rosa).

Dália e Jasmim mencionam que esta falta de recursos é resultado também do momento pós pandêmico e político vivido, o que influencia negativamente na articulação de ações que promovam saúde na escola.

[...] alguns anos atrás eram mais frequentes esses programas, porque tinha mais incentivo do governo federal e aí então o posto conseguia mais fácil chegar até a escola, mas agora ainda existem alguns programas, mas mais pontuais, não tão abrangentes quanto já existiram para promover a saúde. (Dália)

²⁷ Para contextualização histórica, as entrevistas foram realizadas no fim do ano de 2022, enquanto a presidência do Brasil era ocupada por Jair Bolsonaro (PL) e a Prefeitura de Florianópolis era ocupada por Topázio Neto (PSD) vice-prefeito que assumiu em 31/03/2022 após a renúncia de Gean Loureiro (DEM).

[...] a gente não pode parar mais para fazer reunião pedagógica, reunião administrativa. A gente não teve uma reunião pedagógica esse ano, tem mas é tipo à noite, a distância, cada um no seu computador, não é como antes que a gente tinha. Até antes da pandemia a gente tinha, a gente parava a escola e pensava a escola, agora não dá mais. A gente tentou parar pelo menos para fazer colegiado. A dificuldade foi muito grande, falta de professores porque adoeceram, e aí não tinha como professor sair da sala e os pais exigindo que a reunião pedagógica, colegiado, reunião administrativa, todas sejam com o aluno em escola.

Verificamos esta mesma realidade da falta de comunicação entre as disciplinas e setores e da falta de investimento nos apontamentos de Costa *et al.* (2013), Farias *et al.* (2016), Medeiros *et al.* (2018), Silva *et al.* (2014). Para os autores, é preciso que os programas não sejam realizados de forma desarticulada e setorizada, para isso é necessário trabalhar a relação entre os setores saúde e educação. Os conflitos de interesse, a deficiência de comunicação e a falta de recursos desgastam essa relação resultando em parcerias pontuais que se limitam ao desenvolvimento de ações com o foco na prevenção e controle de riscos. Nothaft *et al.* (2014) comenta que a falta de recursos didáticos, pedagógicos e tecnológicos prejudicam o desenvolver das ações de promoção da saúde no ambiente escolar. Os autores destacam as dificuldades para realização de pesquisas em fontes confiáveis de informações, esta prática poderia auxiliar na diminuição da lacuna entre teoria e prática e subsidiar métodos de ensino (Nothaft *et al.*, 2014).

Embora os desafios pareçam com um número expressivo de menções, as **Vantagens** se destacam. De acordo com as falas dos profissionais os quatro principais benefícios em se trabalhar a saúde na escola são: em primeiro lugar a parceria que existe entre os setores de saúde e educação (6), que deriva de certa forma do Programa Saúde na Escola (5). Percebemos nestes números a importância das parcerias entre setores para se trabalhar saúde e mais do que isto, que exista um programa específico para que as ações não sejam abandonadas. Além disto, os profissionais consideram que a escola é um local adequado (4) para se trabalhar estes temas pois é um ambiente educativo. Como última vantagem, mas com um número interessante de menções aparece a importância da parceria com universidades (3). Estas parcerias ampliam o campo de atuação da escola, dão oportunidades para os profissionais que estão sendo formados e atualizam o conhecimento a ser repassado aos alunos.

Nas falas dos profissionais vemos estas categorias refletidas quando os bibliotecários descrevem a escola como um local adequado para realização da promoção da saúde, “*muitas vezes é na escola o único acesso à promoção de ações voltadas à promoção da saúde que os estudantes têm*” (Margarida). Melissa complementa que

[...] a gente [escola] faz muitas vezes o papel também de assistente social, de psicólogo, de pai e mãe, a gente faz de tudo, então as famílias veem na escola mesmo uma referência muito grande. [...] Tem o posto de saúde, eles têm outras referências

assim, a associações e tal, mas a escola, a nossa pelo menos faz esse papel de ser muito próxima às famílias.” (Melissa).

Mesmo os bibliotecários que não veem a escola tendo um papel relevante na Promoção da Saúde de sua comunidade, mencionam que este é um ambiente propício para estas atividades. Neste sentido Dália comenta que *“acredito que a escola possa, possa, não quer dizer que tenha. Possa ter um papel decisivo na promoção da saúde, inclusive fazendo seminários... Poderia né, não faz, mas enfim poderia, fazer seminários para melhorar a saúde.”*

Para que este papel de escola promotora de saúde seja cumprido os bibliotecários mencionam as parcerias como ponto-chave. Foram mencionadas duas formas de parceria que ocorrem dentro das escolas pesquisadas. A parceria com universidades, que proporciona que alunos da área da saúde venham até a escola e desenvolvam atividades com os alunos. E a parceria com a área da Saúde do município, incluindo posto de saúde, secretaria de saúde etc.

Em relação à parceria com universidade Melissa comenta que a escola em que trabalha *“é uma referência para pedidos de aproximação. A gente sempre busca estagiário, seja da Educação Física, seja da Odonto, seja da área de ciências, da pedagogia... nossa escola é cheia de estagiário”*. Violeta menciona que a aproximação com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) resultou em palestras e trabalhos realizados na escola.

A parceria saúde e educação foi bastante lembrada pelos entrevistados, principalmente o apoio dado pelo posto de saúde da região, seja realizando atendimentos encaminhados pela escola ou promovendo ações de saúde dentro da própria escola. Nesta parceria foi mencionado e lembrado pelos bibliotecários o Programa Saúde na Escola (PSE). Dália menciona que *“tem um programa que é um programa da Saúde na escola que é o PSE que aí é junto a escola e o posto fazendo várias intervenções com os estudantes”*. Violeta também menciona que o PSE é uma ponte para que essas ações aconteçam *“a gente tem o PSE que é o Programa Saúde na Escola que daí ele vai ter uma parceria com o Posto de Saúde, para então trazer pessoas de saúde”*. Violeta menciona ainda que por meio do PSE *“a gente conseguiu articular com uma coordenadora do posto, a direção da escola, para fazer essa palestra na escola [palestra de promoção da saúde mental], então foi muito legal, muito gratificante”*.

Como mencionamos, a ideia de colaboração entre saúde e educação não é uma ideia nova, com o passar dos anos foram sendo estabelecidas ações e projetos que fortaleceram esta perspectiva. Estas parcerias são de grande relevância para que as ações de PS se realizem dentro do ambiente escolar. Embora seja uma vantagem, a parceria pela parceria não é suficiente, é necessário que sejam realizadas ações pensadas para a realidade daquela escola e que estejam

envolvidos neste planejamento tanto representantes da escola, como da comunidade escolar e profissionais da saúde.

Ao avaliar algumas ações de promoção da saúde em escolas, Carvalho (2015) comenta que “não ocorreu a participação de representantes da comunidade escolar no planejamento das ações. A representatividade desta se deu no âmbito do conselho escolar, o que consideramos insuficiente.” Esta necessidade de participação de representantes de todas as áreas se faz necessária pois cada profissional tem habilidades em sua área de conhecimento, o profissional da saúde na área da saúde e o profissional da educação na parte pedagógica, “assim, a participação da comunidade educativa é importante em todas as etapas das ações de saúde nas escolas” (Carvalho, 2015, p. 1222).

A partir da visão dos bibliotecários e do embasamento teórico pode-se perceber que a Escola é sim um local adequado para promover saúde, no entanto ainda precisa ser percorrido um caminho para que esta promoção da saúde ocorra de forma efetiva na vida dos alunos e da comunidade.

4.2.3.3 Biblioteca

Após entendermos a visão dos bibliotecários sobre o público e a promoção da saúde nas escolas, foram agrupadas falas para entender como estes profissionais enxergam este tema em relação à **Biblioteca**.

No subtema **Público** foram agrupadas falas relacionadas a quem é o público atendido pelas bibliotecas e como se dá o relacionamento e o atendimento a estas pessoas.

Ao mencionarem quem é atendido pelas bibliotecas, todos os profissionais entrevistados mencionam a comunidade escolar (8) (alunos, professores, pais e funcionários). Os alunos são mencionados como o principal o utilizador da biblioteca e para quem este local é organizado, desenvolvido, planejado e para quem a biblioteca está sempre aberta. Ao serem questionados sobre o atendimento à comunidade em geral, os profissionais mencionam que embora as bibliotecas sejam denominadas como escolares e comunitárias, a comunidade em geral não é atendida. Confirmamos isso na fala de Dália: “[...] a biblioteca não tá aberta como Comunitária, apesar de estar descrito que seria todas as bibliotecas da Rede como comunitárias ela não é. Ela é só escolar mesmo [...]”.

No que se refere ao relacionamento que estes bibliotecários possuem com o público que efetivamente atendem, a comunidade escolar, todos relatam não possuírem problemas. A

maioria da fala dos profissionais (6), destaca um bom relacionamento com seu público como percebemos na fala de Camélia “*eu me dou bem com todos eles, a gente faz empréstimo tanto para os pais quanto para os alunos do NEIM [Núcleo de Educação Infantil] até o nono ano que nós temos aqui na escola, para professores também funcionários*”.

Melissa comenta que problemas e situações difíceis existem, mas que existe respeito e a boa relação prevalece.

[...] a gente se vê no nosso papel e eles também nos veem na importância da gente para eles assim. Como eu falei no começo, os professores tinham medo da comunidade, a gente não tem medo, a gente tem problemas, mas não é nada como às vezes é difundido por aí, que os alunos são agressivos, que as famílias são agressivas, todo mundo tem problema assim, mas a gente gosta muito, acho que a maioria dos professores que trabalham lá, gosta muito.

Durante as falas observa-se que esta relação pode ser ainda mais próxima. Embora não comentado por todos os bibliotecários, é mencionado um envolvimento afetivo (2) além da relação profissional. Este fenômeno pode ser observado na fala de Melissa que descreve ter tido oportunidade de mudar para uma escola mais próxima de sua casa, mas preferiu continuar na que sempre atuou pois se apegou à escola e à comunidade escolar.

Podemos observar outro exemplo de pertencimento e apego na fala de Rosa:

[...] como eu sou da comunidade eu conheço todo mundo da comunidade, os pais das crianças e fora da escola né, porque às vezes tu tá lá no restaurante e eles: "Ah professora!!"né! E tem, no meu caso eu acho que tem a parte mais afetiva assim né, como tu conhece todo mundo tu acabas te envolvendo mais assim, aí o problema da criança eu às vezes peço: "Não me conte nada". Porque eu acabo daí me envolvendo demais na relação, querendo resolver o que eu não posso resolver. (Rosa).

Em contraponto a este sentimento de apego e pertencimento, é mencionada uma relação apenas profissional (1) com o público atendido. Temos este exemplo na fala de Lis, que descreve que a “*relação com eles, é de respeito, trabalho árduo, pois são alunos pouco interessados em aprender e a leitura é guiada pela professora da turma que frequenta semanalmente a biblioteca*”. Percebemos nesta fala um certo distanciamento, uma relação mais profissional do que afetiva, mas também sem relato de conflitos ou problemas.

Tendo em vista as falas dos bibliotecários, trazemos o que é dito no Manifesto da IFLA/Unesco para biblioteca escolar, de que “Os serviços das bibliotecas escolares devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade escolar, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e status profissional e social.” (IFLA, 1999, p. 2). Embora esta seja a indicação, percebemos que nos relatos é mencionado um desafio no atendimento à comunidade escolar, a carga horária de trabalho insuficiente (1) para cobrir todos os turnos de atendimento da escola.

[A biblioteca] é só escolar mesmo, então eu atendo todos os alunos de primeiro a nono, eu não atendo o EJA porque eu não tenho carga horária suficiente para comportar. Na verdade atualmente eu não tenho nem carga horária para comportar os próprios alunos da escola do período diurno né, do noturno aí então não me relaciono com eles, os alunos do EJA, que seria o ensino de jovens e adultos (Dália).

Constata-se com esta menção que nem todas as escolas atendem de forma satisfatória a totalidade da comunidade escolar, pois existe uma lacuna entre a carga horária e a quantidade de profissionais contratados para manter a biblioteca aberta, deixando uma parte da comunidade escolar sem atendimento.

Embora mencionado por apenas um profissional, este desafio se repete na maioria das escolas quando a intenção é atender também a comunidade no entorno da escola. A partir das respostas dos participantes pode-se observar que os principais motivos para que este atendimento não aconteça é a falta de estrutura/pessoal (7).

Sobre o assunto Dália comenta que: *“É claro que se alguém da comunidade vier a gente recebe enfim, mas eu não divulgo que pode, porque não é para ser comunitária, não dá para ser Comunitária, e é triste né, deveria ser comunitária também. Não a nossa, [...]”*. Complementando, a profissional menciona que para atender este público é preciso [...] *“ter condições [...] A começar pela porta né. [...] tu tens que passar toda a escola basicamente até chegar na biblioteca [...] que fica assim bem longe do começo da escola, e se fosse para ser comunitária já era aí, tinha que ser logo na frente da escola, a primeira portinha ou a segunda, no nosso caso” (Dália).*

Jasmin concorda com Dália e menciona que nas duas escolas em que trabalhou *“o atendimento é a comunidade escolar”*, destacando que

As nossas bibliotecas são Escolar e Comunitária mas para a gente atender a comunidade a gente teria que ter um espaço físico diferenciado, a gente teria que ter recursos humanos não só o bibliotecário mas um auxiliar ou talvez até dois bibliotecários. A gente teria que ter um espaço na escola, na biblioteca que tivesse uma entrada para a comunidade e que não passasse por dentro da escola. [...] Para atender a comunidade exigiria uma estrutura, com layout apropriado, e a gente não tem. [...] Se a gente buscar a comunidade para dentro da biblioteca a gente vai cair naquela coisa que eu aprendi na faculdade, em uma aula de OM (Organização e Método) tu vais oferecer um serviço, [...] mas se aumentar a demanda de usuários, computadores da biblioteca, tu vai conseguir oferecer o serviço com qualidade?” (Dália).

As falas de Melissa e Violeta vão nesta mesma direção:

Apesar de que a nossa rede ela tem o nome de Bibliotecas Escolares e Comunitárias, é uma sigla, quase ninguém bota [...], a gente sabe que ela é Comunitária mas é comunitária de nome, porque para que eu fosse uma biblioteca Comunitária eu teria que ter uma equipe trabalhando, não um único profissional como a maioria das bibliotecas tem, então quando eu tô atendendo um aluno eu não vou atender a comunidade. Por exemplo, alguém vai virar e dizer: ‘Ah eu gostaria de ler o jornal’

ou 'Eu gostaria de um material' e o que que eu vou responder? 'Ah agora eu não posso porque eu estou atendendo uma turma'. Então é só de nome, a gente nunca conseguiu acessar a comunidade apesar de que a gente diz lá no estatuto de que a comunidade pode pegar livro emprestado, mas na prática a gente não dá condições para isso (Melissa).

Então, as bibliotecas da rede Municipal elas são consideradas escolares e comunitárias [...] então elas teriam que atender toda a comunidade né. Por uma questão de espaço físico, de acervo, de acesso ao prédio, ela acaba não atingindo muito a comunidade” [...] E fica até meio até complicado porque a biblioteca é uma extensão da sala de aula e não tem paz na sala de aula, então está acontecendo alguma mediação, alguma coisa, precisa chamar atenção de algum aluno alguma coisa e tem um pai ali junto e pode não gostar, né, pode acontecer alguma situação chata assim (Violeta).

Violeta menciona ainda a diferença de realidades dentro da própria rede. Em relação ao público, a profissional comenta que “[...]na realidade dessa escola eu consigo [atender a comunidade], na realidade da outra escola eu não conseguia, porque eu tinha uma agenda muito cheia na biblioteca.” Em relação ao espaço físico descreve que:

[...] a biblioteca que estou agora ela foi toda reformada, antes ela tinha dois espaços, um espaço só de literatura onde ficava o tapete, onde ficava a minha salinha onde eu os atendia tudo e o outro que era mais da literatura técnica e um almoxarifado assim onde ficavam os livros didáticos, ficavam os livros que chegavam para registrar. Agora a biblioteca foi toda reformada e ficou um espaço amplo assim, sem divisória nenhuma, tem uma pequena divisória mas só até a altura da cabeça assim que tu não vê do outro lado onde fica o espaço das mesas e contação de histórias, mas ele não é separado, não tem isolamento e não tem como eu ver quem tá lá por exemplo, então não posso deixar alguém lá sem supervisão, os alunos por exemplo, porque às vezes eu fico na parte do Acervo e a professora fica lá nas mesas mediando com eles também.

A realidade descrita pelos bibliotecários entrevistados vai ao encontro das pesquisas de Sena (2021) e Ohira *et al.* (2022) que relatam a realidade das bibliotecas da rede de ensino estadual e municipal de Santa Catarina. Tanto em âmbito municipal quanto estadual “os principais frequentadores da biblioteca são os estudantes e professores(as)”. Em relação à área física, apenas metade das bibliotecas (54% municipal e 50% estadual) afirmam que possuem área física igual ou maior que 50 m² destinada a Biblioteca, tamanho mínimo estipulado como ideal para uma biblioteca na Resolução CFB nº 220 37 (Ohira *et al.*, 2022; Sena, 2021).

Sobre as pessoas responsáveis pela biblioteca, nas escolas municipais prevalecem os professores(as), a figura do bibliotecário(a), é identificada apenas em quatro municípios, Florianópolis, Palhoça, Itajaí e Criciúma (Ohira *et al.*, 2022).

No cenário estadual, Sena (2021) constata que não existe a figura do bibliotecário no quadro do magistério, sendo todos os responsáveis pelas bibliotecas professores. Importante ressaltar que no ano de 2021 a Secretaria de Estado da Educação (SED) abriu um edital para contratação temporária de mais de 50 bibliotecários(as) conforme edital 3011/2021 (Santa

Catarina, 2021), embora este seja um importante passo para as bibliotecas escolares, ainda assim o número de bibliotecários contratados é menor que o número de municípios, precisando cada bibliotecário ser responsável por várias escolas.

Concordamos com Christine Castilho Fontelles (2021) que “há muitos lugares neste País, mesmo centros urbanos, em que a escola é o único lugar de acesso à cultura e à educação” e com a ideia de que “a biblioteca em escola aberta à comunidade é uma estratégia inteligente e necessária, porque garante o contato cotidiano com livros, leitoras(es) e leituras [...] assegurando sustentabilidade para a constituição de cultura leitora” não só para a comunidade escolar, mas também para familiares e membros da comunidade local. No entanto, precisamos reconhecer as vulnerabilidades e o caminho a ser percorrido para que o atendimento tanto à comunidade escolar quanto à comunidade em geral seja efetivado de forma realmente eficaz, e não apenas no papel.

Mesmo ciente destas limitações, a “biblioteca escolar é parceiro imprescindível para atuação em redes de biblioteca e informação tanto em nível local, regional como nacional” (IFLA, 1999), podendo prestar serviços informacionais importantíssimos para melhorar a saúde da população.

Para melhor entender qual a percepção dos bibliotecários da RMF sobre a viabilidade e a sua atuação trabalhando o tema saúde, agrupamos as falas relacionadas a **Promoção da Saúde** dentro da biblioteca escolar. Este agrupamento resultou em três principais categorias:

- a) Ações;
- b) Desafios;
- c) Vantagens.

Quando comentam sobre **Ações** de promoção da saúde na biblioteca os profissionais mencionam temas como: Saúde mental, Nutrição, Dengue, Saúde Bucal, Bullying, Autocuidado, Concepções sobre o que é saúde e Importância da saúde. Percebemos que ao pensarem em temas trabalhados ou que podem ser trabalhados pela biblioteca, os bibliotecários rememoram temas trabalhados pela escola como a saúde bucal, a nutrição, doenças específicas como a Dengue. No entanto, eles não param por aí, eles incluem temas que consideram importantes e que veem a possibilidade de serem abordados no ambiente da biblioteca como a Saúde Mental, o Bullying, o Autocuidado e uma visão ampla do que é e da importância da saúde na vida das pessoas.

Neste sentido Violeta comenta que

[...] a gente não trabalha muito nessa abordagem com as crianças, de que a promoção da saúde é um autocuidado também né, de cuidar de si e não apenas tu saber o que é reciclável e o que não é, saber como escovar o dente, tu saber como tomar banho, onde passa shampoo, onde passa o sabonete, sabe é mais do que isso. É o criar esse amor-próprio, esse cuidado consigo mesmo, o cuidado com o outro, o respeito com o outro, então tem um potencial muito grande aí que não é explorado, mas por falta de formação também, acho que é necessário formação, acho que as pessoas não têm consciência desse papel ou que a Biblioteca pode desempenhar esse papel.

Quando Lis fala que a PS pode ser realizada por meio da “ [...] *promoção do conhecimento, livros que ativam a imaginação, ludicidade das crianças, que não deixam de ser uma promoção à saúde mental [...]*” observa-se que não é essencial desenvolver projetos que fogem do escopo bibliotecário, é sim necessário pensar sobre o assunto, vê-lo como uma opção a ser trabalhada e desenvolver ações de forma direcionada.

Para entender melhor como os bibliotecários acreditam que estes temas vêm sendo trabalhados e quais possibilidades podem ser realizadas dentro da BE, foram agrupadas as ações desenvolvidas e as sugeridas pelos profissionais, apresentadas no Quadro 14.

Quadro 14 – Ações de PS desenvolvidas e sugeridas para serem realizadas na biblioteca escolar.

Ações de Promoção da saúde na biblioteca escolar			
Ações Desenvolvidas	atividades de leitura, contação de história e biblioterapia (3)	Ações sugeridas	atividades de leitura, contação de história e biblioterapia (4)
	disponibilização de acervo (2)		disponibilização de acervo (3)
	entrega de material informacional (2)		entrega de material informacional (1)
	espaço acolhedor (3)		espaço acolhedor (1)
	palestras/conversas com profissionais/oficinas (2)		palestras/conversas com profissionais/oficinas (7)
	pesquisa (4)		pesquisa (1)
	promover a ludicidade (2)		promover a ludicidade (4)
	seleção de material (2)		utilizar o espaço físico e digital (1)
trabalho em parceria escola (11)	parcerias (10)		

Elaborado pela autora (2023).

Ao observarmos as duas colunas do quadro é possível perceber que a percepção sobre o que é realizado e o que poderia vir a ser se repete bastante.

A ação com maior destaque nas falas é a necessidade do trabalho em parceria com profissionais ou instituições especializadas no assunto, esse padrão se repete tanto nos trabalhos já realizados (11) ou sugestões de ação (10). Estes números relatam a necessidade que os

profissionais identificam na colaboração entre setores e pessoas especializadas para se tratar um tema como a saúde. Destacamos ainda que ao mencionarem vantagens no trabalho de promoção da saúde na escola, as parcerias também foram as mais mencionadas.

Para auxiliar nesta parceria, Violeta menciona o trabalho do PSE, comentando que este poderia ser usado na busca por aliados: “[Podemos] trazer pessoas para falar sobre, a gente tem o PSE que é o Programa Saúde na Escola que daí ele vai ter uma parceria com o Posto de Saúde, então trazer pessoas de saúde”.

O profissional da saúde inserido nas atividades é muito importante, porém não é a única aliança essencial. Os bibliotecários mencionam que para realizar atividades que afetem os alunos de forma mais profunda é preciso que os profissionais da educação e a escola trabalhem em parceria. A fala de Melissa destaca bem o sentimento da necessidade de trabalho em rede com outros profissionais da educação e da área da saúde:

Primeiramente teria que ser em rede né. Individualmente assim eu não consigo mensurar isso, dar um tamanho que mereça. A gente consegue pontualmente algumas coisinhas, mas não vai fazer um efeito que teria que ser em rede, teria que ser algum projeto de rede para que todos caminhassem o mesmo caminho e os mesmos degraus assim, eu volto, acabo voltando de novo para as relações que eu tenho com as unidades de saúde, a do bairro principalmente, o postinho. A gente sempre tá em parceria com eles, seja para divulgar, seja para divulgar o caminho da vacina, seja para divulgar os atendimentos, como funciona e instruir do que eu mesmo enquanto bibliotecária fazer alguma ação de promoção da saúde. Não me ocorre nenhuma, eu consigo imaginar isso sempre em parceria com alguém que seja da área da saúde. (Melissa).

Margarida concorda e destaca ainda que é relevante a temática “Estar inserida aos planejamentos interdisciplinares para promover ações integradas com a unidade escolar”. Camélia, menciona que poderiam ser realizadas ações em parceria com os professores, verificar os assuntos que estão se destacando em sala de aula e trazer para trabalhar na biblioteca. Por exemplo, “[...] no quinto ano teve bastante dúvidas e brincadeiras e falatórios sobre aparelho reprodutor a escola chamou um especialista para responder as perguntas e dissipar as dúvidas dos Estudantes. Aqui na biblioteca pode ser assim, em parceria com a professora penso eu né, porque a gente não faz nada sozinho, não dá para fazer nada sozinha”.

Este trabalho em conjunto com os professores melhora o engajamento dos alunos e integra as atividades. Contudo, é importante que os bibliotecários se sintam preparados para trabalhar os temas trazidos da sala de aula. Melissa diz que trabalhou questões de saúde, sempre em parceria com professores, realizando contação de histórias e desmistificando crenças que não são reais, “[...] eu trabalho sempre em parceria com alguém, nunca foi uma iniciativa da

biblioteca: ‘Agora vamos falar de saúde’! As iniciativas da biblioteca são mais de incentivo à leitura mesmo” (Melissa).

O segundo tópico mais mencionado foi o desenvolvimento de palestras/conversas com profissionais/oficinas. A técnica da abordagem expositiva dos assuntos é bastante utilizada para trabalhar temas da área da saúde, percebemos na literatura que mesmo em atividades mais elaboradas e que desenvolvem também a parte prática, as palestras e aulas expositivas estão presentes (Scherrer, 2002; Gregg *et al.*, 2002; Ajuwon e Ajuwon, 2019; Sousa, Veiga e Pimenta, 2021). Neste tópico existe uma divergência entre o quantitativo relatado como ações desenvolvidas (2) e sugestão de ações (7). Esta subcategoria está diretamente relacionada com a categoria de parcerias. Para a organização de palestras é necessário que as parcerias sejam realizadas e efetivas, como apresentado na fala de Lis que comenta que a promoção da saúde acontece em sua biblioteca por meio de *“palestras que acontecem com parceria da UFSC sobre saúde bucal, bullying, motivacionais, etc..”*

Entretanto, é possível observar que embora aconteçam algumas ações neste sentido, ela foi mais pensada como uma sugestão. Um dos motivos que esta ação pode não ser tão executada é pela falta de entendimento do assunto saúde ser uma possibilidade de trabalho para os bibliotecários escolares. Rosa aponta que nunca pensou sobre o assunto, mas que *“poderia trazer pessoas para falar com os alunos”*.

Outro tópico que se destaca é a menção de que a Promoção da Saúde é (2) e pode ser praticada (4) em projetos que promovem a ludicidade e em atividades de leitura, contação de histórias e biblioterapia. Ao destacar ações de leitura, contação de histórias e biblioterapia que ocorreram nas bibliotecas temos exemplos como:

Com os anos iniciais é quase sempre a contação de história ou alguma atividade de leitura que eles possam também interagir na leitura, às vezes eu corto pequenos trechos, frases curtas, coisas que estimulem, porque alguns têm dificuldades na leitura, outros têm vergonha, então para estimular eles têm que ser sempre um pouquinho, do pequeno, aí eu dou o exemplo, eu falo, passo para outro, mas o que mais acontece mesmo é contando histórias, é sempre na hora do conto. (Melissa).

[...] ano passado a gente recebeu esse material do coronavírus trabalhou ele, desde o começo eu busquei contar histórias que falassem um pouco desse momento e depois também histórias que levassem eles a outros lugares né, a ludicidade. Veio um material sobre a escovação, que eram um kit para os alunos e veio um livrinho junto, então a gente contou essa história, viu esse material junto, são esses momentos, assim tipo na questão da contação de história [...] eu trabalho mais o lúdico. (Violeta).

Os profissionais reforçam que estes caminhos podem vir a ser mais explorados e que devem ser considerados ao pensarmos em ações de PS nas bibliotecas. Camélia aponta a possibilidade de ser utilizada a biblioterapia e Melissa comenta que *“se eu tivesse que fazer*

voltado a promoção da Saúde, às pessoas que frequentam sejam os professores ou os estudantes eu vou acabar voltando de novo no que eu respondi, usar um livro para contar uma história” (Melissa). Nesta mesma direção, mas ampliando um pouco as ações, Margarida destaca que o tema pode ser trabalhado em *“Debates, roda de socialização de direitos e promoção da leitura dirigida”*.

Este mesmo direcionamento de bibliotecários trabalhando com PS em escolas por meio da contação de histórias, biblioterapia e promoção do lúdico pode ser observado nos trabalhos, recuperados na etapa de levantamento de dados, de Mora, Araya e Seravalli (2017) e Prado e Madalena (2019), que abordam a biblioterapia como possibilidade para trabalhar a saúde mental e em Sousa, Veiga e Pimenta (2021) e Golden *et al.* (2022) que apontam como possibilidades o trabalho de leitura e discussão de obras sobre temas relacionados à saúde para trazer este assunto como pauta da biblioteca.

Outras abordagens mencionadas pelos profissionais estão ligadas ao espaço físico da biblioteca, ao acervo e à confecção e disponibilização de materiais informacionais.

Ao mencionar que *“[...] em relação a biblioteca eu tenho tapetes, almofadas, bancos, cadeiras né que eles podem ficar da forma que eles acharem melhor, deitado, sentado na hora do lanche eles vem para cá, tem música no fundo assim relaxante aqui é bem tranquilo”*, Camélia aponta o espaço físico como um meio de Promover Saúde na biblioteca. Com isso a profissional destaca a importância do planejamento do local da biblioteca para que este disponibilize um ambiente acolhedor, que proporcione conforto e segurança para os frequentadores.

Na fala de Jasmim, sobre como a BE poderia promover saúde para a comunidade, é destacada a importância da biblioteca como um local que acolhe, de integração, de lazer e de um acervo diversificado, com diferentes tipos de fontes, como jornais, revistas, pesquisas. Além disso, é mencionada a possibilidade da utilização do ambiente virtual como possibilidade para divulgação de informação em saúde.

Merga (2021) corrobora com a ideia de que as bibliotecas escolares podem promover saúde por meio de seu espaço físico, contribuindo diretamente para o bem-estar dos alunos. A autora menciona que embora não exista um aprofundamento sobre o quanto estas bibliotecas influenciam positivamente no bem-estar dos estudantes das escolas contemporâneas, estes espaços podem sim proporcionar segurança e conforto, pois em muitas escolas as bibliotecas são o único espaço público apresentado como refúgio (Willis; Hughes; Bland, 2019; Wittmann; Fisher-Allison, 2020; Merga, 2021).

Outro ponto importante mencionado pelos entrevistados é o acervo disponível na biblioteca, pois sem material é mais difícil realizar ações. Jasmim comenta que “[...] *tem uma coleção bem bacana [...] que fala o que fazer se tem asma, se tem dor de ouvido, ela é bem explicativa mesmo assim. Eu utilizo bastante, porque os alunos estão em fase crescimento, eles querem saber, eles têm dúvida.*”

Em contrapartida, ao comentar ações que poderiam ser desenvolvidas por meio da disponibilização do acervo, Dália comenta que “*poderia ter, poderia não quer dizer que tenha, livros que abordem esse assunto sobre promoção da saúde*”, destaca ainda que “*Talvez se tivessem livros [...] sobre saúde mesmo dentro da biblioteca seria bom. Porque às vezes a gente tem [...] livros, só que eles não são pontuais assim, não é sobre algo específico que pudesse ser trabalhado, como por exemplo: a dengue, a diabetes, ou algo desse tipo.*”

Ao comentar sobre como desenvolver atividades com o acervo, Melissa menciona a necessidade de estratégias diferenciadas conforme a faixa etária dos alunos:

[...] selecionando o material que é uma coisa mais... seria mais para os anos finais [...] disponibilizar e divulgar, porque faz muita diferença quando a gente mostra o livro, ou fala do livro, ou fala alguma coisa do autor, ou cita alguma coisa da página, quando a gente conhece o material e a gente fala dele faz um efeito muito bom assim, o interesse deles, eles acabam se interessando mesmo. (Melissa)

Dália e Violeta comentam que realizam a disponibilização e distribuição de materiais e kits oferecidos em ações realizadas por profissionais da saúde dentro da escola, mesmo que as ações não tenham ocorrido efetivamente na biblioteca.

Essa da higiene bucal, na verdade não foi promovido na biblioteca, era entre a secretaria e sala de aula, só que como eram livros e como eu percebi que se eu não entregasse basicamente ninguém entregaria e aquele material ia sumir e sei lá o que ia ser feito com ele, eu levei para biblioteca e aí depois eu entreguei. Então apesar de ser uma coisa simples: "Ah foi uma entrega de livros" mas era sobre a higiene bucal e que depois promoveu uma mudança na saúde dos alunos do terceiro ano porque muitos deles ficavam o dia inteiro na escola e não levavam nunca escova de dentes e aí nesse kit tinha o livro que falava sobre a importância da higiene bucal, tinha também um kit com uma pasta de dente e uma escova de dente e um fio dental. Aí então foi uma melhora, e eles perceberam a importância enfim de estar escovando os dentes. Mas não foi trabalhado isso na biblioteca, só simplesmente foi o ato da biblioteca foi entregar o próprio material para os alunos né. (Dália)

Embora não efetive a entrega de materiais, Jasmim, menciona que esta estratégia é interessante e que poderia vir a ser viabilizada pelo profissional bibliotecário: “*Ah eu poderia [...] fazer um folder sobre Outubro Rosa [...] eu poderia fazer um marca-página falando de saúde, [...] eles levariam [...] para casa, eu poderia fazer isso, fazer um trabalho com as turmas e as turmas levarem para casa, eu não precisaria ir para as casas.*”

As atividades realizadas e as sugestões em relação à necessidade de acervo e material adequado para trabalhar o tema vão ao encontro da proposta descrita por Clar, Drouin e Iverson (2018), a qual buscou por meio do desenvolvimento de coleções motivar as crianças e jovens indígenas a permanecerem na escola, apresentá-los às profissões da saúde e incentivá-los a ter práticas de vida saudáveis. Os autores mencionam que o feedback informal recebido sobre as coleções de livros entregues foi muito positivo, tanto das crianças e jovens, como dos professores e da direção da escola.

Na área da pesquisa, os bibliotecários mencionam que a biblioteca é utilizada como como um local de pesquisa, mas o trabalho do bibliotecário ocorre como o de um intermediador, não como protagonista. Violeta comenta que quando estas atividades acontecem elas são realizadas em parcerias com os professores, por exemplo *“a professora de ciências que fazer uma é cartilha sobre DST, cada grupo vai cuidar de uma dessa DST, vem na biblioteca pesquisar, vem ver se tem material, os materiais super desatualizados, daí a gente tem pesquisa na internet [...]”*. Outra atividade mencionada por Violeta é o triângulo de pesquisa *“a pesquisa começa na sala de aula, o professor dá o tema começa, vem para biblioteca, a biblioteca infelizmente nunca tem tanto material sobre, mas para eles terem esse costume de usar a biblioteca né, [...] depois vai para sala informatizada [...] e depois eles produzem esse material junto com a professora na sala”*. Mesmo mencionando a desatualização Violeta comenta que a prática é interessante para confrontar as informações antigas com o que vem sendo publicado atualmente e ver a evolução da pesquisa científica.

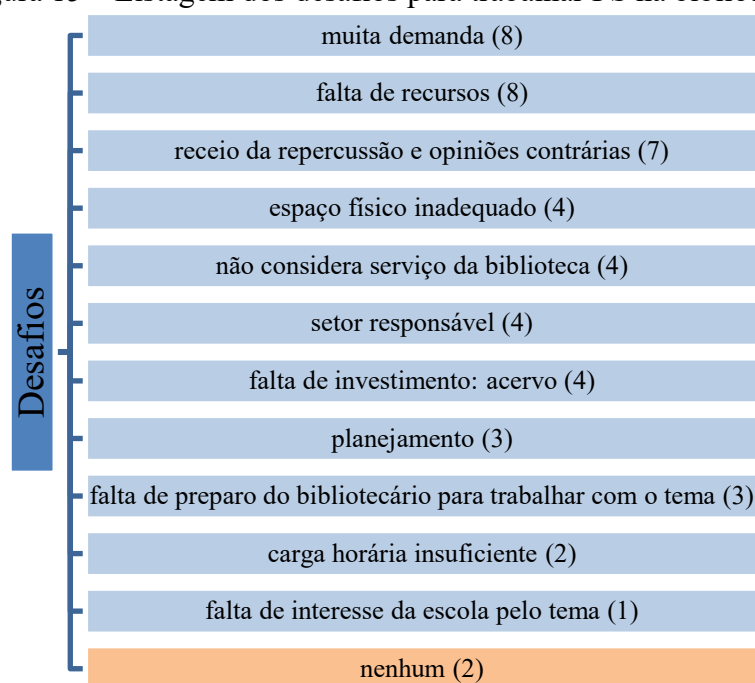
Conforme relato dos profissionais, estas atividades de pesquisa ocorrem com um público mais velho, normalmente com os alunos dos anos finais. Nos artigos recuperados durante a revisão de literatura percebemos que a prática da pesquisa também é mencionada de uma forma similar ao triângulo de pesquisa, contudo o bibliotecário na literatura aparece mais presente durante a realização das atividades. Em seus artigos, Scherrer (2002) e Gregg *et al.* (2002), relatam atividades de formação que envolvem também a parte prática. Nestas atividades o bibliotecário é peça-chave, pois está ali para auxiliar na busca e indicar fontes confiáveis para realização da pesquisa no campo da saúde. No estudo de Ajuwon e Ajuwon (2019) as práticas de pesquisa visam ainda qualificar os próprios estudantes na pesquisa em saúde para que estes repassem essa informação a seus colegas, familiares e comunidade, por meio da educação por pares.

Percebe-se nas falas dos participantes que eles veem potencial da biblioteca como promotora de saúde e enxergam possibilidades para trabalhar com o tema, no entanto, este não

é um assunto abordado. Violeta menciona que possui um perfil de trabalhar mais com o lúdico, mas que “*tem uma colega que trabalha essa questão da dengue e ela separa em grupos, faz cartilha, faz filme, faz um monte de coisa, então ela já tem esse perfil*”. Este comentário nos levanta um questionamento, o quanto a falta de ações voltadas à saúde e os direcionamentos pedagógicos e didáticos das atividades realizadas pelos profissionais está relacionado com os treinamentos e qualificações recebidas?

Esta questão está diretamente relacionada ao próximo tópico a ser abordado, os **Desafios** para trabalhar a promoção da saúde na biblioteca. Ao agruparmos as falas foram obtidas as dificuldades apontadas na Figura 15.

Figura 15 – Listagem dos desafios para trabalhar PS na biblioteca.



Elaborado pela autora (2023).

Os dois desafios mais mencionados pelos bibliotecários são a questão de possuírem muita demanda (8) e a falta de recursos (8).

Os profissionais relatam que o alto número de alunos atendidos, na maioria das vezes por apenas um bibliotecário, dificulta o desenvolvimento de diferentes temas. Dália comenta que:

[...] a escola sempre foi muito grande, e agora ela tá enorme. Ela tinha 700 alunos e é uma quantidade bem grandona assim né, então para colocar todas as turmas para visitar a biblioteca, para emprestar livros, né para fazer o empréstimo de livros ocupava a semana inteira. Ai agora que dobrou eu tô dividindo [...] tem uma semana que só vai alguns e outras semanas só vai os outros [...] a demanda de trabalho, no

meu caso, é tão intensa que eu acabo não tendo tempo para parar e para planejar qualquer atividade. (Dália).

Jasmim e Melissa suportam a fala de Dália ao comentar que *“Eu tenho 28 turmas, chegaram muitos livros, chega muita coisa eu praticamente tenho dificuldade até de promover meus projetos de incentivo à leitura, sabe? A demanda é grande, é muito empréstimo de livro, é receber as turmas” (Jasmim)*. Melissa também destaca a alta demanda e o baixo número de profissionais na biblioteca quando diz serem necessários *“Mais profissionais para a gente poder dividir as várias funções da biblioteca. Para que você se dedique a um projeto você vai ter que ter suporte nos outros, não dá para fechar a biblioteca para focar em alguma outra coisa.”*

Violeta destaca a diferença entre escolas maiores e menores e as possibilidades de envolvimento do profissional em projetos *“mas também eu pensei na realidade dessa escola, aqui eu consigo, na realidade da outra escola eu não conseguia, porque eu tinha uma agenda muito cheia na biblioteca [...] então a biblioteca na outra escola tava sempre cheia [...]”*.

Em relação à falta de recursos é mencionada, como na realidade escolar, a falta de profissionais para trabalhar nas bibliotecas e a falta de recursos financeiros. Este déficit pode ser observado nas falas de Melissa e Camélia:

O que nos falta mesmo é profissionais, é equipe, são muitos alunos, as escolas são grandes, a minha tem mais de 500, as vezes tem mais de 600 [...] para um profissional bibliotecário. Sem uma equipe. Eu não tenho estagiários, eu não tenho assessores, eu não tenho técnicos... e aí então eu administro uma biblioteca e ainda dou todo esse suporte que é o da educação mesmo... atender 12 turmas, às vezes mais, a gente tem projetos de contraturno que também tem lá suas especificidades, que também entram nesse atendimento, isso esgota muito enquanto profissional. Eu acho que o que faltaria para a gente seria mais profissionais, as escolas... (Melissa).

Para falar bem a verdade a gente tem tanta coisa para se preocupar, tanta coisa que acontece na escola que isso faça batido. [...] bem difícil agente fazer um projeto sozinha que seja só da biblioteca porque a gente não tem recursos para isso na prefeitura é recurso só um pouco só de cachos e o que tu faz quando quer fazer bem feito tem que tirar do próprio bolso, eu tenho feito isso há anos. (Camélia).

No artigo *Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil*, publicado em 2015, Campello destaca que no estudo *Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil*, realizado pelo MEC em 2011, a falta de profissionais qualificados é uma das questões a serem enfrentadas na BE. A autora comenta que *“A ausência de um profissional especializado para assumir a responsabilidade pela biblioteca traz diversas consequências, desde a desativação do espaço, passando pela limitação de horário de atendimento até a precariedade dos serviços oferecidos”* (Campello, 2015, p. 5). Campello (2012) também destaca a falta de recursos financeiros enfrentados pelas bibliotecas, mesmo em países mais adiantados no assunto, em que as

bibliotecas estão presentes nas escolas, existe a ameaça de corte de recursos pela falta de clareza do valor da BE.

Em nossa pesquisa, realizada em Florianópolis, uma cidade que possui uma rede de Bibliotecas escolares e que possui bibliotecários contratados para atuar na BE, percebe-se que esta realidade também é refletida. Pois os profissionais mencionam tanto a falta de recursos como é identificada a falta de uma quantidade adequada de profissionais para atender a demanda. Cabe destacar que a contratação do profissional qualificado é uma grande vitória, mas não é suficiente, é necessário avaliar o tamanho da biblioteca e da escola para identificar a necessidade quantitativa de profissionais, sejam eles bibliotecários ou auxiliares, para cada biblioteca em específico.

Relacionado a estes tópicos, Dália comenta que além da alta demanda, a carga horária que exerce hoje não é suficiente (2) para atender a todos os alunos e todos os turnos.

[...] então eu atendo todos os alunos de primeiro a nono, eu não atendo o EJA porque eu não tenho carga horária suficiente para comportar. [...] reduziram a minha carga horária, eu tô dividindo as turmas assim: tem uma semana que só vai alguns e outras semanas só vai os outros e nesse ponto que não vai ninguém aí é o tempo que eu tô arrumando a biblioteca, que eu tô fazendo as outras demandas, então acaba não sobrando tempo para trabalhar com projetos. E aí também é opção minha me focar mais no empréstimo para eles, para promover a leitura mesmo. Mas eu gostaria de ter tempo, na verdade eu gostaria de ter um outro bibliotecário que talvez a gente pensar em outras coisas né, até em fazer outros tipos de projetos. (Dália).

O espaço físico inadequado (4) e a falta de investimento no acervo (4) são dois outros pontos salientados pelos entrevistados. Margarida comenta que a “*falta de planejamento da ergonomia do espaço da biblioteca [...] dificulta o desenvolvimento de atividades adequadas à promoção da saúde*”. Violeta especifica melhor o que significa esta falta de planejamento do espaço:

Essa que eu estou agora ela foi toda reformada, antes ela tinha dois espaços, um espaço só de literatura onde ficava o tapete, onde ficava a minha salinha onde eu os atendia tudo e o outro que era mais da literatura técnica e um almoxarifado assim onde ficavam os livros didáticos, ficavam os livros que chegavam para registrar. Agora a biblioteca foi toda reformada e ficou um espaço amplo assim, sem divisória nenhuma, tem uma pequena divisória mas só até a altura da cabeça assim que tu não vê do outro lado onde fica o espaço das mesas e contação de histórias, mas ele não é separado, não tem isolamento e não tem como eu ver quem tá lá por exemplo, então não posso deixar alguém lá sem supervisão, os alunos por exemplo, porque às vezes eu fico na parte do Acervo e a professora fica lá nas mesas mediando com eles também.”

Percebe-se nas falas que em algumas bibliotecas foram utilizadas salas de aula não utilizadas e mesmo nas bibliotecas planejadas, o projeto é desenvolvido sem um entendimento de quais atividades e como as atividades serão desenvolvidas naquele local. Campello (2015,

p. 6) também destaca a inadequação das bibliotecas como um problema “São espaços exíguos, reaproveitados de salas de aula convencionais [...] Algumas compartilham o espaço com outras atividades [...] A falta de espaço é um fator limitador, impossibilitando a realização de atividades com uma turma inteira ou com grupos maiores de alunos”.

A falta de investimento no acervo (4), principalmente em relação à temática saúde e promoção da saúde é outro ponto destacado como dificuldade para realização de ações de PS. Margarida relata a “[...] *inexistência de acervo e equipamentos que possam promover a temática com os usuários*”. Jasmim e Violeta relatam que existe pouco material, quando existe é formado por doação, resultado de alguma campanha de PS específica realizada dentro da escola ou livros desatualizados. Campello (2015, p. 6) destaca que estas mesmas dificuldades foram apresentadas na Avaliação de Bibliotecas Escolares no Brasil, enfatizando ainda que “muitos acervos são formados predominantemente por livros didáticos e, em alguns casos, a biblioteca é utilizada como espaço de armazenagem e distribuição desses livros. Poucas bibliotecas contam com recursos específicos para a aquisição de material.”

A pesquisa de Clar, Drouin e Iverson (2018) destina-se justamente a diminuir este gap da falta de material relacionado à saúde em bibliotecas escolares. No entanto a percepção de recepção dos livros por meio de doação ainda prevalece. Contudo, na pesquisa os bibliotecários das escolas participam na escolha e seleção dos materiais que serão enviados pensando nas necessidades dos alunos e da comunidade em que a biblioteca está inserida.

Além dos desafios mencionados acima, mais relacionados à questão física e investimento na biblioteca, os bibliotecários não se sentem preparados para trabalhar com o tema saúde (3). Rosa comenta que se for realizar ações pensaria em trazer pessoas para falar com os alunos, pois “*Eu não me sinto capacitada para fazer esse tipo de intervenção [...] Falta formação específica nessa área. Porque como a gente não tem, a gente não trabalha [...]*”. Dália reforça que “*talvez também se tivesse outros cursos né... eu digo tipo assim ideias do que pode ser feito né. Talvez assim uma ideia de que projeto pode ser trabalhado [...] assim seria mais fácil eu trabalhar sobre saúde.[...]*”

Na pesquisa de Adkins *et al.* (2019) obteve-se que os bibliotecários de escolas rurais no Missouri reconhecem a necessidade de ações de promoção da saúde mental para os estudantes, mas eles não se sentem capacitados para fornecer estas ações devido à falta de conhecimento e muitas vezes a falta de apoio e suporte. O autor destaca que os bibliotecários escolares relatam querer mais treinamento em apoio à saúde mental.

Este despreparo gera um receio de como uma ação relacionada à saúde vai repercutir e talvez receber opiniões contrárias (7). Violeta aponta que *“Os obstáculos eu acho que seria alguns tabus, quando a gente fala em educação sexual por exemplo”*. Jasmim aponta ainda o contexto social em que vivemos de extremismo como uma dificuldade e insegurança para trabalhar com temas relacionados à saúde

E aquela coisa nada pode, tudo é pecado, tudo é proibido. [...] Então assim, eu não me sinto encorajado no momento atual em estar me aventurando, mesmo que esteja tudo muito fundamentado, muito cercado, passou lá na prefeitura, passou pela equipe pedagógica, passou pelo departamento, bom esse teu projeto é bom, pode seguir. [...] Eu acho que é o momento mesmo, só o momento que a gente... anti-ciência, só o momento mesmo que a gente vive, infelizmente a gente vive nesse momento e chega a ser cruel, mas esse eu acho que é o empecilho maior assim para um tema bastante importante mas o empecilho é a aceitação da Comunidade né [...]. (Jasmim).

Por não possuírem preparação para trabalhar o tema, muitas vezes os profissionais não percebem a Promoção da Saúde como sua responsabilidade ou como um tema que possa ser abordado na biblioteca (4). Podemos perceber este movimento nas falas de Rosa e Camélia.

“Sabe que eu nunca pensei em saúde enquanto biblioteca assim, nunca pensei vou te ser bem sincera assim” (Rosa).

“Para falar bem a verdade a gente tem tanta coisa para se preocupar, tanta coisa que acontece na escola que isso faça batido” a profissional enfatiza que faz trabalhos em parceria, “mas assim o bibliotecário sozinho lá hoje vou trabalhar à saúde, transformar no projeto da biblioteca envolver a escola toda e eu não sei se eu quero ter todo esse trabalho, se vale a pena” (Camélia).

Esta falta de percepção de poder trabalhar o tema, ou de ser um tema importante a ser abordado pela biblioteca, pode vir da percepção de que existe um setor responsável para trabalhar a saúde (4) e não de que este seja um tema a ser trabalhado por todos.

Rosa comenta que *“como tem uma equipe que faz essa parte, que como eu te falei as orientadoras é que fazem essa parte, então fica meio que dividido as coisas assim”*. Destaca ainda que existe um olhar para os estudantes por todos os profissionais e que *“[...] poderia estar promovendo esse contato com a saúde, enfim essa busca por profissionais para vir na biblioteca, vir na escola, mas como eu te falei como eles fazem esse caminho, então nem eu nem os professores vai atrás, a gente sugere, mas nunca vai atrás” (Rosa).*

Sobre esta percepção Luquez *et al.* (2021, p. 16) comenta que em sua pesquisa “foi possível observar que ainda existe uma predominância da concepção especialista, ou seja, a responsabilização do professor de Ciências e de Educação Física nas ações educativas para promoção da saúde.”

Dois outros pontos destacados como sendo fatores que dificultam a execução de ações de promoção da saúde nas bibliotecas é a falta de interesse da escola pelo tema (1) e a dificuldade de planejamento (3) de atividades, tanto dentro da biblioteca como em conjunto com o restante da escola. As falas de Dália e Jasmim identificam bem este desligamento do profissional bibliotecário com as atividades de planejamento.

Eu acho que o maior desafio é poder sentar com os professores para ver o que eles estão trabalhando e ver onde é que pode se encaixar [...] o meu horário agora tá das 8 horas às 2 horas da tarde. Eu não faço mais o recreio com os professores. Eu tenho que trabalhar o tempo todo dentro da biblioteca. Raramente eu faço recreio com eles, assim a gente não conversa quase nunca, e poucos infelizmente tem o hábito de ir até biblioteca. Esses que vão até a biblioteca quando não tão dentro da sala de aula aí a gente acaba trocando uma ideia enfim mas quase sempre é sobre literatura (Dália).

Eu na verdade não tô muito envolvido com isso, essa questão dos projetos que aparecem na escola. Às vezes quando eu percebo tá acontecendo nem sei, até porque a gente está numa situação bem difícil, porque a gente não pode parar mais para fazer reunião pedagógica, reunião administrativa. A gente não teve uma reunião pedagógica esse ano, tem mas é tipo à noite, a distância, cada um no seu computador, não é como antes que a gente tinha (Jasmim).

Costa *et al.* (2013) e Nothaft *et al.* (2014) também verificam que existe a falta de uma etapa de planejamento coletivo de ações de promoção da saúde nas escolas resultando em iniciativas particulares e de forma desarticulada. Os autores sinalizam a necessidade de aprimoramentos das fases de elaboração das atividades, a partir de planejamentos reais para tentar tornar as ações mais eficazes (Costa *et al.*, 2013; Nothaft *et al.*, 2014).

Em contraponto às dificuldades mencionadas pelos profissionais, percebemos a última categoria que menciona que não observam nenhum (2) desafio para que a biblioteca promova saúde. Contudo esta resposta de não perceber desafios precisa ser entendida no contexto respondido. Camélia relata que não possui desafios “*porque não trabalho. Não trabalho. Só quando a professora tem parceria com a gente eu posso propor uma parceria com ela sobre a saúde*”. Lis, relata não perceber “*Nenhum obstáculo...a escola dá o suporte que é preciso, a PMF também, mas não sou eu que promovo as ações, são feitas com professores*”. Percebe-se nas duas falas que os profissionais declaram não trabalhar o tema.

Apesar dos desafios destacados, os profissionais observam **Vantagens** quando o assunto é a promoção da saúde realizada pela biblioteca. Durante as entrevistas foi mencionado seis vezes que existe potencial nesta parceria entre biblioteca e promoção da saúde, só é necessário planejamento, preparação, suporte e capacitação.

Concluimos o tópico biblioteca e promoção da saúde observando que as bibliotecas escolares pesquisadas atendem alunos e comunidade escolar, porém não atingem a comunidade

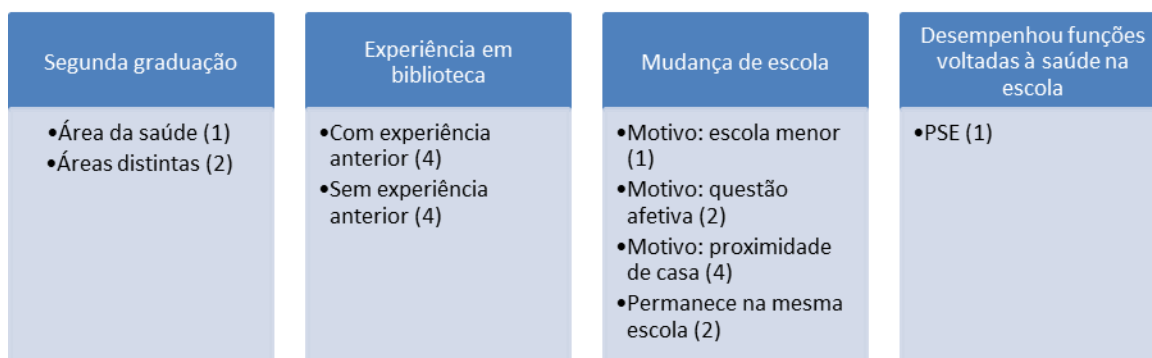
em geral. Em relação à promoção da saúde, percebe-se que os profissionais realizam algumas ações e veem possibilidades de atuar ainda mais. Contudo, existem diversos desafios a serem transpostos para que estas ações sejam mais efetivas, destacam-se a alta demanda e a falta de recursos financeiros e de pessoas. Percebe-se que os principais desafios mencionados não são de cunho de capacidade do profissional, mas estão relacionados à falta de apoio por parte das escolas e a dificuldade de conciliar todas as atividades demandadas pela biblioteca por apenas um profissional.

4.2.3.4 Bibliotecário

Buscamos por fim entender a visão dos bibliotecários sobre seu papel na promoção da saúde da comunidade. Despontam neste tópico três temas: **Trajatória, Papel e Preparo para trabalhar com saúde.**

Para entender melhor estes profissionais perguntamos um pouco sobre sua **trajetória** antes e durante a atuação na Rede Municipal de Florianópolis (Figura 16).

Figura 16 – Trajetória dos bibliotecários antes e dentro da RMEF.



Elaborado pela autora (2023).

Ao observarmos a trajetória dos profissionais três mencionam ter cursado (e não finalizado) outra graduação, além da biblioteconomia. Os cursos não relacionados à saúde são da área de Ciências Sociais Aplicadas, mostrando que os profissionais se identificam com o campo. No âmbito da pesquisa se destaca uma profissional que iniciou o curso de enfermagem, possuindo conhecimento prévio sobre conceitos e concepções da área. Contudo esta profissional menciona que deixou o curso pois *“tem que ter dom e eu não tenho dom para isso,*

eu me envolvia emocionalmente com os pacientes e não estava dando certo para mim né, minha saúde, e daí eu resolvi fazer biblioteconomia” (Rosa).

O relato desta profissional é relevante, pois destaca a necessidade de preparo para trabalhar temas de saúde. É importante que o bibliotecário entenda suas habilidades, seu campo de atuação e suas limitações e que os projetos desenvolvidos sejam relacionados à área de domínio deste profissional, para que isso não venha a afetar sua própria saúde.

Foi levantada a experiência anterior à entrada na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Obtivemos que metade dos participantes sinalizaram ter trabalhado em bibliotecas (4) e metade informou que foi sua primeira experiência atuando neste contexto (4). Dos profissionais que apontam ter trabalhado em bibliotecas antes de entrar na Rede, as experiências são em bibliotecas públicas, universitárias e especializadas, não há nenhum relato de experiência anterior em biblioteca escolar.

Neste sentido, alguns profissionais conheciam a dinâmica de uma biblioteca, mas não a dinâmica de uma biblioteca escolar. Esta falta de preparo para atuar em escolas e no setor público é mencionada por Violeta: *“Até fiz um estágio numa biblioteca escolar, mas era só para fazer catalogação e um período muito curto [...]então foi o único contato com biblioteca escolar, então no começo fiquei muito perdido na biblioteca escolar, não sabia tanto no setor público, quanto escolar, não sabia direito o que me aguardava”*. Nesta fala entendemos porque no questionário de levantamento de perfil, existe uma menção à biblioteca escolar, no entanto por ser uma vivência da área técnica, não foi considerada como uma experiência que agregou para a parte de gestão e entendimento da BE. Observa-se pelo relato dos profissionais que a universidade prepara principalmente nos aspectos técnicos, mas as especificidades precisam ser aprendidas na prática.

Ao longo de sua trajetória dentro da Rede, quatro bibliotecários mencionam ter trocado de escola e apenas dois bibliotecários mencionaram permanecer na mesma escola desde que tomaram posse. Os principais motivos para as mudanças de escola são: proximidade de casa (4), questão afetiva (2), escola menor (1).

Violeta menciona a mudança de escola como melhoria da qualidade de vida e maior possibilidade de desenvolver projetos:

É uma escola menor em quantidade de alunos, então eu saí de uma escola que tinha quase mil alunos para uma escola que tem 500 e isso é qualidade de vida. Porque tu consegues desenvolver melhor os projetos tu tens mais tempo para planejar tu tem mais tempo para descansar entre as turmas. Lá eu tinha 28 turmas, então eu atendia de segunda a quinta porque sexta a gente guarda para nossa formação, que a gente tem curso de formação, ou para o trabalho interno, catalogação, registro de livros,

organização das estantes, essas coisas assim, e aqui eu tenho 18 turmas só. Então... não que me sobra tempo, mas o tempo tem mais qualidade, eu consigo planejar melhor, eu consigo organizar melhor, eu consigo quando sai uma turma... por exemplo segunda-feira eu tenho a primeira e a última aula só, eu tenho as 8h e às 11h e 15min, e no meio fica sem ninguém, hoje eu teria duas turmas, mas eles só descem para trocar o livro, eles não estão vindo a turma inteira na biblioteca. Então isso é qualidade de tempo assim, já estava assim. (Violeta).

A proximidade da escola com a residência dos entrevistados é questão-chave para decisão de onde atuar:

“[...] eu moro sei lá, uns 150 metros da escola [...] Apesar que [a outra escola e] aqui é próximo né? 10 km, só que tem toda a função de carro, trânsito, aí eu fiquei perto de casa agora. E uma questão afetiva também assim, eu estudei aqui.” (Rosa).

“Depois de cinco anos eu vim para uma escola mais perto de casa a escola onde eu estudei na infância, então é bem legal essa parte assim, é um laço emocional também como com a escola” (Violeta).

Na fala dos entrevistados podemos observar que além da proximidade de casa, a questão afetiva é um incentivador para a mudança. O envolvimento com a comunidade que rodeia a escola é fator essencial para que os profissionais escolham onde trabalhar, sendo inclusive motivo para não mudar de escola:

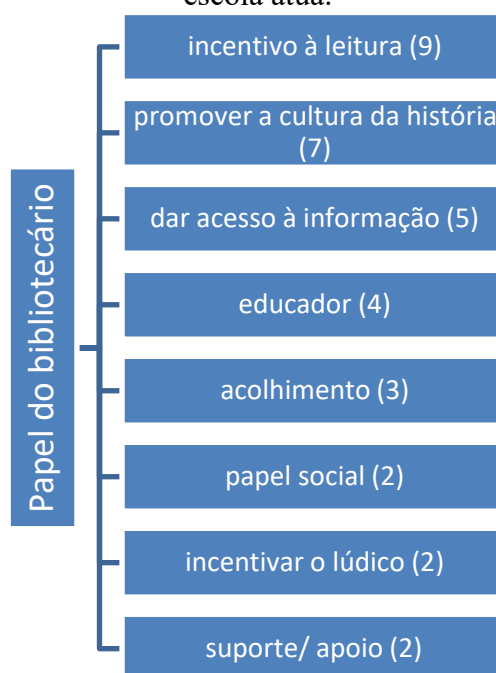
E desde aí eu me mantive na escola da rede, apesar de que a gente pode trocar de escola sempre tem as opções, eu estou há 17 anos na mesma escola [...] quando eu assumi a vaga eu escolhi a mais próxima de casa. E aí hoje sempre quando inicia o ano que eu me apresento eu falo que eu sou apegada a escola, porque tem escola mais próxima da minha casa que eu tive oportunidade de mudar e eu nunca quis, eu fiquei naquela mesma ali, mas ela fica uns 2 Km da minha casa, bem pertinho (Melissa).

Esta possibilidade de mudança de escola e este envolvimento afetivo com a escola e a comunidade em que esta está inserida pode vir a favorecer o desenvolvimento de projetos que visem a melhoria da comunidade escolar e em geral.

Além de sua função como bibliotecário, observou-se durante as entrevistas que alguns profissionais são bastante envolvidos e integrados com o trabalho desenvolvido pela escola. Apareceram menções de profissionais que atuaram como diretor, assistente, representante do sindicato, participaram da Associação de Pais e Alunos. Destacamos para a pesquisa, um dos profissionais que menciona que participou por cerca de dois anos do Programa Saúde na Escola (PSE), enfatizando que durante este período teve contato com as parcerias escola e setor da saúde por meio da promoção de atividades voltadas às necessidades de saúde dos estudantes.

Em relação à percepção do **papel do profissional bibliotecário** dentro da escola, foram mencionados os 8 tópicos apresentados na Figura 17.

Figura 17 – Percepção dos bibliotecários sobre seu papel dentro da comunidade em que a escola atua.



Elaborado pela autora (2023).

Percebe-se que os papéis de incentivador da leitura (9) e de promotor da cultura da história (7) se destacam. Relacionado a estes temas mais mencionados temos o trabalho de incentivador do lúdico (2), que busca por meio de jogos, brincadeiras e leitura desenvolver habilidades, fixar conteúdos e permitir que o aluno construa sua aprendizagem de forma prazerosa e envolvente.

O trabalho mais mencionado, de incentivo à leitura, pode ser visualizado de forma bem pontual nas falas dos profissionais.

“[...] o papel desse bibliotecário dentro da comunidade de fato é incentivar a leitura em todos os âmbitos assim, às vezes até para... Não somente para os alunos obviamente, para os alunos, mas também para os pais,” (Dália).

“Eu falo sempre isso... Você trabalha com o que? Com incentivo à leitura. Eu sou bibliotecário, catálogo, classifico, faço indexação, tudo, catalogação descritiva, faço todo o processamento técnico, mas eu trabalho com incentivo à leitura.” (Jasmim).

“[...] eu também incentivo bastante a leitura, a biblioteca é bem colorida, tem almofadas pelo chão, tem bancos, coisas que as Crianças gostam né” (Camélia).

Observa-se que os papéis de incentivador da leitura e de papéis, promotor da cultura da história e incentivador do lúdico se complementam e entrelaçam quando os entrevistados comentam que trabalham:

*No auxílio à leitura, a aquisição da Leitura, porque que a angústia dos professores sempre é alfabetizar né, que o aluno consiga ler e aí na biblioteca eu sempre tenho esse papel de **contar histórias**, de mostrar o livro, de fazer eles se interessarem pelo livro, de ver, de saber que eles podem pegar, olhar e descobrir a leitura também, os menorzinhos assim.” [...] “Com os anos iniciais é quase sempre a contação de história ou alguma atividade de leitura que eles possam também interagir na leitura. (Melissa, grifo nosso).*

Ao falar sobre o assunto Violeta diz que trabalha para “os alunos terem a cultura da história de ouvir história. Eles chegam, eles já sabem tem que deixar o livro aqui, senta-se lá, senta todo mundo para ouvir a história e eles gostam de história. Eles gostam de conversar depois [...]”. Contudo enfatiza que procura não trabalhar “com o viés pedagógico na biblioteca, eu não pedagógico nenhuma história, por exemplo não tem a moral da história, fazer o desenho da história”.

Este papel de incentivador da leitura, de contador de histórias e promotor do lúdico pode também ser trabalhado em atividades de promoção da saúde. Ao comentar sobre o envolvimento da biblioteca em ações de promoção da saúde, Violeta destaca que:

Eu acho que a Biblioteca super pode participar porque como eu falei ela traz esse lado mais da ludicidade, das histórias, então tu podes casar isso enquanto eles estão tendo uma parte mais teórica na sala de aula. Dá para conversar com o bibliotecário: tô trabalhando dentes, você tem alguma história que fale sobre escovação, sobre higiene, sobre cuidado com o corpo? E faz essa ligação ali com a biblioteca.

A leitura e a contação de histórias podem ser grandes aliados nos processos de promoção da saúde, principalmente auxiliando os envolvidos a perceberem situações que estão vivenciando e dando voz para que estes contem suas próprias histórias. Na literatura podemos observar este papel nos artigos de Mora, Araya e Seravalli (2017) e Prado e Madalena (2019) ambos trabalhando a biblioterapia como ferramenta para contar histórias e promover a comunicação. Contudo, este não é o único recurso que pode ser utilizado pelos bibliotecários ao contar histórias e buscar uma discussão.

O artigo de Sousa, Veiga e Pimenta (2021) e de Golden *et al.* (2022) apresentam formas alternativas de trabalhar a contação de história e a leitura. Sousa, Veiga e Pimenta (2021) desenvolveram atividades que envolveram a comunidade interna e externa da instituição em que atuam e organizaram exposições de filmes, leitura e mediação de obras selecionadas e um mural interativo para que os participantes pudessem expor suas próprias histórias.

A iniciativa relatada por Golden *et al.* (2022) abrange um número maior de pessoas. A leitura de uma obra é realizada por alunos de 85 escolas e ao avaliar a efetividade da ação foi percebido que por volta de metade dos alunos do sétimo e oitavo ano relataram experiências pessoais de violência, e muitos deles desejavam oportunidades para falar sobre. Os autores relatam que a atividade de leitura e as discussões incentivaram os alunos falarem mais sobre paz e buscar colegas e familiares para falar sobre as violências vividas.

Percebe-se que existe necessidade entre os jovens de falar sobre assuntos que interferem em sua saúde. As bibliotecas e os bibliotecários podem ser agentes facilitadores desta conversa, para isso é necessário criar oportunidades para que eles possam falar e discutir, pois como escrito por Maya Angelou: “Não há agonia maior do que carregar uma história não contada dentro de você”(Golden *et al.*, 2022).

Ampliando a percepção do campo de atuação destes profissionais, os entrevistados relataram que os bibliotecários escolares possuem um papel social (2) e de acolhimento (3) para os estudantes e comunidade escolar.

Observamos nas falas dos profissionais que o papel de acolhimento está muito voltado ao espaço físico da biblioteca. Percebemos essa associação na fala de Lis, que comenta proporcionar um “*ambiente aconchegante com puffs, tapetes, para ficarem bem à vontade na hora da contação. Os maiores, usam também para relaxar e ler*” e também no discurso de Camélia que relata que a biblioteca “*tem almofadas pelo chão, tem bancos, coisas que as Crianças gostam né, de ficar deitado [...] tá sempre aqui, na biblioteca tem sempre gente, na hora do lanche eles gostam de ficar aqui.*”

Contudo, além do acolhimento promovido pelo local, Rosa destaca a importância do acolhimento promovido pelo profissional bibliotecário ao relatar que: “*a gente tem que pensar assim no todo né, mas como eu tô aqui agora eu quero que eles como é que eu vou te falar? Que eles sigam, que eles consigam, que eles.... Então querendo ou não você está sempre puxando por eles, falando, incentivando. E é isso que eu acho que a Biblioteca faz.*” (Rosa).

Takahashi (2017) apresenta que os bibliotecários escolares se esforçam para tornar suas bibliotecas um local de refúgio para estudantes marginalizados, inclusive demonstrando uma ética de cuidado por meio de suas instruções, coleções e instalações. Em sua pesquisa, Adkins *et al.* (2019) comenta que os bibliotecários demonstram confiança em oferecer um espaço seguro para os alunos e em serem ouvintes atenciosos. Entendemos que a saúde é um assunto cheio de tabus, por isso é preciso aproveitar este espaço vivo e atrativo que os bibliotecários desenvolvem para trabalhar estes temas, pois os autores destacam ainda que os

frequentadores das bibliotecas também enxergam este local como um ambiente acolhedor, reconfortante e empoderador (Adkins *et al.*, 2019).

Este papel de acolhimento mistura-se com o papel social, pois para proporcionar um espaço de acolhimento é necessário identificar as necessidades e lacunas dos frequentadores.

Ao comentar sobre este papel social, Violeta destaca que *“entende a biblioteca escolar como um aparelho cultural, onde [os alunos] vão ter acesso a cultura de modo geral, não apenas a literatura em si, mas ao cinema, ao teatro, às diferentes linguagens artísticas [...]”*. Margarida destaca ainda que a biblioteca *“Cumpre papel social e relevância para o acesso à informação, contribuir para a escrita, leitura e ao letramento.”*

Este papel social da biblioteca é o de ampliar a visão dos estudantes e da comunidade escolar, fazendo com que estes encontrem seu lugar no mundo por meio da informação e da cultura. Este papel vai de encontro com a recomendações de Golden *et al.* (2022) de expandir as atividades da biblioteca e do bibliotecário para além da leitura, buscando estimular a arte, o teatro, a música, a poesia, pois todas estas atividades auxiliam no desenvolvimento da saúde, da autoestima e do autoconhecimento dos participantes.

Outro papel que se destaca entre as falas dos entrevistados é o papel do bibliotecário de dar acesso à informação (5). Neste âmbito, os profissionais comentam a falta de acesso grande parte da população aos livros e o papel essencial que a biblioteca tem de disponibilizar este material para os estudantes.

“Muitas pessoas ainda não têm acesso aos livros, infelizmente e leem pouco” (Lis).

“Primeiro para o estudante, essa importância de permitir a eles o acesso ao livro, alguns já tem, as próprias famílias já estimulam, compram livros para eles, alguns nunca tiveram acesso” (Melissa).

Relacionado ao acesso às informações de saúde Jasmim comenta que *“a gente promove a saúde é levando a informação para o estudante”*, enfatiza que se conseguisse trabalhar o tema saúde e atender toda a comunidade ia assumir seu papel de transmissor da informação: *“qual eu era o meu papel? Informação. Mas uma informação tanto instrutiva, por exemplo assim a um jornal, Notícias, pesquisa [...]”*

Percebemos que os bibliotecários escolares veem o dar acesso à informação muito como a disponibilização de livros. Seria interessante que este papel fosse extrapolado ao desenvolver atividades que permitam que os estudantes e a comunidade escolar satisfaçam suas necessidades informacionais, por meio de fontes confiáveis e que se tornem pensadores críticos, para poderem entender quais informações são reais e úteis e quais não agregam e são falsas,

principalmente relacionado à saúde. Atividades como a educação por pares, a apresentação e treinamento de bases confiáveis, a educação de como diferenciar informações verdadeiras de Fake News poderiam ser atividades desenvolvidas pelos bibliotecários para auxiliar na educação e promoção da saúde das comunidades em que atuam (Scherrer, 2002; Gregg *et al.*, 2002; Warner *et al.*, 2005; Ajuwon; Ajuwon, 2019).

São destacados ainda pelos entrevistados o papel do bibliotecário como educador (4) e como suporte/apoio (2) para os outros setores da escola.

Na fala de Violeta percebemos que embora seja mencionada como uma função de suporte, este papel não é descartável: “[...] *falando da minha realidade eu acho essencial [...] eu gosto muito do trabalho que eu tenho que desenvolver, tem uma importância ímpar, porque ele dá todo o apoio e o auxílio ali para as atividades que acontecem na escola, para o professor e esse atendimento para o aluno*”.

Neste mesmo sentido temos a fala de Margarida que comenta que como bibliotecário escolar “*a gente acaba se tornando uma parte da escola, a gente antes de ser bibliotecário a gente é um educador ali, depois é que a gente se vê bibliotecário [...] muitas vezes a nossa função se mistura, tu bota o pé numa escola tu pode ser a cozinheira, mas tu é uma Educadora, de alguma forma tu tá interagindo em outras funções*”.

Esta percepção do bibliotecário como ator essencial no processo educativo é extremamente importante para que ações de promoção da saúde sejam desenvolvidas e tenham sucesso. É preciso que o profissional esteja integrado com as atividades desenvolvidas na escola e que as atividades da biblioteca façam parte e conversem com o currículo. Neste sentido, Sousa; Veiga e Pimenta (2021, p. 13-14) comentam que “como bibliotecários mediadores, percebemos a importância do nosso papel como educadores. Mesmo que não tenhamos formação na área de saúde mental, como mediadores informacionais pudemos contar com a cooperação de profissionais competentes na área para nos ajudar com seus conhecimentos.”

Percebe-se que os bibliotecários entendem que seu papel na biblioteca escolar pode ser bastante amplo, no entanto foram mencionados alguns **Desafios** que dificultam ou impedem a atuação deste profissional e que ela atinja um público mais amplo. O principal desafio mencionado foi o momento da pandemia de Covid-19, que obrigou os profissionais a se reinventarem e desenvolverem suas atividades de forma remota. Violeta comenta que “*2020 e 2021 foram super desafiadores, porque por conta da pandemia a gente teve que resignificar todo o trabalho da biblioteca, fazer canal no YouTube, fazer página na internet, fazer indicação de leitura, participar de aula do Google Meet dos professores contando história [...]*”.

Além disso, Rosa destaca o afastamento das famílias:

E com a pandemia foi uma coisa que aconteceu, as famílias se afastaram da escola, porque não podia entrar, não podia... era do portão para fora, ficou bem restritivo assim... e daí agora que tá abrindo para comunidade novamente. Então agora que a gente tipo, agora que vai ter a feira da educação, agora que vai ter com família, o ano passado foi tudo sem família, entendeu? Agora que tá recuperando essa relação família e escola né (Rosa).

Outro ponto mencionado é a fragilidade da biblioteca (1) enquanto setor, Melissa apresenta seu relato em relação a este assunto.

Eu esse último ano que passou [...] tô fora da minha função de bibliotecária na escola [...]. Eu acabei assumindo outras funções na escola e a biblioteca ficou meio deixada de lado, então o que que isso contribuiria é que deixa isso mais visível a fragilidade da biblioteca no sentido de que o bibliotecário, a biblioteca ainda é facilmente deixada em segundo plano assim sem que ninguém reclame, sem que ninguém faça nenhum movimento para isso. (Melissa).

Percebe-se que o descaso e a falta de visão da biblioteca como essencial para o funcionamento da escola acontecem também em instituições que possuem um profissional habilitado e nomeado especificamente para atender este departamento.

A luta para que os alunos e a comunidade tenham acesso a este ambiente cultural e informacional tão rico deve ser constante. É responsabilidade do bibliotecário demonstrar sua relevância trabalhando cada vez mais com temas que são de interesse da comunidade em que está inserido, fazendo a diferença na vida destas pessoas. Dentre estes assuntos entendemos que a saúde tem um grande potencial.

Contudo, para trabalhar a saúde é preciso preparo. Quando questionados sobre seu **preparo para trabalhar o tema saúde** a maioria dos bibliotecários não se sente preparado, pois nunca receberam capacitações sobre o tema. Ao mesmo tempo que não se sentem capacitados, demonstraram interesse em receber treinamentos nesta área. A Figura 18 nos mostra as duas divisões principais da percepção dos profissionais sobre a sua preparação para trabalhar a saúde.

Figura 18 – Percepção sobre a preparação para trabalhar com o tema saúde

Situação atual	Capacitação
<ul style="list-style-type: none"> • existe suporte da SME e PMF (4) • falta de preparo (3) • se sente seguro pela formação acadêmica (1) 	<ul style="list-style-type: none"> • bibliotecários não recebem capacitação para trabalhar o tema saúde (7) • PMF - formações em áreas que não a da saúde (5) • Sugestão: oportunizar formações e espaços de discussão na área da saúde (3)

Elaborado pela autora (2023).

Os relatos sobre a situação atual da preparação dos bibliotecários, para trabalhar com o tema saúde, apresentam dois eixos principais: suporte dos órgãos superiores e preparo para trabalhar o tema dentro das competências do bibliotecário:

Um dos profissionais relata que devido à sua formação, se sente seguro para trabalhar qualquer tema: “[...] então qualquer tema que me passar eu vou trabalhar, eu vou buscar informação, eu vou criar uma situação para poder tá passando essa informação, eu vou estar elaborando no espaço mesmo da biblioteca para estar recebendo essas pessoas [...]” (Jasmim).

Em contrapartida, a maioria dos profissionais relata que não possuem capacitação para trabalhar o assunto, mas existe suporte da SME e PMF para realização de atividades propostas pelas bibliotecas escolares, não sendo a falta de suporte um empecilho para a organização de ações de promoção da saúde nas bibliotecas.

Em relação a atividades voltadas a promover saúde, observamos na fala de Lis que não observa “Nenhum obstáculo...a escola dá o suporte que é preciso, a PMF também, mas não sou eu que promovo as ações, são feitas com professores.”

Camélia e Melissa reforçam que:

[...] a gente não tem nenhum preparo para trabalhar o tema saúde [...] se a gente procurar a gente tem respaldo [...], se eu quero desenvolver um projeto sobre saúde com as crianças e eu for atrás da Secretaria de Saúde, de professores, do posto de saúde, sim eles vão me dar coisas sim com certeza (Camélia).

A gente não tem nada ainda específico da questão da Saúde. Mas a gente tem muito suporte sim na questão de Formação. [...] Então assim da questão de suporte eu tenho certeza de que se eu apresentasse um projeto, uma solicitação para o nosso departamento eu seria pelo menos ouvida assim. Não sei se seria atendida, mas a gente tem muita abertura para esse tipo de coisa. (Melissa).

Ainda sobre a falta de preparo, Violeta comenta que: “preparado a gente não tá, e às vezes são assuntos delicados né”. Rosa enfatiza ainda que não só os alunos, mas a população

em geral está precisando de apoio, principalmente relacionado à saúde mental, mas como bibliotecária “*não pode fazer muito.... Quer dizer eu não me sinto capacitada para fazer o que deve ser feito.*” Rosa comenta ainda que “*A Rede, a Prefeitura, o Governo, enfim eles estão deixando a desejar nesse quesito, nessa parte da Saúde, da Saúde física e mental enfim.*” Percebe-se que Rosa não comenta que falta apoio para desenvolver ações, mas que sim, o governo poderia trabalhar mais ações relacionadas à saúde e utilizar melhor seus profissionais contratados para atingir a população neste aspecto.

Neste mesmo sentido, Adkins *et al.* (2019) verificou que os bibliotecários escolares que participaram de sua pesquisa relataram não se sentir preparados e capacitados para fornecer apoio à saúde mental de seu público, principalmente pela falta de conhecimento e muitas vezes a falta de apoio e suporte.

Conforme mencionado pela maioria dos profissionais, a SME e a PMF dão apoio para as atividades desenvolvidas pelos profissionais. Este suporte se dá principalmente por meio de capacitações voltadas à promoção da leitura. Os bibliotecários destacam que estas formações são muito interessantes e enriquecedoras.

“Eu não tinha experiência com escolas mas recebemos todo suporte da secretaria de educação no que precisamos em relação aos livros, palestras, formações, seminários” (Lis).

“[...] a gente tem formação, tem técnica, e na área de literatura a gente formações muito boas da prefeitura de Florianópolis. Eu adoro trabalhar na prefeitura porque a gente tem uma formação continuada, tem um espaço, tem o centro de educação continuada da prefeitura e tudo é passado para gente” (Jasmim).

Percebe-se na fala da maioria dos profissionais que as formações oferecidas pela prefeitura são muito agregadoras. No entanto, o tema saúde não é abordado nessas capacitações.

“A gente não tem nada ainda específico da questão da Saúde. Mas a gente tem muito suporte sim na questão de Formação” (Melissa).

“[...] as formações, no caso de bibliotecários, são maravilhosas, mas nunca uma formação assim voltada para promoção da saúde, enfim as nossas informações são mais voltadas para promover a literatura dentro da biblioteca escolar” (Dália).

“Olha, eu vou te falar que a gente não teve nada, não vou dizer nada mais se teve foi alguns ação muito pontual, muito específica nesses 10 anos que eu tô” (Violeta).

Violeta e Dália enfatizam que a falta de preparo para trabalhar a saúde não é exclusividade das capacitações realizadas pela prefeitura:

“Não, na faculdade nenhuma, zero! Tanto na graduação não teve, nem especialização que eu fiz uma especialização em gestão de bibliotecas escolares e nem no mestrado. Até na especialização tinha um que era políticas públicas em biblioteca escolar que caberia o assunto dentro, mas se foi citado eu não lembro também.” (Violeta).

“Mas promoção da saúde nem na graduação eu lembro assim de nada voltado para, talvez se a nossa talvez se fosse biblioteca especializada em questão de saúde talvez tivesse uma preparação maior, mas a graduação não nos permitiu nada não nos proporcionou nada desse nesse tipo” (Dália).

Em seu trabalho, Adkins *et al.* (2019) menciona que os bibliotecários escolares querem mais treinamento e apoio para promover a saúde mental. Este movimento também é percebido na fala dos entrevistados quando dizem:

[...] tem um potencial muito grande aí que não é explorado, mas por falta de informação também, acho que seria necessário formação, acho que as pessoas não têm consciência desse papel que o Bibliotecário ou que a Biblioteca pode desempenhar esse papel. Acredito que falando especificamente da rede de Floripa não são oportunizados momentos onde a gente discuta isso onde a gente receba a formação sobre, como que eu vou trabalhar algo que eu não recebo formação sobre? (Violeta).

Nossa pesquisa também é vista como uma possibilidade de estímulo para gerar treinamentos: *“[...] [essa] pesquisa provavelmente vai para a prefeitura. E daí eles de repente incluem [uma capacitação], porque a gente tem a formação em literatura né, mas pode ser dentro da literatura alguma formação direcionada, de repente para a gente e daí sugerir essa formação para nossa para as bibliotecárias no geral né” (Rosa).*

“Quem sabe alguém que leia teu projeto pense nisso, seja da Prefeitura e bote isso em prática” (Dália).

Na necessidade de capacitação na área da saúde os profissionais mencionam a interdisciplinaridade e a colaboração como uma forma de capacitação e de atingir mais gente. *“esse projeto de prevenção, os postos de saúde eles poderiam também tá fazendo de uma maneira maior e talvez se eles abrissem, se eles fizessem um projeto né de prevenção de saúde e abrissem para a escola teria um resultado” (Dália).*

Esta percepção de que a saúde deve ser promovida por um conjunto de profissionais e não apenas pelos profissionais da saúde se destaca nos artigos recuperados durante a pesquisa deste trabalho. Os artigos demonstram a importância da comunicação e parceria entre os setores da saúde, os profissionais da saúde, os bibliotecários especializados em saúde, os bibliotecários escolares, a escola, os professores e os órgãos governamentais e privados para que as iniciativas

planejadas possam ser desenvolvidas e atinjam melhores resultados (Scherrer, 2002; Gregg *et al.*, 2002; Warner *et al.*, 2005; Mora; Araya; Seravalli, 2017; Clar; Drouin; Iverson, 2018; Adkins *et al.*, 2019; Ajuwon; Ajuwon, 2019; Prado; Madalena, 2019; Sousa; Veiga; Pimenta, 2021; Golden *et al.* 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo geral “discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde de suas comunidades”. Inicialmente realizamos uma revisão de literatura visando mapear nacional e internacionalmente iniciativas de promoção da saúde desenvolvidas por bibliotecários em escolas. Em seguida enviamos um questionário aos diretores das escolas selecionadas na amostra para identificar quais iniciativas vem sendo desenvolvidas nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Como última etapa realizamos a entrevista com os bibliotecários para discutir qual a percepção destes profissionais sobre o seu papel na promoção da saúde da comunidade em que atuam.

Do ponto de vista do mapeamento na literatura nacional e internacional de ações que bibliotecários vêm realizando dentro de escolas, tanto em âmbito nacional quanto internacional, para promover saúde, pode-se observar que existem iniciativas, mas que estas ainda ocorrem em números tímidos. Dentre as ações mapeadas observa-se que as ações são realizadas em sua grande maioria em parceria com profissionais da saúde. Quando observado o cenário internacional, muitas das ações partem de instituições externas às escolas e contam com um profissional bibliotecário para auxiliar no seu desenvolvimento ou buscam capacitar os profissionais que atuam nas escolas.

Em relação ao foco das iniciativas desenvolvidas, observa-se a prevalência de ações que visam a alfabetização em saúde e a promoção da saúde mental. Com relação às técnicas aplicadas para realização das ações observa-se uma diversificação. São desenvolvidas desde formações, tutoria por pares, grupos focais, leitura e discussão de obras e biblioterapia. Esta diversificação demonstra a gama de possibilidades para se abordar o tema saúde dentro das bibliotecas, demonstrando que é possível que os bibliotecários utilizem técnicas que estão familiarizados para abordarem assuntos relacionados a este tema.

Outro ponto de grande relevância mapeado nas iniciativas, é a necessidade da colaboração de profissionais de diversas áreas, incluindo profissionais da saúde, para a realização das ações. Este ponto é extremamente relevante pois cada vez mais a colaboração e a intersectorialidade devem fazer parte dos ambientes de trabalho.

Da coleta e análise de dados empíricos obtidos com os diretores observou-se que ambas as escolas pesquisadas realizaram ações de promoção da saúde e ambos os diretores têm consciência da existência do Programa Saúde na Escola (PSE). Contudo, uma das unidades

educativas indicou que as ações de promoção da saúde ocorreram com a participação do PSE e outra indicou a não participação do PSE. Embora a amostra efetiva seja muito pequena podemos levantar que as escolas buscam promover a saúde, no entanto apesar da existência do PSE, nem sempre ele é efetivo em todas as unidades educacionais. Levantou-se ainda, que existe um padrão nas ações relatadas pelos diretores, sendo grande parte ações de debate, palestras e disseminação de informação, ações que caberiam o envolvimento do profissional bibliotecário.

No que tange aos dados levantados na amostra de bibliotecários, o primeiro ponto que destacamos é a visão que os profissionais têm sobre o tema saúde. A saúde é vista pelos profissionais em três principais dimensões, a primeira e mais mencionada é a saúde de forma pessoal, ou seja, a saúde como algo individual que promove bem-estar, qualidade de vida e felicidade. A segunda categoria mencionada pelos profissionais foi a relação da saúde com a escola e com a biblioteca. Percebe-se neste tópico, que mesmo sem um aprofundamento, os profissionais relacionam a saúde com as atividades da biblioteca e da escola. Como último ponto e menos mencionado os bibliotecários apontam a saúde relacionada a instituições e os profissionais de saúde como o Posto de Saúde e os médicos. Esta menção da saúde relacionada às instituições e profissionais aponta que apensar de existir uma relação maior de saúde com o bem-estar e um panorama amplificado, a saúde ainda é associada à não existência de doenças.

Quando questionados sobre o público que a escola e a biblioteca atendem, observa-se que quando mencionam a escola os bibliotecários comentam sobre o alcance dos pais, famílias e comunidade em geral. Em contrapartida, em relação ao alcance da biblioteca os profissionais apontam com maior ênfase os alunos. Os professores e pais são mencionados como sendo atendidos pela biblioteca escolar, no entanto são apresentados aspectos que dificultam este atendimento.

Ao contrário da menção de que as escolas conseguem atingir a comunidade em geral, os bibliotecários comentam que as bibliotecas escolares não conseguem atender à comunidade, seja pela localização da biblioteca, pela falta de planejamento do espaço e pelo excesso de demanda distribuídos em poucos profissionais. Neste sentido é unânime entre os bibliotecários que se prioriza a qualidade de atendimento aos alunos em detrimento da abertura de produtos e serviços da biblioteca para a comunidade como um todo.

Embora não atendam a comunidade em geral, os profissionais reconhecem que as escolas realizam ações que promovem a saúde dos estudantes. Dentre as ações mencionadas, destacam-se as relacionadas à saúde bucal, educação sexual e as voltadas a prevenir e conter

doenças que afetam a saúde pública. São mencionadas ainda atividades voltadas à saúde mental, nutrição, saúde do corpo e avaliações oftalmológicas.

Ao realizar um paralelo entre os assuntos mencionados como abordados pela biblioteca e como possibilidades a serem trabalhadas, verificamos uma forte correlação com o que é mencionado como trabalhado nas escolas, como: a saúde mental, a nutrição, a dengue e a saúde bucal. Contudo, aparecem alguns assuntos ainda não mencionados como o bullying, o autocuidado, as concepções sobre o que é saúde e importância da saúde. Alguns destes temas vão de encontro aos trabalhados na literatura levantada, como a saúde mental, a abordagem de doenças específicas que são problemas de saúde pública.

Ao cruzarmos a literatura e os resultados da pesquisa empírica, percebe-se que embora se trabalhe a saúde nas escolas, é possível ampliar a abordagem para atender às necessidades do público. Importante destacar que a biblioteca escolar é parte integrante da escola, suas ações e projetos devem ser desenvolvidos em consonância com o trabalho desenvolvido pelos professores. Ao mesmo tempo que deve existir a parceria de o bibliotecário apoiar o professor, ele também precisa ter autonomia, atitude e voz para propor projetos e assuntos que perceba serem relevantes aos estudantes.

Ao observarmos os desafios que os bibliotecários apontam para a promoção da saúde nas escolas e nas bibliotecas, percebemos que no âmbito da escola as principais dificuldades observadas são: 1) a falta de diálogo entre os setores, o que acaba resultando em iniciativas isoladas e segmentadas e; 2) a falta de investimento por parte dos governantes. Quando tratam das dificuldades para realizar ações nas bibliotecas, os tópicos são mais específicos, sendo apontados como os principais: a alta demanda em outras atividades, a falta de recursos, tanto financeiros quanto de pessoal e de tempo, o receio da repercussão contrária, a falta de preparo, capacitação e embasamento no assunto. São apresentados ainda desafios relacionados ao acervo, a forma de distribuição do espaço da biblioteca e o planejamento isolado de ações.

Três pontos que aparecem como dificuldades, mas divergem um pouco dos tópicos mencionados acima são: a falta de interesse da escola pelo tema, o bibliotecário não considerar a saúde como seu trabalho e a existência de um setor/pessoa responsável pela saúde dentro da escola. Estes três tópicos demonstram o quanto alguns profissionais limitam a sua atuação, não extrapolando temas e não tendo voz ativa para sugerir assuntos para serem trabalhados dentro do currículo. Contudo, embora tenham sido apresentados muitos desafios, os profissionais veem tanto a escola como a biblioteca como lugares e espaços propícios à promoção da saúde.

Em relação à trajetória dos profissionais dentro da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, percebe-se que os profissionais buscam atuar em escolas próximas à sua casa ou que tenham uma ligação afetiva com a comunidade. Esta conexão auxilia no sentimento de pertencimento do profissional àquela comunidade o que pode vir a induzir um maior número de ações desenvolvidas.

Quando questionados sobre como enxergam seu papel dentro da escola e da comunidade todos os profissionais mencionam que seu principal papel é o de incentivo à leitura. Outras funções relacionadas a esta, são a de promoção da cultura da história, a de dar acesso à informação, a de educador e a de incentivador do lúdico. Observamos na literatura levantada que para promoção da saúde são realizadas ações de biblioterapia e discussão de obras em grupo, atividades diretamente relacionadas ao papel de incentivador da leitura. As atividades de formação, tutoria por pares e educação por pares mencionadas na literatura levantada estão diretamente relacionadas ao papel de educador.

São mencionados pelos bibliotecários pesquisados alguns papéis que estão relacionados de forma sutil com a promoção da saúde, são eles: acolhimento, papel social e a função de suporte e apoio aos alunos e professores. É relevante destacar que todos os papéis mencionados pelos profissionais, se planejados e direcionados, podem ser prontamente relacionados à promoção da saúde.

Embora haja a possibilidade de atrelar o papel do profissional a atividades relacionadas à saúde e exista um suporte da Secretaria Municipal de Educação e da Prefeitura Municipal de Florianópolis, poucos bibliotecários se sentem preparados para trabalhar o tema. A maioria dos entrevistados relatam não estarem aptos para trabalhar o tema. Destacam que a rede proporciona capacitações, mas muito relacionadas à promoção de leitura e que o tema saúde nunca foi abordado, nem em sua formação universitária, nem na pós-graduação, nem nos treinamentos oferecidos pela prefeitura.

Além da falta de preparo, foram levantados outros dois desafios relevantes para a atuação do profissional. A primeira delas foi o período em que as aulas foram desenvolvidas de forma remota devido à pandemia de Covid-19. Sabe-se que este momento prejudicou todos os setores, no entanto, na visão dos bibliotecários, alguns dos pontos mencionados como bastante desafiadores para as escolas e as bibliotecas escolares foram a descontinuidade dos seus serviços, a dificuldade de contato com os alunos, a falta de acesso e participação dos estudantes, a falta de preparo para trabalhar de forma remota e as questões de saúde dos profissionais. Mesmo com o retorno das aulas presenciais, os profissionais apontam que os reflexos do

período de distanciamento social podem ser observados nos alunos, nos profissionais e na dinâmica de planejamento e trabalho.

Outro ponto crucial apontado por um dos profissionais como desafio para que o bibliotecário execute e amplie seu papel e potencial de atuação é, mesmo em um município onde existe uma Rede de Bibliotecas e bibliotecários contratados, que a biblioteca é um setor frágil, que pode vir a ficar fechado pelo afastamento ou reposicionamento do profissional bibliotecário dentro da escola.

O trabalho buscou responder à questão: Como os bibliotecários podem contribuir para a promoção da saúde nas escolas. Os resultados da pesquisa, tanto empírica quanto da literatura levantada, apontam que existe potencial para que os bibliotecários atuem na promoção da saúde das comunidades. Essa atuação pode ocorrer por meio das atividades já realizadas agregando nas temáticas abordadas questões relacionadas à saúde e bem-estar. Além da atuação de forma direta, os bibliotecários podem trabalhar de maneira indireta, promovendo a leitura, a conscientização do corpo, a disseminação de informações relevantes para a comunidade escolar, promovendo um espaço de acolhimento. Esta atuação deve ocorrer em conjunto com o restante dos profissionais da escola e em parceria com profissionais da saúde, para assim obter resultados mais expressivos.

No entanto, para que este papel venha a ser desempenhado é preciso que os profissionais entendam o conceito de saúde de forma ampla e percebam o quanto suas habilidades podem vir a contribuir com esse campo. Para isso é necessário proporcionar treinamento e capacitação para estes profissionais. Isto pode vir a ser oferecido de diversas formas. A temática pode vir a ser incluída nas capacitações oferecidas pela Rede e pela prefeitura, os cursos de graduação em biblioteconomia podem trazer o tema em forma de disciplina ou atividades de extensão, e para buscar um maior aprofundamento pode ser desenvolvida uma especialização relativa ao tema. Apenas a vontade dos profissionais de desenvolver o tema não é suficiente, é preciso que as instituições e governos proporcionem condições para que os profissionais trabalhem. Estas ações poderiam ser realizadas por meio da discussão e criação de políticas de parceria entre a saúde e a educação, poderiam ser inseridos bibliotecários especializados em saúde nos postos, os quais poderiam trabalhar em conjunto com os bibliotecários escolares para promover a saúde das comunidades. Esta parceria auxiliaria além da questão profissional, a questão de orçamento, o qual poderia ser distribuído entre os setores de saúde e educação, melhorando a qualidade do acervo de saúde das escolas, o qual poderia ser utilizado também pelos profissionais de saúde e Centros de Saúde.

Esta pesquisa buscou contribuir para ampliar a visão sobre o papel de atuação dos bibliotecários dentro das escolas, trazendo a promoção da saúde, inserida nas atividades escolares por meio do Programa Saúde na Escola, para dentro da biblioteca.

Esta pesquisa é o início de uma trajetória que será continuada nos estudos de doutoramento. Neste sentido, visualizamos e como pesquisas futuras a ampliação do campo de estudo para verificar de que forma as bibliotecas escolares de outros municípios e estados podem contribuir para a promoção da saúde. Sugere-se ainda realizar um estudo piloto em uma rede de ensino desenvolvendo atividades de promoção da saúde atreladas às atividades da biblioteca.

REFERÊNCIAS

- A BIBLIOTECA como espaço de cuidado e promoção da saúde. *In: Biblioteca Interativa*. Palestra realizada no Biblio Week, no dia 15 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wrmB5rNiURI>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- ADKINS, Denice *et al.* Rural School Libraries Anchoring Community Mental Health Literacy. **Qualitative and Quantitative Methods in Libraries**, [S.l.], v. 8, n. 4, p. 425-435, dec. 2019. Disponível em: <https://qqml-journal.net/index.php/qqml/article/view/520>. Acesso em: 20 out. 2023.
- AGUIAR, Silvestre. **Pela primeira vez, Santa Catarina alcança 100% de adesão ao Programa Saúde na Escola em seus 295 municípios**. Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina, 2023. Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/index.php/noticias-geral/13978-pela-primeira-vez-santa-catarina-alcanca-100-de-adesao-ao-programa-saude-na-escola-em-seus-295-municipios>. Acesso em: 20 out. 2023.
- AJUWON, Grace Ada; AJUWON, Ademola Johnson. Teaching high school students to use online consumer health resources on mobile phones: outcome of a pilot project in Oyo State, Nigeria. **Journal of the medical library association**, [S.l.], v. 107, n. 2, p. 194–202, apr., 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6466491/>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Orgs.). Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015, p. 9-32.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. **Construção social da informação: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais/ONGs brasileiras(a)**. 1998. 221 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- ARAÚJO, Laís Záu Serpa de. Aspectos éticos da pesquisa científica. **Pesquisa Odontológica Brasileira**, São Paulo, v. 17, suppl 1, maio 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-74912003000500009>. Acesso em: 20 out. 2023.
- ARAÚJO, Ulisses F.; KLEIN, Ana Maria. Escola e comunidade, juntas, para uma cidadania integral. **Cadernos Cenpec**, [S.l.], v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i2.134>. Acesso em: 26 set. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Acesso à informação. **Painel de adesões. Programa Saúde na Escola – Ciclo 2021-2022**. PSE, 2021. Disponível em: <https://sisaps.saude.gov.br/pse/relatorio>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 5656, de 2019**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Brasil: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/139562>. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto n. 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília, 5 de dezembro de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.465, de 27 de maio de 2002**. Institui o dia 25 de outubro como "Dia Nacional da Saúde Bucal". Brasília, 27 de maio de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10465.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, 24 de maio de 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso em: 24 maio 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 19 de setembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez., 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Saúde nas Escolas**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.htm. Acesso em: 26 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html. Acesso em 25 jun. 2020.

- BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da educação. **Programa Saúde na Escola: Caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_gestor_pse.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.
- BUSS, Paulo Marchiori. Promoção e educação em saúde no âmbito da Escola de Governo em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, Sup. 2, p. 177-185, 1999.
- CAMPELLO, Bernadete *et al.* Pesquisas sobre biblioteca escolar no brasil: o estado da arte. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 123-156, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2013v18n37p123>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 4, n.1, p. 1-25, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106613/105207>. Acesso em: 20 set. 2023.
- CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar: Conhecimentos que sustentam a prática**. São Paulo: Autêntica, 2012.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. Hjørland. O Conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362007000100012>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, out./dez., 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000400009>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- CLAR, Monique; DROUIN, Eric; IVERSON, Sandra. Dare to Dream: Promoting Indigenous Children's Interest in Health Professions through Book Collections. **Journal of the Canadian Health Libraries Association / Journal De l'Association Des bibliothèques De La Santé Du Canada**, [S.l.], v. 39, n. 2, p. 28-55, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.29173/jchla29364>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- CORONAWIKI. **Sobre. A proposta**. Rio de Janeiro: IBICT, atualizado em 2020. Disponível em: http://coronawiki.ibict.br/index.php/Corona_Wiki:Sobre. Acesso em: 20 jan. 2022.
- CORREA, Elisa Cristina Delfini *et al.* Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/459>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti *et al.* Promoção de saúde nas escolas na perspectiva de professores do ensino fundamental. **Revista eletrônica de enfermagem**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 506-515, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i2.15769>. Acesso em: 07 set. 2023.

CRESWELL, John W; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

CRUZ, Danielle Keylla Alencar *et al.* **Implementando o Programa de Saúde na Escola – PSE**. UFRN, [2020].

CZERESNIA, Dina. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. Revisado. *In*: CZERESNIA D; Freitas CM (org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. p.39-53. Disponível em: <http://www.fo.usp.br/wp-content/uploads/AOconceito.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DIAS, Sônia Ferreira. **Educação pelos pares: uma estratégia na Promoção da Saúde**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2006. Disponível em: <https://www.pnvihsida.dgs.pt/comunicacao-social/ficheiros/educacao-pelos-pares-pdf.aspx>. Acesso em: 20 out. 2023.

FARIAS, Isabelle Carolline Veríssimo de *et al.* Análise da Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. **Revista brasileira de educação médica**, Brasília, v. 40, n. 2, p. 261-267, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e02642014>. Acesso em: 01 set. 2023.

FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de; MACHADO, Vera Lúcia Taqueti; ABREU, Margaret Mirian Scherrer de. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência & Saúde coletiva**, [S.l.], v. 15, n. 2, mar., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000200015>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FLORIANÓPOLIS. **Atenção integral ao educando no município de Florianópolis** [apresentação]. Florianópolis: SME, 2021.

FLORIANÓPOLIS. **GTI-m Grupo de Trabalho Intersetorial do PSE**. **Atenção integral ao estudante no município de Florianópolis** [Documento orientador]. Florianópolis, 2022.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Escolas Básicas**. Florianópolis: SME, 2023. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=escolas+basicas&menu=4&submenuid=139>. Acesso em: 30 ago. 2023.

FONTANA, Felipe; PEREIRA, Ana Carolina Torrente. Pesquisa documental. *In*: MAGALHÃES JUNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci (Orgs). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa/PR: Atena, 2023.

FONTELLERES, Christine Castilho. Biblioteca em escola aberta à comunidade: por que te quero? **Biblioo**, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://biblioo.info/biblioteca-em-escola-aberta-a-comunidade-por-que-te-querer/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997.

GARCEZ, Eliane Fioravante *et al.* Um projeto de rede de bibliotecas para as escolas públicas estaduais de Santa Catarina, Brasil: relatos de experiência(s). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.2, p.237-262, abr./jun. 2016. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2468>. Acesso em: 10 out. 2021.

GARCEZ, Eliane Fioravante; KIESER, Herta; SILVA, Inês Josino da. Relatório do V Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares: Joinville, 21 de outubro de 2006. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 503-522, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/615/697>. Acesso em: 24 maio 2023.

GOLDEN, Tasha L. *et al.* Generating youth dialogue through the literary arts: A citywide youth health collaboration in the U.S. **Journal of community psychology**, [S.l.], v. 50, n. 2, p. 2515-2529, jul., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcop.22793>. Acesso em: 20 out. 2023.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação como contributo da Ciência da Informação ao desenvolvimento do protagonismo social. *In*: MOREIRA, Luciana; SOUZA, Jacqueline; e TANUS, Gabrielle (Org.). **Informação na Sociedade Contemporânea**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020a. p.195-239. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/31021>. Acesso em: 25 maio/2021.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da ciência da informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/57047/32516>. Acesso em: 25 maio/2021.

GOMES, Jacqueline Ramos de Andrade Antunes. **Educação em saúde nas bibliotecas públicas do Distrito Federal**: uma nova interlocução para qualidade de vida, promoção da saúde e epidemiologia. 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

GRACIANO, Andréa Monteiro de Castro *et al.* Promoção da saúde na escola: história e perspectivas. **Journal of health and biological sciences**, [S.l.], v. 3, n. 1, p.34-38, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v3i1.110.p34-38.2015>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GREGG, Amy L. *et al.* Designing a curriculum on Internet health resources for deaf high school students. **Journal of the medical library association**, [S.l.], v. 90, n. 4, p. 431-436, 2002. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12398249/>. Acesso em: 20 out. 2023.

HARPER, Meghan. Helping students who hurt: care based policies and practices for the school library. **School Libraries Worldwide**, v. 23, n. 1, jan. 2017.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, María del Pilar. **Metodologia da pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

IBGE. **Áreas Territoriais**. Brasília: IBGE, 2021. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 20 dez. 2022.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2017**: abastecimento de água e esgotamento sanitário. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101734.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2021.

IFLA. **Acesso e oportunidade para todos**: Como as bibliotecas contribuem para a agenda de 2030 das Nações Unidas. FEBAB, 2016. Disponível em:

<https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/access-and-opportunity-for-all-pt.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo: IFLA, 1999.

Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

INEP. **Censo Escolar. Resultados. 2017**. INEP, 2017. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 20 out. 2022.

KADASAH, Sultan F. *et al.* **Scientific research methodology principles, methods, and techniques**. Delhi: Buddah Publications, 2022.

KNEVITZ, Marcos Fernando; BÉRIA, Jorge Umberto; SHERMANN, Lígia Braun. Educação preventiva ao abuso de drogas em escolas públicas num município do sul do Brasil. **Holos**; Natal, v. 34, ed. 3, p. 240-251, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.15628/holos.2018.4896>. Acesso em: 10 jun. 2021.

LANKES, David. Bibliotecários construindo o novo normal. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-19, 2021.

LAURELL, Asa Cristina. A saúde-doença como processo social. Traduzido por E. D. Nunes.

Revista Latinoamericana de Salud, México, v. 2, p. 7-25, 1982. Disponível em:

https://unarus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6126/mod_resource/content/1/Conteudo_online_2403/un01/pdf/Artigo_A_SAUDE-DOENCA.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEITE, Cícero Tavares *et al.* The school health program: teachers' perceptions. **Investigación y Educación en Enfermería**, Medellín, v. 33, n. 2, p. 280-287, 2015. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.17533/udea.iee.v33n2a10>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LEITE, Renata Antunes Figueiredo *et al.* Acesso à informação em saúde e cuidado integral: percepção de usuários de um serviço público. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, n. 51, out./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0653>. Acesso em: 20 fev. 2022.

LIMA, Gerson Zanetta de. **Saúde escolar e educação**. São Paulo: Cortez, 1985.

LUCCA, José Alexandre de. **A saúde escolar na educação na educação**: um recorte histórico desta modalidade de políticas no Brasil e Portugal. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-30092016-114258/publico/lucca_corrigida.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

LUQUEZ, Tatiane Marinz de Souza *et al.* Ações de promoção da saúde nas escolas brasileiras: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 10, n.1, e57110112112, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.12112>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MACHADO, Filipe Cabacine Lopes; FERNANDES, Talita Almeida; SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da. A produção do espaço sala de aula: o cotidiano de apropriações de docentes em uma pós-graduação em administração. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. 4. 2016. Anais [...]. Porto Alegre, 2016.

MACIEL, Marjorie Ester Dias. Educação em saúde: conceitos e propósitos. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 14, n. 4. P. 773-776, Out/Dez, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/16399/10878>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MANTOVANI, Rafael. O que foi a polícia médica? **História, Ciências. Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, abr.-jun., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000200007>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATSUNO, Graziella Yuri. **Centros de Informação em Saúde Popular**: construção de um referencial teórico. 2016. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9496/MATSUNO_Graziella_2018.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 17 dez. 2021.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Edições 70, 2021.

MEDEIROS, Eliabe Rodrigues de *et al.* Ações executadas no Programa Saúde na Escola e seus fatores associados. **Avances en Enfermería**, Bogotá, v.39, n. 2, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v39n2.86271>. Acesso em: 20 out. 2023.

MEDEIROS, Eliabe Rodrigues de *et al.* Facilidades e dificuldades na implantação do Programa Saúde na Escola em um município do nordeste do Brasil. **Revista cuidarte**, Bucaramanga, v. 9, n. 2, p. 2127-2134, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v9i2.514>. Acesso em: 20 set. 2023.

MEDIN, Douglas L.; BANG, Megan. The cultural side of science communication. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [S.l.], v. 111, suppl. 4, p. 13621-6, sept. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1317510111>. Acesso em: 20 out. 2023.

MERGA, Margaret. **A place to get away from it all: 5 ways school libraries support student well-being**. The conversation, 29 setembro 2020a. Disponível em: <https://theconversation.com/a-place-to-get-away-from-it-all-5-ways-school-libraries-support-student-well-being-145180>. Acesso em: 20 out. 2023.

MERGA, Margaret. How Can School Libraries Support Student Wellbeing? Evidence and Implications for Further Research. **Journal of Library Administration**, [S.l.], v. 60, n. 6, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01930826.2020.1773718>. Acesso em: 10 out. 2021.

MERGA, Margaret. Libraries as Wellbeing Supportive Spaces in Contemporary Schools. **Journal of Library Administration**, [S.l.], v. 61, n. 6, p. 659–675, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01930826.2021.1947056>. Acesso em: 30 a set. 2023.

MORA, Kimberly Naranjo; ARAYA, Gloriela Navarro; SERAVALLI, Tatiana Zúñiga. La biblioterapia como herramienta de ayuda aplicada en la biblioteca escolar: estudios de caso. **e-Ciencias de la Información**, Costa Rica, v. 7, n. 2, p. 1-26, jul. dic., 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15517/eci.v7i2.29259>. Acesso em: 20 out. 2023.

NLM. **About the National Library of Medicine**. Rockville Pike: NLM, 2023. Disponível em: <https://www.nlm.nih.gov/about/index.html>. Acesso em: 24 maio 2023.

NOTHAFT, Simone Cristine dos Santos *et al.* Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **REME revista mineira de enfermagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 290-294, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140022>. Acesso em: 20 set. 2023.

NUNES, Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 25, n.02, abr-jun, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3725>. Acesso em: 20 jul. 2021.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt *et al.* Retrato das bibliotecas da Rede de Ensino Municipal de Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-17, set./dez., 2022. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1931/pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

OMS. **Constitution of the world Health organization. Basic Documents.** 45. ed, Suppl., Out., 2006. Disponível em: https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** ONU, 1948. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/por.pdf>. Acesso em :20 fev. 2022.

ONU. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Objetivos de desenvolvimento sustentável. Nova York, 2015.

OPAS. **Crianças e adolescentes estão sendo profundamente impactados pela pandemia de COVID-19, afirma diretora da OPAS.** OPAS, 15 set. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/15-9-2021-criancas-e-adolescentes-estao-sendo-profundamente-impactados-pela-pandemia-covid>. Acesso em: 15 dez. 2021.

OPAS. **Depressão.** OPAS, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 20 out. 2023.

PAES, Caila Carolina Duarte Campos; PAIXÃO, Alvaneide Nunes dos Passos. A importância da abordagem da educação em saúde: revisão de literatura. **Revista de educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, Vale do São Francisco, v. 6, n. 11, 2016.

PARANÁ. Secretaria da Saúde. **Puericultura.** Curitiba: Secretaria da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Puericultura>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PENTEADO, Regina Zanella; CHUN, Regina Yu Shon; SILVA, Reginalice, Cera da. Do Higienismo às ações promotoras de saúde: a trajetória em saúde vocal. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 9-17, abr., 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/download/11677/8404/28016>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PERES, Frederico. Alfabetização, letramento ou literacia em saúde? Traduzindo e aplicando o conceito de health literacy no Brasil. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 5, maio 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023285.14562022>. Acesso em: 20 out. 2023.

PRADO, Cristiane Aparecida Ramos do; MADALENA, Críchyna. Biblioterapia com os gestores de uma escola de educação básica de Chapecó (SC): relato de experiência. *In*: Painel Biblioteconomia de Santa Catarina. 37. Uniasselvi: Brusque, 11 a 13 de julho de 2019, [Anais...] Brusque/SC, 2019. Disponível em: https://90df5eff-907e-48c4-b9f2-7a3c85f47b65.filesusr.com/ugd/ff9bf0_22b2637d7b994c46b11972f7c4d3299e.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAINGRUBER, Bonnie. The history of health promotion. *In*: RAINGRUBER, Bonnie. **Contemporary health promotion in nursing practice**. 2. ed. Burlington, Massachusetts: Jones & Bartlett Learning, 2017. p. 23-48.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos de graduação e pós-graduação. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RENOVATO, Rogério Dias; BAGNATO, Maria Helena Salgado. O serviço especial de saúde pública. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 277-290, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/16140/30988>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado e da Educação. **Processo Seletivo 3011/2021**. A Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, doravante denominada SED/SC, representada pelos seu Secretário, o Senhor Luiz Fernando Cardoso, no uso de suas atribuições legais e com base na Lei Complementar nº 260, de 22/01/2004, TORNA PÚBLICA a realização de Processo Seletivo Simplificado para admissão em caráter temporário no cargo de Bibliotecário, Psicólogo, Assistente Social e Nutricionista para atuarem no Órgão Central e nas Coordenadorias Regionais de Educação. Florianópolis: SED, 2021.

SANTOS, Eliane Oliveira dos *et al.* Abordagem sobre a prevenção de drogas no contexto escolar. **Revista Científica Internacional**, v. 4, n. 17, p. 18-40, 2011.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHERRER, Carol S. Outreach to community organizations: the next consumer health frontier. **Journal of the Medical Library Association**, [S.l.], v. 90, n. 3, p. 285-289, jul., 2002. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12113511/>. Acesso em: 20 out. 2023.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **Physis: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SENA, Priscila Machado Borges. **Retrato das Bibliotecas da Rede de Ensino Estadual de Santa Catarina**: relatório técnico. Florianópolis: CRB-14, 2021. Disponível em: <https://www.crb14.org.br/usr/files/Relatorio-MPSC-versao-3.pdf>. Acesso em 20 ago. 2023.

SILVA, Carlos dos Santos Silva. Escolas promotoras de Saúde: uma visão crítica da saúde escolar. *In*: HARADA, Jorge *et al.* Cadernos de Escolas promotoras de saúde I. [S.l.]: Sociedade Brasileira de Pediatria, [200?]. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/img/cadernosbpfinal.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

SILVA, Edna Lucia da Silva; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Gabriela Crispim; BARROS, Maria Rejane Silva; MOTA, Francisca Rosaline Leite. A biblioteca escolar enfermeira Zélia Maria Teixeira Cavalcante e a educação permanente em saúde: recurso didático-pedagógico. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 122-140, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2021.162223>. Acesso em: 02 mar. 2022.

SILVA, Kenia *et al.* Health promotion in the school health programme and nursing inclusion. **Reme Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 614-622, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140045>. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, Luiz Etevaldo. O sentido e significado sociológico de emancipação. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, n.11, v.03, set./dez., 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/8924/13299>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995

SOUSA, Evandro Silva de; VEIGA, Miriã Santana; PIMENTA, Jussara Santos. Práticas educativas e mediação do bibliotecário na promoção da saúde mental no instituto federal de educação de Rondônia: um relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-15, jan./abr., 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1779>. Acesso em: 20 out. 2023.

SOUSA, Marta Caires; ESPERIDIÃO, Monique Azevedo; MEDINA, Maria Guadalupe. A intersectorialidade no Programa Saúde na Escola: avaliação do processo político-gerencial e das práticas de trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017226.24262016>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SOUZA, Marcio Costa da *et al.* Integralidade na atenção à saúde: um olhar da Equipe de Saúde da Família sobre a fisioterapia. **O Mundo da Saúde**, São Paulo; v. 36, n. 3, p. 452-460, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000200007>. Acesso em: 20 fev. 2022.

TAKAHASHI, Deborah. Libraries as Refuge for Marginalized Youth: Why It's Important for Library Staff to Continually Advocate for Marginalized Teens. **Young Adult Library Services**, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 36-39, 2017.

TAVARES, Maria de Fátima Lobato; ROCHA, Rosa Maria. Promoção da Saúde e a Prática de Atividade Física em Escolas de Manguinhos - Rio de Janeiro. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde; Organização Pan-Americana da Saúde, 2006. p. 155-180. (Série Promoção da Saúde, n. 6).

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

WARNER, Debra G. *et al.* High school peer tutors teach MedlinePlus: a model for Hispanic outreach. **Journal of the medical library association**, [S.l.], v. 93, n. 2, p.243-252, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1082942/>. Acesso em: 20 out. 2023.

WILLIS, Jill; HUGHES, Hilary; BLAND, Derek. Students reimagining school libraries as spaces of learning and wellbeing. *In*: HUGHES, Hilary; FRANZ, Jill; WILLIS, Jill. (Eds.) **School spaces for student wellbeing and learning: Insights from research and practice.** [S.l.]: Springer, 2019. p. 121–137. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1007/978-981-13-6092-3_7. Acesso em: 30 set. 2023.

WITTMANN, Paula; FISHER-ALLISON, Nancy. **Intentionally creating a safe space for all: The school library as refuge.** *Knowledge Quest*, [S.l.], v. 48, n. 3, p. 40–49, 2020. Disponível em: <http://knowledgequest.aasl.org/>. Acesso em: 30 set. 2023.

YIN, Roberto K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE A – Questionário do levantamento de iniciativas relacionadas a promoção da saúde na comunidade escolar - diretores

Levantamento de iniciativas relacionadas à promoção da saúde na comunidade escolar

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa “A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Florianópolis e o bibliotecário escolar: uma proposição de parceria”, associada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esse questionário integra uma das etapas do trabalho que tem por objetivo discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde das comunidades em que atuam. Trata-se de um tema pouco explorado, mas que contribuirá com discussões relevantes para a atuação do bibliotecário e a informação em saúde.

O estudo está sendo conduzido pela pesquisadora Daniela Capri, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho (PGCIN/UFSC).

A participação no estudo é voluntária e o preenchimento demanda cerca de 5 minutos. O fornecimento do e-mail visa apenas acompanhar a adesão dos diretores à pesquisa. Somente a mestranda e a professora orientadora terão acesso às respostas, que permanecerão anônimas no trabalho final.

Agradecemos antecipadamente a participação, que contribuirá para entender as ações de promoção da saúde desenvolvidas nas escolas de Florianópolis e a participação do bibliotecário nestas ações. Ficamos à disposição para esclarecimentos.

Daniela Capri
Mestranda em Ciência da Informação - PGCIN/UFSC
Especialista em Design de Interação - Univali
Bacharel em Biblioteconomia
E-mail: danielacapri.pesquisa@gmail.com
Telefone e Whatsapp (48) 99632-4740

* Indica uma pergunta obrigatória

1. *Marcar apenas uma oval.*

Declaro ter recebido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por e-mail e concordo em participar, como voluntário, da pesquisa, em andamento, acima descrita:

Reconhecimento da Unidade Escolar

Esta seção busca identificar brevemente a unidade escolar a ser estudada

2. 1. Qual a Escola Básica Municipal em que você atua como diretor?

3. 2. Qual o número de alunos matriculados na escola em 2022?

Considere todos os níveis de ensino oferecidos pela escola.

Marcar apenas uma oval.

- 0 a 250
- 251 a 500
- 501 a 750
- 750 a 1000
- Mais de 1000 alunos

4. 3. A escola em que você trabalha participa do Programa Saúde na Escola (PSE)?

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 5*
- Não *Pular para a pergunta 8*
- Não e não sei o que é o PSE *Pular para a pergunta 8*

Levantamento de iniciativas de Promoção da Saúde (PSE)

5. 4. Entre os anos de 2021 e 2022 a escola desenvolveu alguma iniciativa (ações, eventos, atividades) de promoção da saúde relacionadas ao PSE? *
- Considere iniciativas já finalizadas, em andamento ou planejadas até o fim do ano de 2022.

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 6*
- Não *Pular para a pergunta 8*

Levantamento de iniciativas de Promoção da Saúde (PSE)

6. 4.1. Quais são estas iniciativas?
- Descreva o nome de todas as iniciativas, objetivo, profissional responsável, tempo de duração e o público alvo. (contemple iniciativas entre 2021 e 2022 finalizadas, em andamento ou planejadas até o fim do ano de 2022)

7. 4.2. Quais profissionais (diretor, professores de matérias específicas, auxiliares, psicólogos, enfermeiros, bibliotecário, entre outros) se envolvem nestas ações?
- Indique a iniciativa, os profissionais envolvidos e as funções desempenhadas. (inclua iniciativas entre 2021 e 2022 finalizadas, em andamento ou planejadas até o fim do ano de 2022)

Levantamento de iniciativas promoção da saúde (escola)

8. 5. Entre os anos de 2021 e 2022 a escola desenvolveu projetos ou ações relacionadas à temática da saúde e/ou bem-estar que não estão ligadas ao PSE? (podem ser ações realizadas pela escola toda, por um setor específico, por um professor, entre outras). Considere iniciativas já finalizadas, em andamento ou planejadas até o fim do ano de 2022.

Marcar apenas uma oval.

Sim *Pular para a pergunta 9*

Não *Pular para a pergunta 11*

Levantamento de iniciativas promoção da saúde (escola)

9. 5.1. Quais são estas iniciativas?

Descreva o nome de todas as iniciativas, objetivo, profissional responsável, tempo de duração e o público alvo. (contemple iniciativas entre 2021 e 2022 finalizadas, em andamento ou planejadas até o fim do ano de 2022)

10. 5.2. Quais profissionais (diretor, professores de matérias específicas, auxiliares, psicólogos, enfermeiros, bibliotecário, entre outros) se envolvem nestas ações?

Indique a iniciativa, os profissionais envolvidos e as funções desempenhadas. (inclua iniciativas entre 2021 e 2022 finalizadas, em andamento ou planejadas até o fim do ano de 2022)

Informações adicionais

11. 6. Caso queira, acrescente neste espaço informações ou comentários sobre o assunto atividades de promoção da saúde na escola.

APÊNDICE B – Questionário de caracterização do(a) bibliotecário(a) entrevistado(a)

Questionário de caracterização dos(as) bibliotecários(as)

Gostaríamos de convidá-lo(a) a responder o Questionário de caracterização dos(as) bibliotecários(as) entrevistados.

Esse questionário constitui a segunda etapa da entrevista realizada previamente e integra o trabalho "A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Florianópolis e o bibliotecário escolar: uma proposição de parceria", associada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem por objetivo discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde das comunidades em que atuam. Trata-se de um tema pouco explorado, mas que contribuirá com discussões relevantes para a atuação do bibliotecário e a informação em saúde.

A participação no estudo é voluntária e o preenchimento demanda cerca de 10 minutos. O estudo está sendo conduzido pela pesquisadora Daniela Capri, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho (PGCIN/UFSC). O fornecimento do e-mail visa apenas acompanhar a adesão dos(as) bibliotecários (as) à pesquisa. Somente a mestranda e a professora orientadora terão acesso às respostas, que permanecerão anônimas no trabalho final.

Agradecemos antecipadamente a participação, que contribuirá para entender as ações de promoção da saúde desenvolvidas nas escolas de Florianópolis e a participação do bibliotecário nestas ações. Ficamos à disposição para esclarecimentos.

Daniela Capri
Mestranda em Ciência da Informação - PGCIN/UFSC
Especialista em Design de Interação - Univali
Bacharel em Biblioteconomia
E-mail: danielacapri.pesquisa@gmail.com
Telefone e Whatsapp (48) 99632-4740

* Indica uma pergunta obrigatória

Dados pessoais

1. 1. Nome *

2. 2. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

Outro

3. 3. Idade *

4. 4. Bairro em que mora *

Formação profissional

5. 5. Em qual instituição realizou sua formação em biblioteconomia? *

6. 6. Qual o ano de sua formação em biblioteconomia? *

Selecione o ano de sua colação de grau.

7. 7. Você possui outras graduações? *

Considera-se resposta positiva graduações concluídas ou em andamento.

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

8. 8. Em caso afirmativo, informe o(s) curso(s).

Indique todas as graduações realizadas, a instituição e ano de conclusão conforme exemplo:

Exemp Pedagogia (Universidade Federal de Santa Catarina, 2002) ; História (Universidade de São Paulo, 2005)

9. 9. Você possui especialização? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, concluída
 Sim, estou cursando
 Não

10. 10. Em caso afirmativo, informe o(s) curso(s).

Indique todas as especializações realizadas, a instituição e ano de conclusão conforme exemplo:

Pedagogia (Universidade Federal de Santa Catarina, 2020) ; História (Universidade de São Paulo, 2015)

11. 11. Você possui mestrado? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, concluído
 Sim, estou cursando
 Não

12. 12. Em caso afirmativo, informe o(s) curso(s).

Indique todos os mestrados realizados, a instituição e ano de conclusão conforme exemplo:

Ciência da Informação (Universidade Federal de Santa Catarina, 2020) ; História (Universidade de São Paulo, 2015)

13. 13. Você possui doutorado? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Estou cursando

14. 14. Em caso afirmativo, informe o(s) curso(s).

Indique todos os doutorados realizados, a instituição e ano de conclusão conforme exemplo:

Educação (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020) ; Ciência da Informação (Universidade de São Paulo, 2015)

15. 15. Você costuma participar de capacitações profissionais? *

Para este trabalho são consideradas capacitações as atividades, cursos, eventos, seminários, palestras, entre outras que estão relacionadas a sua atividade e contribuem para sua atuação.

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

16. 16. Se afirmativo, quem oferta estas capacitações?

Marque todas que se aplicam.

- Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF)
 Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF)
 Escola em que atuo
 Outras escolas da Rede Municipal de Florianópolis
 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
 Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)
 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)
 Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB)
 Outro: _____

17. 17. Em quais áreas você busca capacitação
Você pode selecionar quantas opções desejar para expressar a sua realidade.

Marque todas que se aplicam.

- Educação/Pedagogia
 Gestão
 Processamento técnico
 Leitura
 Literatura
 Disseminação de informação
 Tecnologia
 Outro: _____

18. 18. Você realizou ou recebeu algum treinamento sobre saúde ou informação *
para saúde?

Marcar apenas uma oval.

- Sim, antes da pandemia de Covid-19
 Sim, durante a pandemia de Covid-19
 Sim, antes e durante a pandemia de Covid-19
 Não

19. 19. Se afirmativo, indique qual(is) curso(s), instituição, e ano de realização

Experiência profissional

20. 20. Há quanto tempo é bibliotecário(a) da Rede Municipal de Educação? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 a 2 anos e 11 meses
 3 a 5 anos e 11 meses
 6 a 10 anos e 11 meses
 mais de 10 anos

21. 21. Porque optou por seguir carreira como bibliotecário escolar na Rede Municipal de Educação? *

Assinale todas as alternativas necessárias para representar melhor sua realidade

Marque todas que se aplicam.

- Estabilidade
- Remuneração
- Atividades desempenhadas
- Contato com o público infantil
- Potencial de mudanças na comunidade
- Desafios profissionais
- Outro: _____

22. 22. Você já ocupa ou ocupou outra função dentro da Rede Municipal de Educação? *

Você pode selecionar quantas opções desejar para expressar a sua realidade.

Marque todas que se aplicam.

- Coordenação ou orientação pedagógica
- Direção
- Docente
- Membro de Associação de pais e professores
- Programa Saúde na Escola
- Sindicato
- Não ocupei outra função
- Outro: _____

23. 23. Antes de ingressar na RMEF, atuou em outra(s) área(s) da biblioteconomia? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

24. 24. Em caso positivo, quais atividades você desempenhou?

Biblioteca e Projetos

25. 25. Quais são os projetos realizados pela biblioteca escolar em que você atua? *

Descreva o nome dos projetos, o objetivo, profissionais envolvidos, tempo de duração e o público alvo.

26. 26. A biblioteca escolar participa de projetos realizados pela escola? Em caso positivo, quais? *

27. 27. Quem compõe a equipe da biblioteca? *

Insira o nome e o cargo de cada um dos componentes da equipe

28. 28. Você participa das reuniões político pedagógicas da escola? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

29. 29. Em caso positivo, assinale a alternativa que melhor descreve sua participação nas reuniões.

Marcar apenas uma oval.

Participo de forma ativa, dou sugestões e ajudo na tomada de decisões.

Procuo intervir apenas quando há problemas mais delicados e relacionados à biblioteca.

Procuo intervir apenas quando minha ajuda ou opinião é solicitada.

Tenho medo de reações negativas e da responsabilidade. Procuo não tomar decisões.

30. 30. Em caso negativo, assinale a alternativa que melhor descreve porque você não participa das reuniões.

Marcar apenas uma oval.

Nunca fui convidado a participar e nunca perguntei se poderia.

Já perguntei se poderia participar e me informaram que as reuniões são para professores e coordenação.

Já participei de reuniões no passado mas não me encaixei e hoje não participo mais.

Nunca me informei se poderia participar.

Não tenho interesse em participar.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista da percepção dos bibliotecários relativas à promoção da saúde na comunidade escolar

1. Comente um pouco sobre a sua trajetória até se tornar bibliotecário escolar da Rede Municipal de Florianópolis e da sua trajetória na rede.
2. Quem são as pessoas atingidas/atendidas pela escola? E qual a sua relação com estas pessoas?
3. Para você, qual o papel do bibliotecário escolar na comunidade em que a escola está inserida?
4. Quando você ouve a palavra saúde o que te lembra ou vem a sua mente?
5. Como você observa o papel da escola como promotora da saúde dos alunos, estudantes e da comunidade em que ela está inserida?
6. Como você acredita que pode ser trabalhada a promoção da saúde na biblioteca escolar?
7. Na sua biblioteca, como acontece a promoção da saúde, da qualidade de vida e do bem-estar da comunidade escolar?
8. Como você descreveria sua preparação, suporte e apoio para promover saúde, qualidade de vida e bem-estar em sua biblioteca? (Universidade, Secretaria de Educação)
9. Quais obstáculos e desafios você, como bibliotecário, identifica para trabalhar com a temática promoção da saúde na biblioteca escolar?
10. Gostaria de falar algo mais sobre esse tema.

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-la(o) a participar da pesquisa intitulada “A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS E O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR: UMA PROPOSIÇÃO DE PARCEIRA”. A pesquisa está associada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo de responsabilidade da pesquisadora Daniela Capri sob orientação da pesquisadora Profa. Dra. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho. O trabalho busca discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde das comunidades em que atuam. Trata-se de um tema pouco explorado, mas que contribuirá com discussões importantes para a atuação do bibliotecário e a informação em saúde. A população do estudo são os diretores e Bibliotecários das Escolas Básicas Municipais (EBM) de Florianópolis. Para isso, será realizada pesquisa qualitativa na qual a coleta de dados será efetuada por meio de questionário online, entrevista semiestruturada e pesquisa documental.

Os riscos e desconfortos de participar da pesquisa serão mínimos, ou seja, eles poderão ocorrer em virtude do(a) entrevistado(a) ceder seu tempo e/ou sentir qualquer pequeno desconforto quando do uso das tecnologias, como a não familiaridade com algum recurso tecnológico ou cansaço visual durante a entrevista e/ou durante o preenchimento do questionário. É possível ocorrerem eventuais desconfortos e constrangimentos pelo fato de a entrevista ser gravada e por abordar temas relacionados a seu espaço de trabalho e sua atividade profissional, o que pode vir a evocar memórias e mobilizar sentimentos nem sempre agradáveis.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo figuram-se de forma indireta, seja pela contribuição do desenvolvimento científico na área de Biblioteconomia, como pela reflexão sobre a prática profissional do bibliotecário escolar no que se refere à promoção da saúde nas comunidades. O projeto possui grande relevância social e acadêmica, principalmente no tocante do conhecimento e reconhecimento do potencial de atuação dos bibliotecários escolares na promoção da saúde. Dessa forma, sua participação nesta pesquisa é de suma importância para a reflexão sobre o assunto.

A pesquisadora conduzirá a aplicação dos questionários e entrevistas visando minimizar os desconfortos e preservando sua integridade. Durante as atividades você sempre estará acompanhada(o) pela pesquisadora principal que prestará assistência necessária para realização das atividades e lhe esclarecerá qualquer dúvida sobre o projeto. Caso após a entrevista, seja percebida a mobilização de emoções que necessitem de acompanhamento psicoterapêutico, você poderá ser encaminhada(o) ao Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC) ou outro mais próximo da sua residência, a fim de garantir atendimento psicológico.

A qualquer momento você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Daniela Capri pelo telefone: (048) 99632-4740, pelo e-mail: danielacapri.pesquisa@gmail.com, endereço profissional: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro Ciências da Educação, Bloco B sala 204, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Campus Professor João David Ferreira Lima - Trindade - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil - CEP 88.040-900. Poderá também contatar ou dirigir-se ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) no Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 2/2 401, Trindade, Florianópolis/SC CEP 88.040-400, ou pelo e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br, ou ainda pelo número: + 55 (48) 3721-6094. O CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na

tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Sinta-se absolutamente à vontade para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Caso opte em deixar de participar da pesquisa você não terá qualquer prejuízo.

Solicitamos o seu consentimento para a gravação da entrevista por meio de gravador digital. O uso deste servirá a um maior resgate do conteúdo das falas para a posterior análise, através da transcrição a ser realizada. Reforçamos que a interrupção da gravação é permitida a qualquer momento da entrevista, caso sinta-se desconfortável ou desista da gravação.

Os pesquisadores estabelecem o compromisso em garantir acesso ao conteúdo das transcrições das entrevistas uma vez que estejam prontas; e o sigilo quanto à identificação em qualquer forma de divulgação dos resultados da pesquisa. Ressaltamos que os pesquisadores serão os únicos a ter acesso às informações das entrevistas e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo, todavia sempre existe a possibilidade, mesmo que remota, da quebra do sigilo involuntário e/ou não intencional, o que é contra o interesse ético da pesquisa e cujas consequências serão tratadas nos termos da lei. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros e/ou publicados em revistas científicas, entretanto mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisas. Ressaltamos que você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa, mas, em caso de despesas com transporte e/ou alimentação, decorrentes da participação da pesquisa, você será ressarcido integralmente pelos pesquisadores. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial comprovadamente decorrentes da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa e de acordo com o Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, o qual apresenta orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Duas vias deste documento, que possui duas páginas, estão sendo rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador responsável, lembre-se de guardar cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Eu, _____, li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido. Concordo em participar de forma voluntária da pesquisa podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Florianópolis, ____ de _____ de ____

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador responsável
Daniela Capri

APÊNDICE E – Lista completa da categorização dos temas e subtemas obtidos na coleta de dados

PERCEPÇÃO SOBRE SAÚDE

- Saúde Pessoal (4)
 - Bem-estar do corpo (3)
 - Qualidade de vida (2)
 - Saúde mental (1)
 - Felicidade (1)
- Saúde: Instituições (1)
 - Posto de saúde e profissionais da saúde (2)
- Saúde: Escola/Biblioteca (5)
 - Parceria saúde e educação (3)
 - Falta de investimento do governo (1)
 - Falta de capacitação (1)
 - Biblioterapia, saúde mental (1)
 - Acervo desatualizado (1)

ESCOLA

- Público(4)
 - Estudantes (6)
 - comunidade em geral (2)4
 - comunidade escolar (7)
 - família (4)
- Promoção da saúde
 - ações desenvolvidas (7)
 - Saúde bucal (8)
 - Saúde pública (5)
 - Saúde mental (4)
 - Nutrição (2)
 - Educação sexual (5)
 - Saúde do corpo (2)
 - Oftalmologista (2)
 - Desafios (2)
 - ações segmentadas (assunto e setor) (6)
 - falta de investimento (5)
 - Vantagens (4)
 - local adequado (4)
 - parceria saúde e educação (6)
 - parceria com universidades (3)
 - Programa Saúde na Escola (5)

BIBLIOTECA

- Público/Atendimento
 - comunidade escolar (8)
 - relacionamento
 - boa relação (6)
 - relação profissional (1)
 - envolvimento afetivo (2)
 - desafios (1)
 - carga horária insuficiente (1)
 - comunidade em geral (2)
 - não atende (4)
 - falta de estrutura/pessoal (7)
- Promoção da saúde
 - Ações (2)
 - Desenvolvidas (9)
 - atividades de leitura, contação de história e biblioterapia (3)
 - disponibilização de acervo (2)
 - entrega de material informacional (2)
 - espaço acolhedor (3)
 - palestras/conversas com profissionais/oficinas (2)
 - pesquisa (4)
 - promover a ludicidade (2)
 - seleção de material (2)
 - trabalho em parceria escola (11)
 - Sugeridas (9)
 - atividades de leitura, contação de história e biblioterapia (4)
 - disponibilização de acervo (3)
 - entrega de material informacional (1)
 - espaço acolhedor (1)
 - palestras/conversas com profissionais/oficinas (7)
 - pesquisa (1)
 - promover a ludicidade (4)
 - utilizar o espaço físico e digital (1)
 - parcerias (10)
 - Desafios (12)
 - muita demanda (8)
 - falta de recursos (8)
 - receio da repercussão e opiniões contrárias (7)
 - espaço físico inadequado (4)
 - falta de investimento: acervo (4)
 - não considera serviço da biblioteca (4)
 - setor responsável (4)
 - falta de preparo do bibliotecário para trabalhar com o tema (3)
 - planejamento (3)
 - carga horária insuficiente (2)
 - nenhum (2)
 - falta de interesse da escola pelo tema (1)
 - Vantagens (1)
 - Vê potencial (6)

BIBLIOTECÁRIO

- Trajetória
 - Segunda Graduação
 - Áreas Distintas (2)
 - Área da Saúde (1)
 - Experiência em biblioteca
 - com experiência anterior (5)
 - sem experiência anterior (5)
 - Mudança de escola
 - Motivo: proximidade de casa (4)
 - Motivo: questão afetiva (2)
 - Motivo: escola menor (1)
 - Motivo: não identificado (1)
 - Permanece na mesma escola (2)
 - Desempenhou outras funções dentro da escola (2)
- Papel
 - incentivo à leitura (9)
 - promover a cultura da história (7)
 - dar acesso à informação (5)
 - educador (4)
 - acolhimento (3)
 - papel social (2)
 - incentivar o lúdico (2)
 - suporte/apoio (2)
 - Desafios
 - Covid-19 (3)
 - Fragilidade da biblioteca (1)
- Preparo para trabalhar o tema saúde
 - Situação atual
 - existe suporte da SME e PMF (4)
 - falta de preparo (3)
 - se sente seguro pela formação acadêmica (1)
 - Capacitação
 - bibliotecários não recebem capacitação para trabalhar o tema saúde (7)
 - PMF - formações em áreas que não a da saúde (5)
 - Sugestão: oportunizar formações e espaços de discussão na área da saúde (3)

ANEXO A – Autorização da secretaria municipal de educação de Florianópolis

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE GESTÃO ESCOLAR
GERÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
Rua Ferreira Lima, 82 – Centro
CEP 88014-420 – Florianópolis – SC
Telefones: (48) 32120922 – (48) 32120923**

Florianópolis, 24 de maio de 2022.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (Gerência de Formação Continuada), tomei conhecimento do projeto de pesquisa: “A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Florianópolis e o bibliotecário escolar: uma proposição de parceria”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), nível de mestrado no período de 2022. A pesquisadora Daniela Capri está sob orientação da Prof^a Dra. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho. Cumprirei os termos das Resoluções CNS n° 466/2012, n° 510/2016 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Documento assinado digitalmente
gov.br Fabrícia Luiz Souza
Data: 24/05/2022 15:11:55-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Fabrícia Luiz Souza - Diretora
Diretoria de Gestão Escolar
Matrícula 15829-1

ANEXO B – Parecer consubstanciado número 5.568.783 (CEPSH-UFSC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Promoção da Saúde na Rede Municipal de Florianópolis e o bibliotecário escolar: uma proposição de parceria

Pesquisador: Daniela Capri

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59642822.7.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.521.731

Apresentação do Projeto:

Dissertação de mestrado de Daniela Capri do Curso de Pós Graduação em Ciência da Informação, orientada por Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho.

RESUMO

O ambiente escolar, por ser um espaço em que os atores estão abertos a aprender, é considerado propício para práticas de promoção e educação em saúde, neste contexto está inserida a biblioteca escolar que tem como premissa a disseminação de informações para diminuir desigualdades e promover cidadania. Para que esta condição venha a ser atingida é necessário que profissionais qualificados trabalhem nestes espaços, e o profissional qualificado neste caso é o bibliotecário escolar. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde das comunidades em que atuam. Buscando atingir este objetivo será realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica a fim de verificar nacional e internacionalmente iniciativas de promoção de saúde desenvolvidas por bibliotecários em escolas; como segunda etapa será aplicado um questionário com diretores das Escolas Básicas Municipais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) tendo como premissa, identificar iniciativas de atenção primária de saúde desenvolvidas nas escolas municipais de Florianópolis e entender a participação do bibliotecário nestas ações. Serão entrevistados bibliotecários atuantes na RMEF para entender sua atuação e entendimento sobre o tema saúde e a

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.521.731

partir de suas respostas discutir a percepção dos bibliotecários escolares da RMEF sobre seu papel na promoção da saúde da comunidade. Como resultados da pesquisa espera-se obter um panorama de ações de promoção de saúde desenvolvidas por bibliotecários em escolas e realizar uma discussão sobre o papel e potencial de atuação destes profissionais como interlocutores para promoção de saúde e qualidade de vida no ambiente escolar.

Estudo retrospectivo e prospectivo, com previsão de 28 participantes, sendo 14 diretores de escola e 14 bibliotecários.

Critérios de inclusão: diretores das escolas básicas e os bibliotecários da Escolas Básicas Municipais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) .

Critérios de exclusão: nada consta.

Os participantes serão submetidos a: questionários, entrevistas semi-estruturadas, gravações de áudio.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Discutir o potencial de ação dos bibliotecários escolares municipais de Florianópolis na promoção da saúde das comunidades em que atuam.

Objetivo Secundário:

- a) Verificar nacional e internacionalmente iniciativas de promoção de saúde desenvolvidas por bibliotecários em escolas;
- b) Identificar iniciativas de atenção primária de saúde desenvolvidas nas escolas municipais de Florianópolis;
- c) Discutir a percepção dos bibliotecários escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) sobre seu papel na promoção da saúde da comunidade.

Metodologia Proposta:

A pesquisa caracteriza-se como aplicada, exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados será realizada pesquisa bibliográfica e questionário e entrevista. O trabalho

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.521.731

será desenvolvido três etapas: A primeira etapa da pesquisa será realizada com o propósito de recuperar estudos publicados que contenham iniciativas desenvolvidas em escolas por bibliotecários e que possam contribuir para a discussão do papel e do potencial de ação do bibliotecário escolar na promoção de saúde. A coleta de dados por questionário e entrevista será realizada tendo como universo a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF). Essa rede é formada por três diferentes níveis de ensino, os Núcleos de Educação Infantil Municipais (NEIM), as Escolas Básicas Municipais (EBM) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O foco desta pesquisa está nas Escolas Básicas Municipais (EBM), onde estão alocados os bibliotecários concursados da rede municipal de ensino que fazem parte do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DEBEC). A RMEF conta com 37 escolas básicas distribuídas nas cinco regiões da cidade (norte, sul, leste, central e continental). De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Florianópolis, em 2020, a rede de bibliotecas escolares contava com 30 bibliotecários, para atender as 37 unidades educativas. Destes 30 profissionais, 27 atuavam dentro de unidades educativas de educação fundamental, dois na biblioteca central da SME, no Centro de Educação Continuada, e um no Polo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). (FLORIANÓPOLIS, 2021). A população da pesquisa será composta por dois grupos, os diretores das escolas básicas e os bibliotecários da rede municipal. Na primeira etapa será realizada pesquisa de levantamento de iniciativas de atenção primária à saúde em uma amostra de 14 escolas, por meio do envio de questionário eletrônico, via Google Formulário, enviado aos diretores das EBM selecionadas. Após mapeadas as iniciativas, serão realizadas entrevistas em profundidade com os 14 bibliotecários das escolas selecionadas. De acordo com Hernández Sampiere, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013) na pesquisa qualitativa não existem parâmetros definidos para o tamanho da amostra, no entanto os autores sugerem pesquisas em profundidade entre seis e dez casos, para esta pesquisa foram selecionados 14 casos visando ampliar o entendimento sobre a visão dos bibliotecários, por isso optou-se por trabalhar com metade das escolas que possuem bibliotecário. Buscando representatividade serão contempladas quatro escolas da região norte (a qual registra o maior número de alunos matriculados), três escolas de cada uma das regiões: sul, leste e central e uma escola da região continental, a única da localidade. Para seleção das escolas que contemplarão a amostra serão considerados os seguintes critérios nesta ordem: 1) Escolas com alunos de 1º a 9º ano (Ensino Fundamental I e II); 2) Escolas próximas aos Centros de Saúde com maior número de registro de atendimentos em 2021; 3) Escolas com o maior número de alunos da região; 4) Escolas com bibliotecário atuante há mais de três anos (ter cumprido o estágio probatório) na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Os dados coletados serão analisados por meio de análise de

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.521.731

conteúdo de Bardin. A pesquisa seguirá os procedimentos éticos, estabelecidos na Resolução n. 466, de 12 dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes e normas regulamentadoras para assegurar o respeito pela dignidade humana e a proteção aos participantes da pesquisa e aos pesquisadores. Para as etapas que ocorrem em ambiente virtual serão observados os procedimentos estabelecidos pelo Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Ampliar a análise de riscos no projeto, no formulário da Plataforma Brasil e no(s) TCLE(s) (v. lista de pendências).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários adicionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Consta declaração da instituição onde será realizada a pesquisa, autorizando a pesquisa e comprometendo-se a cumprir os termos da res. 466/12.

O cronograma informa que a coleta de dados acontecerá a partir de 01/07/2022.

O orçamento informa despesas de R\$ 750,00 com financiamento próprio.

Consta do processo o questionário a ser aplicado aos participantes.

Consta do processo o roteiro da entrevista a ser realizada com os participantes.

O TCLE apresentado não cumpre todas as exigências da res. 466/12 (v. lista de pendências).

Recomendações:

Recomendamos a leitura cuidadosa das resoluções 466/12 e 510/16 (ciências humanas e sociais aplicadas), e do 'Manual do Pesquisador', disponíveis na página do CEPESH/UFSC.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 5.521.731

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Incluir no(s) TCLE(s) algum endereço físico dos pesquisadores. No caso de pesquisas clínicas, devem ser fornecidos endereços de contato para assistência 24 horas por dia, 7 dias por semana (item 1.17, pág. 30, do "Manual de orientação: pendências frequentes em protocolos de pesquisa clínica", CONEP, 2015, disponível na Plataforma Brasil). No caso de pesquisas que não envolvam intervenções clínicas, pode ser informado o endereço pessoal ou profissional detalhado (departamento, prédio, bloco, sala etc.) dos pesquisadores.

Apresentar folha de rosto assinada pela autoridade competente. Para TCCs, o representante da instituição deve ser o coordenador do curso de graduação (ou seu substituto); para trabalhos especialização, mestrado ou doutorado, pelo coordenador do curso de pós-graduação (ou seu substituto); para projetos de pesquisa de docentes em seus departamentos, pelo chefe de departamento (ou seu substituto).

Adequar o cronograma da pesquisa no formulário da Plataforma Brasil, no projeto de pesquisa e em eventuais outros documentos anexados, levando em conta o tempo de tramitação do processo no CEP (regimentalmente, a validação documental deve ser feita em até 10 dias e a liberação do parecer em até 30 dias após esse evento; prever, portanto, até 40 dias de prazo para a liberação do parecer).

Incluir na análise de riscos, particularmente no(s) TCLE(s), alerta sobre eventuais desconfortos e constrangimentos a que podem os participantes podem estar sujeitos.

Incluir na análise de riscos, particularmente no(s) TCLE(s), alerta de que os procedimentos podem evocar memórias e mobilizar sentimentos nem sempre agradáveis nos participantes.

Incluir no(s) TCLE(s) esclarecimento sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes da pesquisa (item IV.3.c da res. 466/12 e art. 17º., inc. V da res. 510/16).

Encaminhar declaração dos pesquisadores com o compromisso de que o acesso ao questionário online só será liberado aos participantes após os pesquisadores receberem um e-mail deles concordando com os termos do TCLE, previamente enviado através do e-mail dos pesquisadores. Tal procedimento visa a caracterização do acordo estabelecido entre pesquisador(es) e participante

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**



Continuação do Parecer: 5.521.731

(s) através dos seus endereços eletrônicos, já que estes são considerados meios rastreáveis de comunicação, que garantem a autenticidade e tempestividade dos documentos, uma vez que incluem informações de data e hora de envio/recebimento, sendo acessáveis somente por meio de usuário e senha.

Incluir carta de resposta às pendências listando as pendências levantadas e as providências tomadas para resolvê-las.

Esclarecemos que o CEPESH está sob fiscalização da CONEP e tem a obrigação de verificar se todos itens exigidos estão de acordo com a legislação, sob pena de sanções tais como suspensão ou descredenciamento, o que seria extremamente prejudicial a toda a comunidade acadêmica da UFSC e de outras instituições que utilizam seu serviço.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1956266.pdf	10/06/2022 15:15:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_2.pdf	10/06/2022 15:08:01	Daniela Capri	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	10/06/2022 14:58:19	Daniela Capri	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado_assinado.pdf	10/06/2022 14:51:04	Daniela Capri	Aceito
Outros	gravacao_de_imagem.pdf	30/05/2022 17:08:36	Daniela Capri	Aceito
Outros	Utilizacao_de_dados.pdf	30/05/2022 17:07:17	Daniela Capri	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAO_PARA_COMITE_DE_ETICA_UFSC_assinado.pdf	30/05/2022 16:36:19	Daniela Capri	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.521.731

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 11 de Julho de 2022

Assinado por:
Luciana C Antunes
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br